

CÍNTIA GEMMO VILANI

**NOS BASTIDORES DA FÉ:
COMPREENDENDO A MANIFESTAÇÃO DA RELIGIÃO NO
CASAMENTO EVANGÉLICO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob orientação da Prof^a Dr^a Rosane Mantilla de Souza.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica

São Paulo - 2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ERRATA

Folha	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
36	18	“Deus é o Amor”	“Deus é Amor”
39	01	“Deus é o Amor”	“Deus é Amor”
59	20	Pais	Paes

Comissão Julgadora

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local e data: _____

cgvilani@uol.com.br

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação teve uma longa gestação e sou muito grata a todos que colaboraram para o êxito deste trabalho.

Em primeiro lugar a Deus, criador de todo o Universo, por estar sempre comigo nesta caminhada tanto nos momentos bons e nos difíceis. Poder vivenciar que Ele cuida de nós e que tem o melhor para aqueles que O amam é uma grande gratificação.

À minha amada orientadora, Rosane Mantilla de Souza, a quem agradeço com maior e sincero sentimento de reconhecimento pelos seus ensinamentos sempre reflexivos, pontuais e preciosos, pela sua infinita ajuda e companheirismo em todos os momentos e pela mega paciência de ensinar a 'mascotinha' a dar passos de 'gente grande'.

Aos meus pais Cérgio e Ângela pelo amor, pela formação enquanto pessoa, incentivo e compreensão; às minhas lindas primas Isabele e Lilibete, pelos comentários juvenis à flor da pele e calorosas discussões; aos meus avós e família pelo apoio em todos os momentos desta fase de vida importante e gratificante.

Ao meu querido e amado pastor Itamar José Dantas de Carvalho, pela infinita paciência, carinho, instrução e oração, nos momentos de dificuldade e nas alegrias de convívio compartilhado, meu especial e eterno agradecimento.

Às minhas *psicoleguinhas* de curso, em especial, à Valéria, Rosalba, Carol Luz, Polly e Ju Simões e, minhas maninhas na fé Angel, Kelly Faustino, Amanda Goés, Beatriz Lima e Amanda Xavier que se tornaram minhas amigas e ajudaram a encurtar a distância Curitiba – São Paulo.

Ao Sillas, meu amigo, guarda-costas, segurança e companheiro de aventuras que se dispôs a acompanhar e a incentivar este trabalho com instigantes interlocuções, enriquecendo o trabalho com experiências demarcadas por um longo aprendizado por meio de conselhos, avisos e alertas, uma eterna e sincera gratidão.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra aos meus maravilhosos
e incomparáveis pais:
Cérgio e Ângela

*O mal de quase todos nós é que
preferimos ser arruinados pelo elogio
a sermos salvos pela crítica.*

Norman Vincent (1898-1993)

RESUMO

Pesquisadores têm estudado sobre a interface da religião nos casamentos, identificando-se que a filiação religiosa pode ser um fator importante para a relação conjugal. A proposta desta dissertação foi de levantar elementos que favorecessem problematizar temas de satisfação conjugal e de conflitos entre pessoas casadas e evangélicas, de modo a obter material para orientação e desenvolvimento de programas de qualidade de vida conjugal. Para isso foram utilizados questionários para obter informações sobre os participantes, tais como, dados demográficos (idade, gênero, financeiro dentre outros), comportamentos passados e previsão de comportamentos futuros, de acordo com as crenças pessoais de cada participante, utilizando-se também a Escala de Ajustamento Conjugal de Spanier, (*DSS - Dyadic Satisfaction Scale*, 1976). A amostra foi composta por 35 participantes, 16 homens e 19 mulheres, com idade média de 36,80 anos, com desvio médio de 10,253, sendo que 9 eram seguidores da corrente neo-pentecostal, 10 de igreja tradicional e 16 da igreja pentecostal, sendo sub-divididos em grupos em relação à satisfação conjugal. Trabalhamos com a temática da satisfação conjugal como elemento central tendo o presente trabalho, corroborado com a maioria dos aspectos já afirmados em pesquisas anteriores, com destaque para as relações de gênero como variável diferencial da conjugalidade, surpreendendo o número maior de mulheres satisfeitas em relação aos homens, a influência da religião pode ser notada no que se refere aos modelos paternos de identificação, atuando como rede de apoio e formação de valores morais e éticos. Em relação aos tipos de conflito e formas de enfrentamento a amostra evangélica é similar aos dados de casais, independente da variável religiosa.

Palavras - chave: satisfação conjugal, religião, relação de gênero

ABSTRACT

Researchers have studied about the interface of religion in weddings, identifying that religious affiliation may be an important factor in the marital relationship. The purpose of this dissertation was to raise the elements that would promote discuss issues of marital satisfaction and conflict among married people and evangelical in order to obtain material for guidance and development of quality programs for married life. For this we used questionnaires to obtain information on participants, such as demographics (age, gender, financial and others), past behaviors and predicting future behavior, according to the personal beliefs of each participant, using also the Marital Adjustment Scale of Spanier (DSS - Dyadic Satisfaction Scale, 1976). The sample comprised 35 participants, 16 men and 19 women, mean age 36.80 years, with average deviation of 10.253, while 9 were followers of the neo-Pentecostal, 10 and 16 traditional church of the Pentecostal church, being subdivided into groups in relation to marital satisfaction. We work with the theme of marital satisfaction as the key as the present work, corroborated with the most points already stated in previous research, with emphasis on gender relations as a variable differential marital, surprising the greater number of women satisfied with respect to men, the influence of religion can be seen in relation to paternal identification models, acting as a support network and training for moral and ethical values. The kinds of conflict and ways of facing the evangelical sample is similar to that of couples, regardless of religious variable.

Key - words: marital satisfaction, religion, gender relations

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

O CASAMENTO: ONTEM E DE HOJE

Histórico	07
Estudos empíricos sobre religião e casamento	12

CAPÍTULO II

RELACIONAMENTO CONJUGAL

Construção do Casal.....	15
Ciclo Vital da Família	17
Conflitos	19
Recursos de Enfrentamento.....	23
Satisfação Conjugal	26
Avaliando a Satisfação Conjugal.....	30

CAPÍTULO III

O MOVIMENTO EVANGÉLICO E O CASAMENTO

Os cristãos-evangélicos.....	33
Do protestantismo ao movimento pentecostal.....	35
As Igrejas Pentecostais.....	38
As Igrejas Neo-pentecostais	40
Visão evangélica sobre o casamento.....	46

CAPÍTULO IV

Justificativa.....	54
--------------------	----

CAPÍTULO V

Objetivo Geral.....	56
---------------------	----

Objetivo Específico.....	56
--------------------------	----

CAPÍTULO VI

MÉTODO E MATERIAL

Método.....	57
-------------	----

Participantes.....	57
--------------------	----

Procedimentos.....	58
--------------------	----

Instrumento.....	59
------------------	----

Análise dos Resultados.....	61
-----------------------------	----

CAPÍTULO VII

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil Demográfico.....	62
-------------------------	----

Religião.....	68
---------------	----

Conjugalidade.....	77
--------------------	----

Satisfação conjugal.....	80
--------------------------	----

Satisfação conjugal em Relação ao Gênero.....	82
---	----

Satisfação conjugal e Ajustamento Conjugal	87
Religião e Satisfação conjugal	88
Conflitos	95
Enfrentamento.....	103

CAPÍTULO VIII

Conclusões Gerais.....	108
------------------------	-----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114
---	------------

ANEXOS

Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A).....	122
Instrumento de Aplicação da Pesquisa (ANEXO B)	123
Contraste obtido entre mulheres satisfeitas e insatisfeitas (ANEXO C).....	135
Contraste obtido entre homens satisfeitos e insatisfeitos (ANEXO D)	138

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1.0 Modelo de Coping de acordo com Lazarus e Folkman (1984).	24
GRÁFICO 1.0. Idade	63
GRÁFICO 2.0. Estado Civil	64
GRÁFICO 2.1. Número de Filhos.....	64
GRÁFICO 3.0. Escolaridade.	65
GRÁFICO 4.0. Condição Física	65
GRÁFICO 5.0. Tempo de Trabalho.....	66
GRÁFICO 6.0. Situação Financeira e Profissional	67
GRÁFICO 7.0. Religião	69
GRÁFICO 8.0. Religião e Nível de Escolaridade	71
GRÁFICO 9.0. Orientação Religiosa do Cônjuge.....	72
GRÁFICO 10.0 Casamento na Igreja.....	73
GRÁFICO 11.0. Religião no Casamento.....	74
GRÁFICO 12.0. Tempo que se conheciam..	78
GRÁFICO 13.0. Idade que o participante se casou..	78
GRÁFICO 14.0. Tempo de Casamento.....	79

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.0. Tempo de Trabalho versus Sexo.....	66
TABELA 2.0. Situação econômica versus Idade	67
TABELA 3.0 Princípio religiosos na vida atual separados por gênero	75
TABELA 4.0 Influência da religião na vida pessoal.....	76
TABELA 5.0 Princípios religiosos que influenciam na vida conjugal.....	80
TABELA 6.0 Contrastes entre mulheres satisfeitas e insatisfeitas	84
TABELA 7.0 Contrastes entre homens satisfeitos e insatisfeitos.....	85
TABELA 8.0 Itens de Ajustamento Conjugal.....	87
TABELA 9.0 Satisfação conjugal e elementos de Ajustamento Conjugal	88
TABELA 10.0 Satisfação conjugal e elementos de Ajustamento Conjugal em relação ao gênero e idade	88
TABELA 11.0 Educação religiosa em relação ao nível de satisfação	90
TABELA 12.0 Formação religiosa de origem em relação ao nível de satisfação conjugal.....	91
TABELA 13.0 Formação religiosa atual em relação ao nível de satisfação conjugal.....	92
TABELA 14.0 Comemoração de Datas Religiosas em relação ao nível de satisfação conjugal.....	93
TABELA 15.0 Participação do cônjuge em datas comemorativas em relação ao nível de satisfação conjugal.....	94
TABELA 16.0 Influência da religião na vida pessoal em relação ao nível de satisfação	94
TABELA 17.0 Vida conjugal do casal em relação ao gênero	97

TABELA 18.0 “Como a situação foi resolvida” em relação ao gênero.....	98
TABELA 19.0 Visão da situação em relação ao gênero.....	101
TABELA 20.0 Visão da situação pelo prisma do cônjuge em relação ao gênero	102
TABELA 21.0 “Com quem você conversa sobre problemas conjugais” em relação ao gênero.....	104
TABELA 22.0 “Quem geralmente o ajuda/orienta sobre problemas conjugais” em relação ao gênero.	105

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1.0. Desenvolvimento da religião evangélica.....	35
---	----

INTRODUÇÃO

O casamento pode ser considerado uma instituição social em constante transformação. Sua definição não é única, visto que se articula no plano econômico, cultural e psicológico, sendo necessário considerar as suas funções de socialização, de reprodução ideológica e econômica. Os valores culturais, em função dos quais se define o papel e a estrutura familiar decorrentes do casamento modificaram-se em diversas épocas históricas. Atualmente, a diversidade de arranjos conjugais tem sido alvo de preocupação de muitos líderes religiosos cristãos e de pesquisadores que lidam com o impacto da religião na sociedade.

Os preceitos existentes em cada sociedade cristalizam diferenças estruturais e funcionais no relacionamento conjugal. Tratam-se, dentre outros, de normas jurídicas, médicas, psicológicas, pedagógicas e principalmente religiosas dada à influência que a religião exerce na formação, manutenção e transformação das regras morais e éticas presentes em diversos países e, principalmente, no Brasil, local da presente pesquisa. Como resultante da interação destes fatores com a localização geográfica das moradias e das características socioeconômicas, os casamentos com influência religiosa adquirem expressões multidimensionais, complexas e variáveis, que exigem uma óptica sistêmica para sua compreensão a qual é a opção teórica de nosso trabalho.

No plano dos relacionamentos, o casamento busca assegurar a continuidade e o crescimento dos indivíduos. Para compreender como ele funciona na díade, é preciso estudar as interações e os padrões difusos de relacionamento

desenvolvidos entre os diferentes subsistemas das famílias de origem e levados ao casamento pelos cônjuges.

Uma das principais características, indicada pelos pesquisadores como definidora dos relacionamentos amorosos e conjugais da atualidade, refere-se à demanda de satisfação conjugal. Ela implica em um processo no qual os parceiros sentem as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como correspondem, em maior ou menor escala, ao que o outro espera, definindo um dar e receber recíproco e espontâneo (Norgren, 2002).

Considerando as regras morais de valorização religiosa do casamento entre os cristãos e, ao mesmo tempo o aumento de divórcio também entre eles, torna-se relevante compreender os motivos de insatisfação conjugal.

No Brasil não foram identificados estudos acadêmicos publicados sobre as relações entre religião e divórcio. Porém, ao contrário da visão de muitos líderes religiosos, insatisfação conjugal produz conflito intra ou interpessoal, mas não necessariamente causa divórcio, como indica o grande estudo longitudinal de Hetherington (Hetherington e Kelly, 2003).

A grande quantidade de publicidade nas diferentes mídias indica a preocupação de líderes religiosos em evitar que o divórcio torne-se um meio cada vez mais usual de resposta à insatisfação conjugal. Na literatura religiosa frequentemente parte-se do pressuposto de que este é provocado por conflitos

conjugais. Tais conflitos estariam relacionados com o nível de satisfação/insatisfação conjugal percebido pelo casal.

Pesquisas internacionais, no entanto, apontam que, em casais cristãos, a religiosidade influencia nos elementos de satisfação conjugal (Wolfinger & Wilcox, 2008; Booth, 1995; Dudley & Kosinski, 1990, Heaton & Pratt, 1990). Além disso, alguns pesquisadores brasileiros concluíram que a religiosidade atua como fonte de controle, influenciando atitudes e comportamentos, assim como foi verificado que, entre os evangélicos, está presente de forma tão implícita que é difícil dissociar os comportamentos adotados pelos cônjuges pelo desejo próprio ou por imposição das regras morais religiosas (Massimi & Mahfoud, 1999, Banaco, 1996).

Em estudo multicultural sobre casamento de longa duração, Sharlin et al. (2000) identificaram que a filiação religiosa é fator importante para a relação conjugal satisfatória, e não necessariamente a pertinência uma religião específica, posto que o trabalho foi realizado com participantes que professavam credos diferentes: católicos, protestantes ou judeus.

Usando o mesmo procedimento no Brasil, Norgren (2002) obteve que, quando se comparavam casais satisfeitos e insatisfeitos no que se refere a recursos individuais e sociais foi encontrada relação significativa entre as variáveis - “praticante na religião” e “nível de satisfação do casal”. Tratou se de uma amostra de maioria católica, e entre estes, se verificou que a totalidade dos

casais satisfeitos era praticante, enquanto, entre os insatisfeitos, a maioria não era praticante.

Considerando a indissolubilidade de casamento entre católicos, Norgren et all. (2004) discutem que os casais satisfeitos provavelmente assumem realmente os valores de sua religião, ou seja, compreendem o casamento como um sacramento indissolúvel. Além disso, há que se considerar que casais praticantes em termos de religião devem fazer parte de uma comunidade que constitui uma rede de apoio nos momentos de crise e reforça as expectativas em relação à permanência do relacionamento conjugal. (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004)

Em vista destes resultados e de não terem sido identificados estudos com outras crenças no Brasil, é que nos propusemos a produzir conhecimento acerca de casamentos evangélicos, considerando o elevado número de grupos religiosos com esta opção em nosso país. Esta escolha também é consequência da revisão de literatura realizada no banco de dados da Biblioteca Virtual de Saúde da Psicologia (BVS-PSI), na qual identificamos que os evangélicos estão fazendo uma releitura dos princípios religiosos cristãos com a finalidade de incorporá-los aos modelos de relação de gênero, divisão sexual e moralidade sexual (Pinezi-Barbosa, 1999), tornando relevante considerar melhor como isto está sendo processado.

Para os evangélicos, o relacionamento conjugal entre dois indivíduos ocorre somente após o casamento realizado perante as leis dos

homens, estabelecido pela cerimônia civil, e diante das leis divinas, pela cerimônia religiosa que é uma opção, mas, considerada um momento importante na vida cristã.

Para as igrejas evangélicas, o casamento é a união de dois indivíduos que têm como objetivo a satisfazer as pessoas envolvidas, além de um propósito espiritual, o de servir como referência e testemunho de vida para os demais casais (Chapman, 2008). Além disso, a maioria de seus praticantes afirma que a igreja assume o papel de comunidade terapêutica, auxiliando e sinalizando apoio aos casais.

Em vista do exposto, a proposta deste Mestrado tornou-se levantar elementos que favoreçam problematizar temas de satisfação conjugal e de conflitos entre pessoas casadas e que professam ser evangélicas, de modo a obter material para orientação de casais e desenvolvimento de programas de qualidade de vida conjugal.

Um panorama melhor deste trabalho é apresentados em capítulos, a seguir resumidos. O primeiro capítulo, O casamento: Ontem e Hoje, apresenta o histórico do casamento e dos relacionamentos conjugais enquanto o segundo capítulo, Relacionamento Conjugal apresenta os principais aspectos de relacionamento conjugal relativos à construção da conjugalidade, ciclo vital e conflitos conjugais bem como os fatores de satisfação conjugal com a finalidade de se levantar elementos que favoreçam a discussão do papel da religião em casamentos evangélicos.

O terceiro capítulo, Movimento evangélico e Casamento, apresentam as principais características e a divisão existente na corrente cristão-evangélica as quais se referem os participantes envolvidos na pesquisa deste trabalho: pentecostais e neo-pentecostais.

No quarto, está descrito a justificativa social da importância desta pesquisa e o problema empírico delimitado a partir da revisão de literatura apresentada nos capítulos anteriores.

No quinto capítulo estão descritos os objetivos gerais e específicos desta pesquisa e, no sexto capítulo, Método e Material há a descrição sobre método, participantes, procedimentos, instrumentos e a forma de análise dos resultados obtidos.

No sétimo capítulo, Resultados e Discussão, serão apresentados os dados obtidos por meio da pesquisa realizada, confrontando-os com os encontrados na literatura científica com a finalidade de explorar e compará-los.

E, no oitavo capítulo, Consideração Finais, a pesquisadora sinaliza que os objetivos desta Dissertação foram alcançados, revelando a possibilidade de futuras pesquisas para análises mais complexas a respeito da manifestação religiosa na conjugalidade e em casamento evangélicos, visto que o trabalho fornece subsídios teóricos para isso.

I. O CASAMENTO: ONTEM E DE HOJE

Histórico

Estudos de psicologia do desenvolvimento têm apontado durante décadas, a necessidade de o ser humano ser aceito pelo outro, estar unido em grupo, o que faz com que vivencie diferentes relações interpessoais ao longo de sua vida. Uma destas relações, vividas de forma mais intensa, é o relacionamento conjugal, porém, é importante sinalizar que seu estudo exige um olhar acurado devido ao aspecto caleidoscópico que apresenta.

O casamento é a instituição social que formaliza o vínculo entre os parceiros, autoriza a expressão dos sentimentos, normatiza a expressão da sexualidade e delimita a transmissão do patrimônio. Pode ser considerada uma instituição humana universal à medida que seus rituais são identificados entre todos os grupos organizados (Peirano, 2003).

Segundo Rodolpho (2004), socialmente, os rituais concedem autoridade e legitimidade quando estruturam e organizam a posição de certas pessoas, os valores morais e a visão de mundo, colaborando para que a coletividade possa trazer os diversos acontecimentos cotidianos que envolvem cada um, para dentro de uma esfera social ordenada e organizada. Dentre os rituais, os que celebram o casamento são dos mais freqüentes nas sociedades, dada sua

centralidade para o reconhecimento do status adulto para o indivíduo e para a inserção e continuidade da família.

O historiador francês, Michel Rouché (2005) afirmou que o casamento cristão, como o conhecemos, foi uma solução encontrada pela igreja inicial para substituir os antigos costumes poligâmicos, considerados pagãos. O casamento cristão compartilha elementos com o judaísmo, à medida que se baseia em aspectos do Antigo Testamento como o Levítico, no qual encontram-se as interdições das relações entre homens, do coito na fase menstrual, do incesto e adultério, ao mesmo tempo em que incorpora aspectos do Novo Testamento (I Coríntios 7; Efésios 5.21-33; Colossenses 3 e I Pedro 3.1-7).

No início da cristianização da Europa, o casamento permanecia uma cerimônia familiar. A participação do clero no ritual foi ocorrendo durante a Idade Média, tendo como principais elementos a necessidade da benção religiosa do leito nupcial a partir do Século VII. No século XII, durante o Concílio de Verona, o casamento adquiriu o status de sacramento, tornando-se o vínculo conjugal indissolúvel a partir do Concílio de Latrão, no século XIII. A partir do Concílio de Trento, no século XVI foi fixada a estrutura do ritual como a conhecemos: proclamas, consentimento em separado para cada cônjuge, celebração frente autoridade eclesiástica e ato público. (Vainfas, 1992).

Entre os séculos X e XVI, os casamentos passaram a ser celebrados exclusivamente pela Igreja Católica, a quem cabia o direito de intervir em

tudo que dissesse respeito ao matrimônio, ou seja, estabelecendo uma normatização e controle estreito da sexualidade (Costa, 1999).

Com a Reforma Protestante, o relacionamento entre os cônjuges adquiriu contornos menos pecaminosos e a cerimônia civil foi sendo cada vez mais destacada. A partir do século XVIII o casamento civil foi se tornando gradativamente obrigatório e o religioso opcional (Costa, 1999).

De acordo com Vainfas (1992: 20) na história do ocidente cristão "*o casamento foi hostilizado, deplorado enquanto instituição que permitia a manifestação do desejo e o desfrute da carne, mas foi defendido ao menos como espaço alternativo ao prazer desregrado*". Defendido ou não, quer seja um ritual católico ou não, quer seja uma normatização civil, o casamento ocidental selou uma relação entre desiguais, na qual a mulher ocupou a posição de poder inferior a do homem até pelo menos os meados do século XX.

As mulheres, ao longo dos séculos aprenderam que seu modo de existir no mundo estava intrinsecamente ligado ao matrimônio, e que este era a condição de sua sobrevivência. Não aprendiam a desenvolver sua autonomia, nem era possível almejar outras metas pessoais para a vida fora do casamento. Sempre foram destinadas a dependência e a submissão.

No decorrer da segunda metade do século XIX e décadas iniciais do século XX, ocorreram grandes transformações sociais advindas

das Grandes Guerras e das mudanças na economia, que ampliaram os setores industriais e de serviços, favorecendo a escalada da entrada da mulher no mercado de trabalho. A ocupação feminina dos espaços públicos foi se intensificando e, em meados do século XX, tornou-se um fato social definitivo.

O padrão de vida feminino, onde cada vez mais se tornou importante estudar, ter uma carreira própria e participar do orçamento doméstico, introduziu o questionamento das relações de poder e hierarquia, tanto no âmbito doméstico quanto no social.

Segundo Lauretis (1994) as concepções femininas e masculinas são formadas de acordo com cada cultura, formando um sistema simbólico de significações, o gênero, que relaciona um sexo a um determinado conjunto de valores e hierarquias sociais. A escalada da presença da mulher no mundo público, e seu conseqüente maior poder social, também trouxe à tona uma série de questões relacionadas à divisão de papéis no casamento, tornando a satisfação afetiva e sexual mútua um componente fundamental para a continuidade no relacionamento, por parte das mulheres.

Giddens (1993) que analisa detidamente as transformações da intimidade que vem ocorrendo nas últimas décadas, identifica dois processos relativos à qualidade das relações conjugais: a emergência da sexualidade plástica e do amor confluyente.

O rompimento entre a sexualidade e a reprodução, através dos métodos contraceptivos e das técnicas reprodutivas, descrito por Giddens (1993) como a sexualidade plástica, o movimento feminista, a participação feminina no mercado de trabalho, promoveram e sustentam transformações no comportamento sexual das mulheres e no processo de construção das suas identidades. A liberação sexual dos anos 70 colocou em questão a crença no duplo padrão de sexualidade. As mulheres ultrapassaram a demanda social de permanecerem castas para o casamento e reivindicaram o prazer sexual que, por seu turno, tornou-se questão de conjugalidade. O casamento deixou de ser o sustentáculo indissolúvel da família tornando-se uma aliança definida por escolhas mais autônomas, pelo igualitarismo, pelo prazer mútuo e pela satisfação emocional.

As regras dos relacionamentos amorosos e dos casamentos tradicionais eram claras: hierarquia de poder e complementaridade dos papéis de provedor e cuidadora. Em um universo de relacionamentos puros como os colocados por Giddens (1993), no entanto, um relacionamento dura enquanto for satisfatório para cada um dos envolvidos.

A busca de satisfação no relacionamento amoroso, com tudo que isto significa, tornou-se o tema central da vida adulta, quer a religião suporte ou não estas transformações. Segundo interpretação da Bíblia, livro sagrado para todos os cristãos, o homem é o responsável pelo casamento, e, portanto, pela relação, cabendo à mulher o papel de companheira para que ele não

viva só, além de cuidar dos afazeres domésticos. Tal explicação aceita sem grandes discordâncias pelos evangélicos está sob questionamento, como qualquer outra crença que não busque incorporar pelo menos em parte os temas de satisfação conjugal e dos conflitos de gênero.

Estudos empíricos sobre religião e casamento

Pode-se notar que a religião sempre é sinalizada como um elemento significativo para a manutenção do casamento. O estudo de Marks (2005) realizado sobre a influência da religião em casamentos de cristãos, judeus, mórmons e muçulmanos revelou que ela influía, na qualidade do relacionamento amoroso sob oito vertentes: influência do clero, bênção sobre a vida profissional, envolvimento em atividades promovidas pela Igreja, importância da oração, influência sobre a vida familiar, ensinamento prático para a vida conjugal, crenças a favor da união indissolúvel do casamento, homogamia religiosa (incentivo aos jovens para casarem com pessoas que professam a mesma crença espiritual) e a firme convicção da fé em Deus.

No que se refere especificamente à satisfação conjugal entre os evangélicos antes era compreendida somente pelo quanto o marido cuidava financeiramente da família e como a mulher cuidava da casa e dos filhos. Hoje com tantas mudanças socioeconômicas a percepção do nível de satisfação conjugal entre os evangélicos tem sofrido transformações significativas. Ou seja, a qualidade conjugal tem sido percebida pelos evangélicos e pela população em geral, como sendo alicerçada em um casamento por amor entre os cônjuges, na atratividade

sexual do cônjuge, no relacionamento igualitário, na segurança financeira e na opção religiosa destes.

Entretanto, pesquisas anteriores já sinalizavam que quando o casal professa o mesmo credo religioso, mas participam de igrejas diferentes, a qualidade do relacionamento conjugal é de satisfatório a insatisfatório e seu nível de religiosidade é mais baixo se comparado aos casais que frequentam a mesma igreja (Williams & Lawler, 2001). Porém, se ele professa o mesmo credo religioso e participa da mesma igreja, o relacionamento conjugal é classificado como muito bom e o nível de religiosidade é altíssimo (Heaton & Pratt, 1990).

Tal circunstância vai em direção contrária da atualidade em que a globalização e o processo de modernização propicia aos jovens o conhecimento de pessoas de diferentes Igrejas e o contato com diversos, credos, aumentando o número de casamentos inter-religiosos (O'Leary, 2001; Hampe, 1971). A preferência de se casar dentro de um grupo depende de muitos fatores, não só os religiosos, mas também de outros, tais como a localização da moradia, a composição da sociedade local, o tamanho do grupo religioso e a influência da família de origem (Kalmijn, 1998). Portanto, professar o mesmo credo religioso não é um fator que garanta a boa qualidade do relacionamento, mas, que a religião poderia atuar como um elemento regulador deste.

É importante sinalizar que o casamento, para o cristão, não deve ocorrer por amor simplesmente, pois o amor começa a diminuir ou a desaparecer depois de algum tempo de relacionamento conjugal, a novidade da

relação e a paixão pelo cônjuge passam e o casamento só permanece se for mantida a aliança entre eles (Cunningham, 1999).

O pacto firmado seja na cerimônia religiosa, seja na cerimônia civil é o resultado do compromisso que os cônjuges firmam entre si, mas esta aliança é cada vez mais condicionada à qualidade que o relacionamento amoroso propicia. É importante pontuar que satisfação é um conceito extremamente pessoal e subjetivo, sendo a espera de um doar e receber recíproco, sendo assim, nem sempre há congruência entre o que sujeito espera receber em troca do que realmente recebe do cônjuge (Souza, 2009, notas de aula). Por isso os resultados da pesquisa de Booth (1995) revelam que a religiosidade não está ligada diretamente à felicidade conjugal e que não é um elemento significativo para diminuir os conflitos ou problemas conjugais.

Faz-se necessário investigar os padrões de conflito que existem em um casamento, assim como os recursos de enfrentamento possíveis, o ciclo vital pelo qual os cônjuges passam no decorrer da relação e os fatores de satisfação conjugal para que seja possível compreender em quais momentos a religião pode se manifestar como um elemento regulador, visto que ela é algo maior que um determinado estado emocional que leva o indivíduo a tomar certas atitudes (Linke, 2005), o que será objeto do próximo capítulo.

II. Relacionamento Conjugal

A relação dos homens em sociedade só existe na base da troca de relações que são mediadas pelas normas e valores de uma determinada sociedade. Tais regras de conduta dependem da cultura social e religiosa, local e global vivenciada pelas pessoas.

Em relação ao casamento e ao relacionamento conjugal existem diversas regras que variam de acordo com os padrões sociais, vividos e levados à relação pelos cônjuges. O motivo e como acontecem os relacionamentos amorosos que culminam em um compromisso sério - o casamento - possuem diferenças significativas desde a forma pela qual o casamento é concebido até a sua própria manutenção.

Construção do Casal

Na atualidade, o caminho do namoro nos anos adulto-jovem, quando o indivíduo já tem um projeto pessoal e profissional em andamento e uma identidade razoavelmente delimitada, leva à possibilidade de um aprofundamento das relações românticas onde o cuidado mútuo, o companheirismo, a satisfação sexual e a auto-realização passam a ser praticados. Nesse momento, o namoro acaba sendo um processo de aprofundamento que cria intimidade, compromisso e segurança emocional numa relação com a alteridade (Simões e Souza, 2010).

Ir além do eu e definir um nós diz respeito ao apaixonar-se, mas também traz a necessidade de um longo percurso de elaboração de diferenciação bem como em um processo de luto relacionado a crescer e tornar-se independente. Ou seja, a ambivalência estaria sempre permeando as relações amorosas: a felicidade no encontro, o medo da perda do outro e/ou de si (Kernberg, 1995).

Hoje em dia, embora a conjugalidade ainda inclua a promessa ou esperança da reconstrução do *eu* a partir do *nós*, também está cada vez mais fluida. Segundo os modelos sistêmicos do ciclo vital familiar (Carter e McGoldrick (1995) quando o casal vai viver sob o mesmo teto é momento de pôr em prática o que cada um havia sonhado. Os parceiros devem ser capazes de desenvolver um estilo de vida própria, rever normas e valores, dividir tarefas e responsabilidades, distribuir o tempo de trabalho e de lazer, chegar a um consenso sobre relacionamento com as famílias de origem, amizades e emprego do dinheiro, além de integrar o projeto de vida pessoal e a dois.

O que o casal traz para a organização de uma vida a dois é a experiência de vida na família de origem da qual precisarão se diferenciar, constituindo o núcleo próprio, delimitando fronteira mais ou menos flexíveis em relação aos pais e irmãos e estabilizando um nós conjugal, o qual deverá ser revisto e se modificar em funções de eventos que modifiquem a estrutura ou a fundação daquela conjugalidade, seu ciclo vital.

Ciclo Vital da Família

Segundo Kaslow & Schwartz (1995), o conhecimento da existência dos ciclos vitais se remonta aos tempos bíblicos, visto que no livro de Eclesiastes, presente na Bíblia, existe a descrição de que para tudo há um tempo determinado, parecendo haver uma inferência de que devemos aceitar as mudanças que ocorrem com o passar do tempo.

Diversos autores abordam o tema do ciclo vital de distintas formas, dentre estes Rhodes (1977 como citado em Kaslow & Schwartz, 1995) considera a presença de cinco fases, o relacionamento diádico (percepção mútua entre os cônjuges), preenchimento versus isolamento (equilíbrio nas instalações dos novos papéis assumidos pelos cônjuges), individualização versus organização (com o crescimento dos filhos, re-acomodação de papéis), companheirismo versus isolamento (entrada dos filhos na juventude) e reagrupamento versus vínculo/expulsão (saída dos filhos e mudança de papéis).

Para os autores Hughes, Berger e Wright (1978, como citado em Kaslow & Schwartz, 1995) o ciclo vital do casamento é classificado de acordo com as mudanças familiares, sendo constituído por sete tipos, a saber, famílias principiantes, famílias gerando filhos, famílias criando filhos, famílias com filhos adolescentes, famílias como ponto de partida, famílias na meia-idade e famílias envelhecendo.

Outra teoria reconhecida e utilizada em pesquisas acadêmicas sobre o ciclo vital familiar é a teoria de ciclo vital de Carter e McGoldrick (2001) que oferece a oportunidade de identificar os desafios em cada momento bem como o que é necessário para se passar para a fase seguinte, além de ser um modelo trigeracional no qual podemos compreender as demandas e tarefas específicas que recaem sobre o casal, advindas tanto por parte da geração mais nova quanto da mais velha.

Ao contrário dos demais modelos Carter e McGoldrick (2001) marcam o início de um ciclo familiar a partir do momento em que o jovem solteiro, considerado pelas autoras, como um jovem adulto, começa a responsabilizar-se pelos seus recursos emocionais e financeiros, sendo este o primeiro estágio.

O segundo estágio corresponde à formação do relacionamento amoroso marital sendo um comprometimento com um novo sistema familiar, diferenciando-se da família de origem. Com o nascimento dos filhos inicia-se o terceiro estágio em que é necessário o ajustamento conjugal para a criação do espaço filial, além do realinhamento dos papéis pré-estabelecidos anteriormente.

Quando os filhos tornam-se adolescentes, a família entra no quarto estágio do ciclo vital em que ocorrem uma série de mudanças para dar conta dos novos relacionamentos extra-familiares que os filhos começam a ter e a acomodação dos papéis criados.

O quinto estágio marca a saída dos filhos jovens do sistema familiar, é o período em que entram e saem mutuamente novas pessoas no sistema familiar e se faz necessário um realinhamento para incluir parentes e netos. Além dos cônjuges passarem a lidar com a incapacidade e morte dos pais (avós e bisavós) dos netos.

O sexto estágio é momento em que os cônjuges devem aprender a lidar com os papéis geracionais, lidar com a perda do cônjuge e de familiares e enfrentar a própria morte, é um período de revisão e de integração da vida.

Carter e McGoldrick (2001) cujo modelo foi utilizado na presente pesquisa também consideram que a expansão, a contração e o realinhamento dos vínculos intra-familiares fazem com que os membros vivam de uma forma funcional ou disfuncional. Assim, para que o casal consiga suportar as distintas mudanças que vivencia, bem como as decepções e reencontros, é necessário que tenha condições de suportar os conflitos ocasionados em cada momento do ciclo vital.

Conflitos

Como na maioria dos relacionamentos interpessoais, existem conflitos e dificuldades que os casais vivenciam. Alguns autores afirmam que o conflito em um casal é algo saudável, mas que o potencial para o desenvolvimento e crescimento conjugal depende da capacidade que possuem para resolver,

inicialmente, seus próprios conflitos internos e depois tentar solucionar o conflito a dois (Colman, 1994).

Os problemas são vividos como angústias que parecem não ser solucionáveis, pois o contexto social vivido atualmente pelos casais requer flexibilidade cognitiva e moral, possibilitando tomadas de decisões específicas, o desenvolvimento de capacidades práticas de resolução de problemas, não deixando à margem, porém, a dificuldade que cada cônjuge possui com a sua própria interioridade.

Segundo Wong (2008), a forma pela qual se pode diagnosticar a presença de conflitos conjugais é a observação de comportamentos sinalizados pelos cônjuges, tais como, aumento da frequência de alterações no tom de voz em discussões triviais, aumento de duras críticas a atitudes comuns (deixar a toalha molhada sobre a cama ou esquecer-se de tirar o lixo), dificuldade para resolver um problema rotineiro (ligar para o encanador) culpando-se um ao outro ao invés de consertar o vazamento, por exemplo, dentre outros.

Segundo Brennen (2009), o objetivo do casamento não é um pensar absoluto pelo casal, mas um pensar em conjunto e, segundo ela, existem quatro tipos de padrões conflituosos que podem agravar os problemas conjugais:

1. Escalonamento: os cônjuges respondem negativamente a diversas situações de forma seguida e com julgamento de valor.

2. Anulação: um dos cônjuges se coloca diante dos pensamentos, sentimentos ou caráter do parceiro, realizando comentários, intencionais ou não, que provocam o rebaixamento da auto-estima.
3. Retirada e Prevenção: um dos cônjuges se retira de uma situação conflituosa a fim de evitar discussões acaloradas.
4. Interpretações negativas: um dos cônjuges crê que os motivos do outro são mais negativos que os seus.

Segundo a autora, supra-citada, há cinco modos pelos quais os casais tendem a resolver seus conflitos conjugais:

1. Perquiridor: procuram vínculos criados para se aproximar e se tornar mais íntimo do cônjuge, deixando-o discorrer sobre diversos assuntos e expressar seus sentimentos.
2. Distanciadores: um dos cônjuges assume a postura de se manter emocionalmente distante do parceiro ou da situação conflituosa, geralmente se acostuma a lidar com o estresse da relação.
3. Hipofuncionais: cônjuges que possuem dificuldades para manter suas vidas organizadas e que sob situação de estresse, revelam dificuldade também para expor o seu lado forte e tendem a competir nas relações íntimas.

4. Hiperfuncionais: cônjuges que são conselheiros e auxiliares diante dos problemas de outros casais, mas geralmente possuem dificuldade para resolver os seus.

5. Recriminador: reagem emocionalmente e agressivamente diante das opiniões e posturas do parceiro, são aqueles que gostam de ensinar ao companheiro a atitude que este deveria ter a fim de sobressair na relação.

A presença ou ausência de conflitos, porém, não é um fator classificatório de um bom casamento ou sinônimo de qualidade na satisfação conjugal. Segundo Hetherington e Elmore (2003) os conflitos não são sinalizadores de medidas de manutenção ou término de relacionamento, os autores sugerem que podem ser preditores para o bem-estar. O casamento envolve duas pessoas com regras éticas e morais sob influência familiar, social, religiosa e cultural que nem sempre são as mesmas, ou nem sempre são interpretadas da mesma forma, vê-se que um casamento está imerso em diversos fatores que se inter-relacionam na vida a dois. (Karney & Bradbury, 1995).

Um destes fatores é o ciclo vital pelo qual os cônjuges estejam passando. No Brasil, uma pesquisa realizada com 150 casais, revelou que estes classificavam os conflitos como fortes, moderados e fracos de acordo com as áreas conflituosas, tais como: dinheiro, trabalho, cuidado com filhos, religião, autonomia e intimidade que se refletiam na qualidade conjugal. O pesquisador verificou diferenças significativas, nas respostas das mulheres, em relação ao nível de conflito

na área da religião, além de perceber que os conflitos e a intensidade variavam de acordo com o tempo de duração e o ciclo vital do casamento (Verdi, 2003).

Desta forma pode-se pensar que a religião de fato possa vir a ser um regulador dos relacionamentos amorosos, influenciando positivamente ou negativamente uma relação. Por ser um fator de interpretação intrapsíquico, como dito anteriormente, em que cada cônjuge envolvido precisa processar a sua vontade própria diante dos ensinamentos religiosos ensinados, a religião pode interferir na escolha das ferramentas e no processo de enfrentamento diante dos conflitos conjugais.

Recursos de Enfrentamento

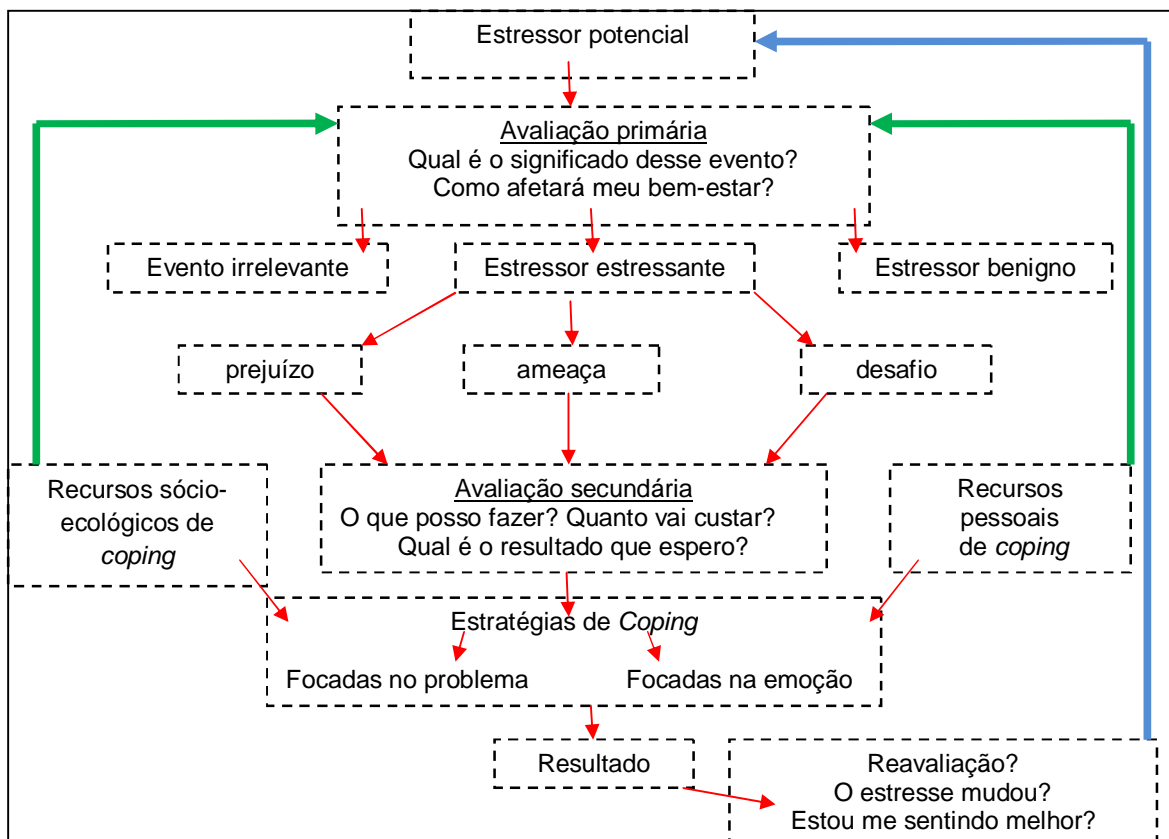
Os modos e recursos de enfrentamento são nomeados como processos de *coping*, sendo, portanto, um conjunto das estratégias utilizadas pelos indivíduos diante de situações problemáticas, conflituosas e estressantes. Os modelos mais conhecidos são os dos pesquisadores Folkman e Lazarus (1980), Rudolph, Denning e Weisz (1995).

Os recursos de enfrentamento são importantes porque podem ajudar a encontrar as relações existentes entre o comportamento e o sistema psicológico e influenciar em tomadas de decisões positivas (Folkman, 1999). Segundo o autor os comportamentos de enfrentamento são necessários para o bem-estar físico, emocional e psicológico dos indivíduos.

Os pesquisadores Folkman e Lazarus (1980) construíram um modelo de recursos de enfrentamento relacionados ao problema em questão e outro relacionado à emoção. Desta forma, os autores definiram o *coping* como um conjunto de esforços cognitivos e comportamentais que demandam estratégias específicas, internas e externas.

Segundo o modelo construído, o *coping* seria um processo de interação entre o sujeito e meio ambiente, no qual o indivíduo tem de administrar a função conflituosa e estressante, avaliando o fenômeno ocorrido, além de mobilizar esforços intrínsecos e extrínsecos a este. Segundo Beresford (1994), este é o modelo mais utilizado para interpretações de recursos de enfrentamentos.

FIGURA 1.0. Modelo de Coping de acordo com Lazarus & Folkman (1984)



Porém, Rudolph et al (1995) compreendem que o *coping* é uma tentativa de separar aspectos fundamentais para a resolução do problema, primeiro é uma resposta de *coping*, em seguida um objetivo acoplado ao objetivo pretendido e em terceiro o resultado final.

Para os pesquisadores Knudson-Martin e Mahoney (1998) existem dois tipos de estratégias de enfrentamento:

- Confrontamento na busca da resolução do dilema: para isso é necessário que o casal se comunique por meio de uma negociação aberta.
- Fuga do problema: a questão simplesmente não é questionada, ela é camuflada ou racionalizada.

A cada conflito vivenciado o cônjuge vai aprendendo que tipo de estratégia funciona ou não, valendo-se de comportamentos verbal ou não-verbal, adquiridos dentro de um contexto social, familiar, institucional ou religioso (Rocha-Coutinho, 1994).

Para entender melhor a possibilidade de as crenças religiosas adquiridas pelos cônjuges interferirem na qualidade de vida conjugal é necessário compreender o que vem a ser a satisfação conjugal e suas implicações.

Satisfação Conjugal

O casamento e a satisfação conjugal têm sido tema de diversos estudos no decorrer de décadas, devido à sua complexidade e, ao mesmo tempo, a sua importância na vida das pessoas e da sociedade. Pode-se afirmar que o relacionamento conjugal se encontra no centro de um emaranhado de relações interdependentes na vida dos cônjuges.

Através de consulta à literatura sobre este tema na Biblioteca Virtual em Saúde - Psicologia (BVS-PSI), não foram encontrados artigos de psicologia que tinham como descritor a satisfação conjugal. Porém, na busca realizada na Biblioteca Virtual em Saúde (BIREME) foram encontrados 959 artigos tendo como descritor o termo satisfação conjugal e apenas uma tese que não estava relacionada diretamente à satisfação conjugal.

Em relação aos artigos, pôde-se perceber a ligação da investigação da satisfação conjugal no contexto de estudos sobre relacionamentos amorosos. Os temas associados à satisfação estão relacionados a casamento, relações interpessoais, terapia conjugal, comportamento dos cônjuges, adaptação psicológica, identidade de gênero, dupla carreira, qualidade de vida, família, rituais de passagens, vida financeira e satisfação no emprego.

Desde a década de 80, do século passado, inúmeros estudos tentam conceituar os aspectos subjetivos dos relacionamentos, o que propicia o

aparecimento de diversas abordagens no que diz respeito às formas de avaliar e correlacioná-los (Fletcher, Simpson & Thomas, 2000).

Alguns autores afirmam que um nível de satisfação elevado e estabilizado está associado à existência prolongada de um relacionamento. Segundo os pesquisadores Kaslow e Hammerschmidt (1992), no entanto, podem existir casamentos estáveis e não necessariamente satisfatórios, que podem ser mantidos por diversas razões, tais como: um ou ambos os cônjuges não aceitam o divórcio (por motivo pessoal ou religioso), medo da mudança e da solidão, sensação de incapacidade para manter a liberdade e autossuficiência, medo de perder o patrimônio econômico e social construído e possibilidade de ter uma família e causar menos ansiedade no dia a dia.

A satisfação com o relacionamento aumenta de acordo com o envolvimento emocional dos cônjuges, proporcionando maior confiança, abertura para comunicação e interdependência (Rubin, Hill, Peplau & Dunkel-Schetter, 1980; Hendrick, 1981, Sanderson & Cantor, 1997).

Com pensamento semelhante, Rusbult (1983) acredita que a satisfação corresponde às recompensas ganhas subtraídas dos custos com a relação. Desta forma, um cônjuge com baixa exigência, emana mais lucros do que perdas pessoais, configurando assim a satisfação conjugal. Porém, Fincham e Badbury (1987) afirmam que a satisfação conjugal é a qualidade de um relacionamento amoroso, sendo este um construto mais amplo, revelando-se como

um fator importante na qualidade do relacionamento amoroso, permitindo aos cônjuges o julgamento de fatores intrínsecos à relação.

Gottman e Silver (2000) procuraram descobrir os fatores que contribuíam para um bom casamento, acreditando que a satisfação conjugal fortalece o sistema imunológico dos cônjuges, aumentando a expectativa de vida. Segundo Arriaga (2001) a satisfação do cônjuge com o casamento está envolta numa avaliação individual dos aspectos positivos do relacionamento. Desta forma, acredita que a pessoa pode se sentir satisfeita com os produtos consequentes da relação, ao invés da expectativa de obtenção dos resultados que objetivava.

Outros pesquisadores (Arias & House,1998; Dela Coleta, 1992) afirmaram que a satisfação conjugal é um fenômeno complexo, influenciado por diversos fatores, tais como, valores pessoais, comportamento social, envolvimento sexual, momento do ciclo familiar, presença/ausência de filhos, nível cultural e de escolaridade, vida financeira e personalidade.

Para Norgren (2002) o nível de satisfação conjugal poderia ser um regulador importante para o relacionamento. Segundo a autora a satisfação é um processo no qual ambos os cônjuges sentem as próprias necessidades e desejos satisfeitos, assim como correspondem, em maior ou menor grau, à expectativa do outro, definindo um dar e receber recíprocos e espontâneos.

No campo da pesquisa, a autora e demais pesquisadores (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt e Sharlin; 2004) verificaram que a

satisfação no casamento estaria correlacionada aos sentimentos de bem-estar, contentamento, companheirismo, afeição e segurança. Estes elementos atuavam como facilitadores da aproximação entre os cônjuges, resultante das suas expectativas e aspirações futuras.

Diversas pesquisas vêm sendo realizadas na busca de entendimento dos fatores determinantes de uma boa satisfação conjugal (Mosmann, Wagner e Féres-Carneiro, 2006). Os resultados obtidos revelam que o nível de intimidade, comunicação, excitação física, influência da família de origem, a chegada de filhos e o comportamento sexual seriam fatores determinantes do nível de satisfação do casal. (Wagner, 2001; Hernandez, 2003; Bozon, 2003; Sotto-Mayor, 2005).

Vários autores apontam para o impacto da religiosidade sobre diversos setores da vida, por exemplo, Jablonski (1998) no final da década de 90, afirmou que a religião era um instrumento eficaz e norteador dos valores familiares. Ele apontou que as novas gerações experienciariam uma nova religiosidade que valorizaria os princípios pessoais e subjetivos do casal, visto que o papel assumido pela mulher no século XX impulsionou a mudança de valores, como a liberdade sexual, com o uso de contraceptivos, e a flexibilização dos casamentos, com aumento abafado, mas significativo, dos divórcios, por conta das mudanças na constituição civil.

Em estudo multicultural realizado por Sharlin, Kaslow e Hammerschmidt (2000) a religiosidade, mas, não uma religião específica, revelou

ser um fator importante para a regulação do nível de satisfação. Parece que a religião funciona como um suporte e um apoio para que os casais possam assumir o casamento como um compromisso. Na pesquisa realizada por Norgren (2002), o mesmo se verificou. A maioria dos casais satisfeitos de sua amostra se declarou católicos praticantes, retomando o fato de que a religião pode ser uma variável importante na sustentação da qualidade do relacionamento conjugal.

Para Bozon (2003) o comportamento sexual e o sentimento amoroso entre os cônjuges são elementos significativos para um bom relacionamento e conseqüentemente para uma ótima satisfação conjugal. Porém, em seu estudo encontrou que tais valores, avaliados como pessoais, estavam sendo colocados ora à margem, ora a favor do casal, de acordo com o princípio religioso e social vividos pelo casal na sociedade contemporânea, trazendo prejuízos substanciais aos casais. Percebeu que as doutrinas e regras não eram bem elaboradas subjetivamente por estes casais que não conseguiam colocar em prática em seu cotidiano.

Avaliando a Satisfação Conjugal

Na esfera da satisfação existem diversas formas de investigação e alguns instrumentos de análise são mais difundidos nessa área, como por exemplo, a escala de satisfação construída por Rusbult (1983) que mede o relacionamento conjugal como um todo de comportamento cujas respostas são no formato *likert* de 9 pontos.

A *Kansas Marital Satisfaction Scale*, é uma escala construída por Schumm et AL (1986) e composta por três itens no formato *likert* de 9 pontos, em que os cônjuges analisam a veracidade de avaliações gerais do relacionamento conjugal e a de satisfação global que faz parte da sub-escala da *Relationship Rating Form* (RRF) formulada por Davis (1996) a qual investiga o sucesso, apreciação, estima e reciprocidade do relacionamento do casal, respondida no formato *likert* de 7 e 9 pontos.

Simpson (1987) também desenvolveu uma escala para mensurar a satisfação conjugal por meio de 11 itens, no sistema *likert* de 7 pontos, analisava atração física, recursos econômicos, habilidade de produzir apoio emocional, confiança, similaridade de atitudes e valores, compreensão, semelhança de interesses e atividades, atração sexual, proximidade e outros.

Outra escala de avaliação interessante e mais utilizada internacionalmente e, que foi usada nesta pesquisa, trata-se da *Dyadic Adjustment Scale* (DAS), Escala de Ajustamento Conjugal de Spanier (1976) que possui itens relacionados ao consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto (Hunsley, Best, Lefebvre & Vito, 2001). Para o pesquisador o ajustamento conjugal refletiria os processos conjugais, a comunicação e os resultados obtidos revelariam o nível de ajustamento conjugal. Ao contrário das escalas apresentadas anteriormente, a avaliação é pontual e global, envolvendo aspectos do relacionamento que objetivam a satisfação conjugal.

A DAS foi traduzida para o Brasil e utilizada no estudo de Norgren (2002), bem como foi objeto de tradução e padronização na tese de doutorado de Hernandez (2005) mostrando ser um instrumento bastante efetivo para a pesquisa e mesmo para orientação. Por sua aplicabilidade e por já ter sido objeto de trabalhos em nosso país ela foi escolhida para a presente Dissertação.

III. O MOVIMENTO EVANGÉLICO E O CASAMENTO

Os cristãos-evangélicos

O censo de 2000, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), revelou que 10,6% na população brasileira professavam a crença neo-pentecostal de um total de 15,6% pessoas que foram classificados como protestantes. É necessário pontuar que o IBGE considera como protestantes todos os indivíduos cristãos não pertencentes ao catolicismo. O termo evangélico é utilizado pelo senso comum para diferenciar os seguidores das correntes pentecostais e neo-pentecostais das igrejas tradicionais e clássicas.

Segundo Mário Sérgio Cortella (2010, comunicado em palestra):

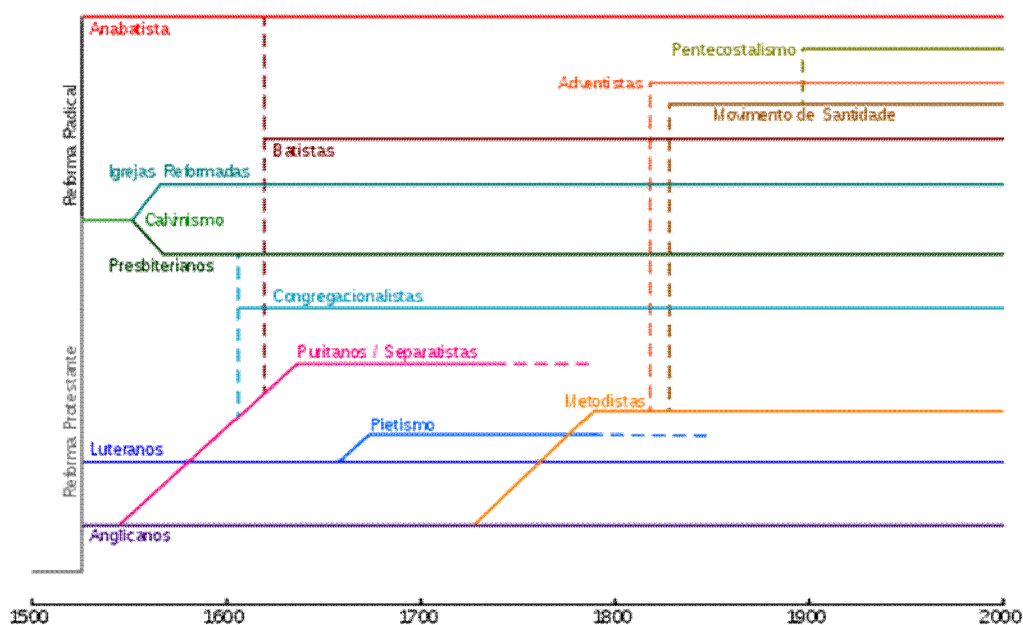
“O perfil do evangélico baseado nas igrejas neo-pentecostais é o pertencimento às classes C, D e E, migrante que trouxe para a cidade grande, valores que haviam sido deixados na roça, como a figura do demônio, reformatada pelos neo-pentecostais para dentro da igreja (...) o evangélico hoje é alguém que foi católico ou que nasceu na tradição reformada”.

Antes de tentar definir o que são igrejas evangélicas pentecostais e neo-pentecostais, que foram os participantes desta pesquisa, é importante compreender as múltiplas facetas do termo ‘evangélico’, nomenclatura dada aos seguidores das igrejas cristãs evangélicas. Uma pesquisa realizada pela *Ellison Research* nos Estados Unidos, baseada na pergunta “o que é um evangélico?”, evidenciou a dificuldade encontrada pelas pessoas para definir este conceito, bem como a sua atribuição. Algumas o designam aos seguidores das igrejas não-

católicas e, outros, aos que seguem o evangelho pregado por Jesus Cristo de forma mais moderna e dinâmica, diferenciando-se dos protestantes. Estes últimos, também conhecidos como tradicionais ou clássicos, congregam as Igrejas: Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Congregacional e Anglicana.

Os evangélicos são referidos como pessoas que participam de um círculo social restrito, sendo críticos em relação a outras religiões não-cristãs e intransigentes em relação às crenças morais e éticas da sociedade contrárias à doutrina professada. É importante considerar a particularidade deste termo no Brasil, pois, por conta da liberdade de expressão e culto e, pelas múltiplas facetas culturais, os evangélicos brasileiros são aqueles seguidores de diversos ramos doutrinários que se identificam como igrejas evangélicas, mas são produtos de diversos rompimentos e reestruturações originárias das igrejas categorizadas como tradicionais (nominadas como igrejas protestantes), pentecostais e neo-pentecostais (Mariano, 2005). O Quadro 1.0, a seguir, permite visualizar o surgimento dos diversos ramos evangélicos ao longo do tempo

QUADRO 1.0. Desenvolvimento da religião evangélica (traduzido do site - <http://cominganarchy.com>)



Em nosso país co-existem inúmeras igrejas evangélicas que tem em comum o fato de se apoiarem na premissa da santíssima trindade, mas que diferem na interpretação de como alcançar e ter uma vida com Deus.

Do protestantismo ao movimento pentecostal

Para melhor compreensão das diferenças entre as igrejas faz-se necessário explorar minimamente o histórico do movimento pentecostal decorrente do protestantismo (Freston,1994).

As igrejas pentecostais são originárias do movimento do pentecostalismo surgido nas igrejas protestantes no século XX, principalmente nos Estados Unidos e que se alastrou pela América Latina. Os membros de tais igrejas buscam a integração com o Espírito Santo, os dons espirituais, o chamado batismo

pelas línguas de fogo, assim como ocorrido no fenômeno de Pentecostes descrito na Bíblia, por isso, este movimento recebeu o nome de pentecostalismo.

Segundo relatos históricos descritos por Martin (2000), em 1901, Agnes Ozman afirmou ter recebido o batismo de língua de fogo através de um culto pastoral realizado por Fox Parham, pastor de origem Metodista e que fundou o instituto *Bethel Carles Bible College*, em *Topeka Kansas*. Segundo Parham o batismo por línguas de fogo era o sinal de que o Espírito Santo estava presente na vida do cristão.

Em 1906, um aluno de Parham, William Seymour, apregoou este batismo em um evento gospel, *O Azusa Street Revival*, um festival que sempre ocorria na cidade de Los Angeles, no Estado da Califórnia. À época, os jornalistas diziam que se tratava de um evento emocional em que brancos e negros se misturavam em um ritmo religioso frenético (Herdson, 2008).

O pentecostalismo é um movimento originário dos Estados Unidos, tendo como suas principais expoentes, norte-americanas, a “Igreja de Deus em Cristo”, a “Igreja de Deus” e as Assembléias de Deus. No Brasil, as principais representantes deste movimento, além das Assembléias de Deus, são a Igreja Pentecostal “Deus é o Amor”, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo”.

A inserção do pentecostalismo no Brasil ocorreu em três momentos históricos diferentes, sendo descrito como um movimento com três ondas

de implantação das igrejas. A primeira onda se deu no início do século XX, durante a década de 1910, com a vinda da Congregação Cristã ao Brasil e das Assembléias de Deus, firmadas no eixo Rio - São Paulo (Mariano, 2005).

Em meados do século XX, diante da fragmentação das igrejas tradicionais e clássicas, as igrejas pentecostais também sofreram dissidências. As principais igrejas representantes desta cisão são a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo” e a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”, estabelecidas no contexto paulista.

Já a terceira onda, considerada como uma fragmentação da visão pentecostal original, nominada como neo-pentecostal surgiu no final da década de 70, com destaque para a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Igreja Apostólica Renascer em Cristo.

Os membros das igrejas pentecostais utilizam-se das expressões ‘irmão’ e ‘irmã’ como forma de se diferenciar dos membros das igrejas neo-pentecostais. Além disso, organizam aqueles que se propõem a realizar a obra de Deus em cargos distintos, nomeando-os como evangelista, missionário, reverendo e pastor. Porém, sua organização é representada por uma mesa diretora, constituída de presidente, vice-presidente, secretários e gerentes. Em relação à teologia, focam-se mais na busca do batismo pelo Espírito Santo e Seus dons divinos, ao contrário das igrejas neo-pentecostais que pregam ora a teologia da

prosperidade ora a cura e libertação. Descrevemos a seguir uma síntese das principais igrejas da corrente pentecostal no Brasil.

As Igrejas Pentecostais

A Assembléia de Deus é uma igreja que preza a ortodoxia doutrinária. A Bíblia atua como a única regra para a vivência espiritual e carnal, acreditando-se que o batismo no Espírito Santo acarreta inúmeros benefícios aos que são batizados, tais como: capacidade de testemunhar e servir a todos, dedicação à obra de Deus e o recebimento de dons espirituais. No Brasil foi fundada pelo sueco Gunnar Vingren em 1911, em Belém do Pará.

As igrejas são administradas por uma convenção visto que há diversas igrejas assembleianas que se diferenciam por seus ministérios, tais como Ministério Belém, Ministério Madureira e Ministério Bom Retiro, sendo assim nomeadas de acordo com a fundação de cada uma delas.

A Convenção Geral das Assembléias de Deus (CGADB) foi idealizada em 1930 quando seus fundadores perceberam que a Igreja precisava se organizar nacionalmente e administrar as doutrinas professadas com ordem e zelo, sendo inaugurados centros de estudos bíblicos que posteriormente se tornaram centros de teologia reconhecidos.

A Igreja Pentecostal “Deus é Amor” foi fundada por David Miranda em 1962, por conta de um chamado que este teria recebido de Deus para fundar a Igreja que atualmente possui mais de 11 mil templos em território brasileiro, e presença em mais de 136 países. Sua sede nacional fica no bairro do Glicério, em São Paulo, com um templo com capacidade para 60.000 pessoas.

A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada por Aimée Mc Pherson, em 1921, em Los Angeles, e, passou a ser presidida pelo seu filho, Rolf McPherson, depois do seu misterioso desaparecimento. Após 44 anos à frente da igreja, McPherson passou a presidência a John Holland, em 1988, que a assumiu até o ano de 1997 quando a Igreja foi reorganizada e passou a fazer parte das Igrejas Pentecostais da América do Norte. Entretanto, no Brasil não houve reestruturação. A Igreja fundada por Harold Willians, filho de Aimée, que se mudou de Los Angeles para São João da Boa Vista em 1951 dando início aos trabalhos que continuam até o presente momento, mesmo após a sua morte em 2002. A sede nacional se situa no bairro de Santa Cecília, na cidade de São Paulo.

A Igreja Pentecostal “O Brasil para Cristo” foi fundada por Manoel Carlos que se converteu à Assembléia de Deus, tendo frequentado também a Igreja Quadrangular, ajudando em sua expansão. Em 1955, afirmou ter recebido um chamado de Deus para levar o povo brasileiro a um avivamento que chamou como O Brasil para Cristo, tendo assim fundado a Igreja de acordo com o chamado recebido. A sede nacional fica no bairro da Pompéia em São Paulo, um templo que

congrega 9.000 pessoas. Após a morte de seu fundador, a Igreja perdeu muitos de seus membros para as igrejas neo-pentecostais.

As Igrejas Neo-pentecostais

Embora as igrejas neo-pentecostais tenham se originado do movimento pentecostal, é importante compreender que se diferenciam delas em relação à organização, administração e teologia pregada. Além disso, possuem hábitos e costumes diferenciados entre si, porém, mantêm similaridade quanto à pregação da teologia da prosperidade, a teologia da cura divina, o exorcismo de entidades espirituais malignas e o uso de recursos radiofônicos e audiovisuais como instrumentos de evangelização (César, 2000).

A teologia da prosperidade é um desdobramento do fundamentalismo norte-americano, desenvolvida inicialmente pela doutrina do milenarismo, em que acreditava na vinda de Jesus para o julgamento e premiação dos cristãos após mil anos da prática de solidariedade. Seus principais representantes foram Billy Graham e Jimmy Carter. Atualmente a doutrina da teologia baseia-se no dom gratuito da prosperidade, em que Deus concede a vida em abundância para todos aqueles que assumem Jesus Cristo como o Senhor de suas vidas. Apóia-se no versículo bíblico do livro de João capítulo 10.10 “o ladrão não vem senão a roubar, a matar, e a destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (Magalhães & Souza, 2002).

A teologia da cura baseia-se no fato de que todas as pessoas receberam a saúde perfeita por parte de Deus e que toda doença, seja esta emocional ou física, é em função de alguma entidade maligna e, por meio do exorcismo de tais entidades, a pessoa fica livre do 'mal' e está pronta para receber a cura e tomar posse da sua benção.

Por serem resultado de cisões e de pensamentos distintos, a hierarquia das igrejas neo-pentecostais é um tanto confusa para aqueles que não são membros de tais segmentos. Utilizando os mesmos nomes eclesiásticos para cargos e titulações, não obedecem necessariamente à função de cada nomeação, existindo cargos de apóstolo, bispo, missionário, reverendo, evangelista, pastor e obreiro.

O cargo de apóstolo, deriva do termo grego *apostello*, que significa mensageiro ou representante daquele que enviou. Na Bíblia, os apóstolos de Jesus Cristo eram considerados seus embaixadores, apregoando as palavras professadas por ele. Em algumas das igrejas neo-pentecostais, o apóstolo é aquele que se considera um enviado de Deus a Terra e o responsável para apregoar a verdade sobre os ensinamentos divinos; geralmente são fundadores de Igrejas, tais como o Apóstolo Estevan Hernandez (Igreja Apostólica Renascer em Cristo) e o Apóstolo Valdemiro (Igreja Mundial do Poder de Deus).

Os fundadores de igrejas neo-pentecostais também podem ser chamados de bispos. Do original grego *episkopos* que significa supervisor, governador de classe sacerdotal, é neste sentido atribuído ao Bispo Macedo,

fundador e responsável pela Igreja Universal do Reino de Deus, e ao Bispo Robson da Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra. Nessas igrejas, embora eles tenham sido fundadores, outras pessoas podem assumir cargo de bispo, sendo que, em relação ao gênero, são mais conhecidas as inserções das mulheres como bispas na Igreja Apostólica Renascer em Cristo, a começar pela esposa do fundador, bispa Sônia Hernandez, e pela bispa Cléo, fundadora da Igreja Mundial de Cristo.

O cargo de missionário, do latim *missione*, está relacionado às pessoas que saem pregando o evangelho de Jesus Cristo sem receberem, necessariamente, por tal função e sem um local específico de ação. Muito comum nas igrejas pentecostais, não está presente na hierarquia das igrejas neo-pentecostais, embora seja o termo atribuído, como um cargo diferenciador, ao fundador e responsável da Igreja Internacional da Graça de Deus, o Missionário R.R. Soares.

Os cargos de reverendo e pastor são similares em suas funções, ambos são responsáveis pela pregação dos livros da Bíblia ocorrendo, muitas vezes, somente a distinção de hierarquia quando cuidam de uma igreja local ou estadual/regional. Evangelistas e obreiros também têm funções similares, porém, cada Igreja possui uma forma própria de recrutamento, seleção e preparação das pessoas que trabalham como tal. Por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, evangelistas são membros que se dispõem a doar parte do seu tempo em prol da evangelização, enquanto na Igreja Internacional da Graça de Deus é uma função exercida majoritariamente por homens contratados para exercer tal função.

A seguir descreveremos brevemente cada uma das principais representantes da corrente neo-pentecostal no território brasileiro, a fim de caracterizar suas particularidades e destacar seu potencial de impacto.

A Igreja Universal do Reino de Deus tem como fundador reconhecido o bispo Macedo, porém, há publicação afirmando que ela foi fundada pelo Missionário R.R. Soares que passou a direção da Igreja para Edir Bezerra Macedo, em 1980 (Mariano, 2005). Está presente em todas as regiões brasileiras e em mais de 170 países. A cerimônia religiosa dos cultos é considerada simples, com liturgia despojada, sem roteiro prévio a ser seguido, há momentos de oração, de cantos, exorcismos e de ofertas financeiras. Ela também é responsável pela emissora de televisão Rede Record, pela rádio Rede Aleluia (FM 99.3), além de possuir projetos sociais tais como A Fazenda Canaã no nordeste brasileiro, o Força Jovem Brasil e A Sociedade Pestalozzi de São Paulo.

A Igreja Internacional da Graça de Deus tem como fundador Romildo Ribeiro Soares, conhecido como Missionário R.R. Soares. Presente em todas as regiões brasileiras também tem sedes nos seguintes países: Espanha, Estados Unidos, México, Peru, Portugal, Japão, França e Uruguai. A cerimônia religiosa dos cultos, em geral, se baseia em louvores e na pregação da Palavra, porém, os cultos realizados pelo Missionário seguem uma mesma dinâmica: testemunhos cristãos, dúvidas relativas à compreensão da Bíblia, apresentação de um cantor gospel, pregação bíblica, e auxílio de patrocinadores para o programa. Isto ocorre devido ao fato de que os cultos são veiculados pela televisão através do programa Show da Fé, na rede Bandeirantes de Televisão e na Rede TV. Ela

também é responsável por um canal de televisão fechado, a Rede Internacional de Televisão (RIT), pela rádio Nossa Rádio (FM 91.3) e pela NossaTV, um sistema de transmissão de canais a cabo em alguns estados brasileiros.

A Igreja Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra tem como fundador Robson Lemos Rodvalho. A igreja nasceu na cidade de Anápolis, distrito de Goiás, possuindo atualmente mais de 200 congregações que se estendem também para fora do Brasil como nos Estados Unidos, Paraguai e Portugal. É voltada a um público mais jovem e conhecida pelas músicas compostas por sua equipe de louvor, o Ministério Koinonia, que surgiu em meados da década de 90, tendo cantado em diversas igrejas evangélicas. Realiza projetos sociais, tais como a manutenção do ônibus médico-odontológico e trabalhos com: menores abandonados, crianças em situação de rua, desabrigados, adolescentes em alto risco, alcoolismo e drogadição.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo foi fundada pelo casal Estevam Hernandes Filho e Sônia Hernandes, conhecidos como Apóstolo Estevam e Bispa Sônia Hernandes. Está presente no território brasileiro com mais de 800 congregações, em países da América Latina e nos Estados Unidos. A cerimônia religiosa é direcionada aos jovens, com conteúdo de pregação dinâmico e baseado em músicas *gospel*. É conhecida por realizar grandes eventos musicais, sendo detentora de uma das maiores bandas gospel, a Renascer *Praise*, e pela Marcha para Jesus. É responsável pela Rede Gospel de Televisão, canal em que veicula programas próprios e aluga espaço para outras igrejas evangélicas; possui ainda a rádio Gospel Fm (FM 90.1), além de projetos sociais com destaque à Fundação

Renascer, SOS da Vida e da Associação Renascer de Empresários e Profissionais Evangélicos (AREPE).

A Igreja Mundial do Poder de Deus foi fundada por Valdemiro Santiago, ex-integrante da Igreja Universal do Reino de Deus onde havido exercido a função de bispo. Foi fundada na cidade de Sorocaba, interior do estado de São Paulo, e embora não haja uma estatística oficial, acredita-se que existam mais de 500 templos no Brasil, além da presença no Uruguai, Argentina, Colômbia, Japão, Portugal e Espanha. A cerimônia religiosa dos cultos é simples, com atenção focada em um determinado pastor que realiza orações de curas, durando, em média, 2 horas e meia. Sendo uma Igreja dissidente da Universal do Reino de Deus (IURD), faz questão de demarcar a diferença afirmando ser contra a teoria da prosperidade. A maioria de seus pastores e membros são ex-seguidores daquela. Em parceria, com a Rede Bandeirantes de Televisão, está presente mais de 20h por dia no ar, em um canal associado, além de sublocar horários em outras emissoras de canal aberto. Além disso, sustenta o projeto social AMAS (Associação Mundial de Assistência Social).

A Igreja Mundial de Cristo foi fundada pela bispa Cléo Rossafa em São José do Rio Preto e hoje está presente na capital paulista e em algumas outras cidades do estado de São Paulo. Os cultos são simples, organizados e planejados. Há momentos de oração, intercessão e da pregação da Bíblia. Sua fundadora possui um programa diário de 30 minutos, no qual transmite palavras de ânimo e compartilha testemunhos dados por seus membros. A Igreja possui o

“Projeto Semeadores” que recebe doação de recursos financeiros que são repassados aos projetos sociais por eles sustentados.

A igreja Bola de Neve *Church* foi fundada em 1999, por Rinaldo Luiz de Seixas Pereira, conhecido como apóstolo Rina. Inicialmente, era um ministério que a Igreja Apostólica Renascer em Cristo desenvolvia para atrair jovens, realizando eventos gigantescos, festas, campeonatos de diversos esportes, com foco principal nas artes marciais, surf e skate. Com característica própria e destacando o trabalho evangelístico, houve a ruptura do projeto com o apóstolo Estevão e, o então pastor Rinaldo resolveu transformar o ministério em uma Igreja. Atualmente possui mais de 80 templos presentes no Brasil, além do Peru, Austrália, em *Hintington Beach* na Califórnia e no Havaí.

Embora as igrejas evangélicas pentecostais e neo-pentecostais, sejam diferentes das igrejas tradicionais em relação à doutrina e a estrutura, compartilham com estas a perspectiva acerca do relacionamento amoroso e o casamento, tópico a ser discutido a seguir.

Visão Evangélica sobre o casamento

O relacionamento conjugal para os evangélicos ocorre entre dois indivíduos após o casamento realizado perante as leis dos homens, estabelecido pela cerimônia civil e diante das leis divinas, a cerimônia religiosa.

O casamento evangélico é caracterizado como bênção matrimonial e com o peso da importância de ser realizado perante Deus. Porém, não é um ato legal para tornar aceitáveis as relações sexuais, nem uma instituição social para prover a continuidade da geração ou criação dos filhos, como é o pensamento de muitos adolescentes e jovens evangélicos (Chapman, 2008).

Independentemente das diversas correntes, percorridas anteriormente, a visão do casamento para as igrejas evangélicas é a de ser considerado como um momento importante na vida cristã, percebido como uma opção e como formação de uma instituição divina. Representa a união de dois indivíduos que têm como objetivo satisfazer as pessoas envolvidas, além de um propósito espiritual, de servir como referência e testemunho de vida para os demais casais (Chapman, 2008).

É importante compreender que existem diferenças na perspectiva de casamento sob a ótica feminina e masculina nas relações sociais dos evangélicos. Sabe-se que a construção de gênero ocorre por meio das dinâmicas sociais de interação, refletindo concepções introjetadas por homens e mulheres, sobre as práticas e as atribuições que a sociedade impõe sobre deveres e responsabilidades de cada um (Saffioti, 1992).

Quando analisamos os preceitos religiosos nas igrejas evangélicas identificamos que se impõem posturas diferenciais para o homem e a mulher, por exemplo, no que se refere ao homem casar com uma mulher virgem (“e ele tomará por esposa uma mulher na sua virgindade”, *in* Levítico 21.13), mas não é

destacado nada sobre a questão da virgindade masculina. Desta forma, pertencer a um gênero ou outro, ser homem ou mulher, implica em referências básicas que deverão ser assumidas ao longo da vida, principalmente no que se refere ao fato de que a mulher deverá ser submissa ao homem (“Semelhantemente, vós, mulheres, sede submissas aos vossos próprios maridos, para que também, se alguns deles não obedecem à Palavra, pelo procedimento de suas mulheres, sejam ganhos sem palavra, considerando a vossa vida casta, em temor” *in* I Pedro 3.1-2) e o homem deverá ser o responsável pelo casal e família (“mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo” *in* I Coríntios 11.3).

O fato de o casal evangélico ter de servir à família e a comunidade religiosa, como referência de conduta, e ainda satisfazer o seu cônjuge, pode ocasionar uma relação conflituosa, pois, cada cônjuge pode ter tido uma vivência cultural e espiritual que os façam interpretar de modo diferente do parceiro uma série de situações onde se pressupõem o uso de condutas baseadas nos preceitos bíblicos (Bartkolwski, 2001).

É importante pontuar, também, que nas igrejas evangélicas, assim como em outras religiões, nem todos os casamentos ocorrem entre membros de uma única igreja; e nem mesmo é fato que os indivíduos tenham tido a mesma experiência religiosa para ser colocada na prática cotidiana, pois há indivíduos que aprenderam a serem evangélicos desde pequenos pela influência da família, há aqueles que tiveram uma educação evangélica posterior e outros que adotaram os preceitos evangélicos como filosofia de vida, sendo este processo nomeado como

conversão ao evangelho, além ainda, daqueles casos em que somente um dos cônjuges professa a crença evangélica (Gallagher, 2003).

Independentemente do histórico religioso dos cônjuges, o casamento para igreja evangélica se baseia em um relacionamento conjugal como sinônimo de compromisso, em cujo resultado há o propósito básico de conviver e satisfazer um ao outro nos âmbitos intelectual, social, espiritual, emocional e físico (Bartkowski, 2001; Gallagher, 2003). Desta forma a qualidade do relacionamento amoroso é sinônimo de realização do casal quando os cônjuges estão em um compromisso profundo e duradouro de satisfazer ao outro nas áreas afetiva, emocional, familiar, profissional, financeira e espiritual (Chapman, 2008).

Pode-se ponderar, portanto, que o histórico religioso de cada cônjuge interfere no compromisso assumido de ter de satisfazer ao outro e de servir como referência aos demais, pois, para se tornar referência externa é preciso adotar os mesmos valores e atitudes de seu grupo religioso, o que nem sempre corresponde ao valor individual dos cônjuges.

Agrega-se à diferença de formação religiosa o fato de que, em meados do século XX, decorrente de diversos eventos mundiais significativos à sociedade, os papéis de marido e esposa sofreram grandes transformações por conta da mudança de expectativas de papéis masculinos e femininos. Tais alterações afetaram o casamento clássico que passou a ser realizado por interesses afetivos e sexuais, além da mudança de papéis entre marido e esposa que alterou o relacionamento conjugal entre eles (Giddens, 1992; Gottman, 1989).

Esta mudança de paradigma do casamento também afetou a visão evangélica sobre o mesmo e sobre a qualidade da relação amorosa. As mudanças sociais foram afetando principalmente os mais jovens que passaram a adotar, no casamento, a nova visão repassada pela sociedade, em que as mulheres têm o direito de estudar, de ter sua profissão e até mesmo ocupar lugar dentro da igreja, vindo a se tornarem pastoras e missionárias (Gallagher, 2003).

A igreja evangélica tradicional sofreu com as dissidências promovidas pela corrente do pentecostalismo de onde surgiu um novo olhar não só como Igreja, mas frente ao casamento que, introduzindo a maior flexibilidade de gênero, também passou a viver suas decorrências quanto às expectativas de satisfação conjugal e, com isso o aumento de divórcios. O pentecostalismo passou a aceitar, de forma implícita, a separação quando deixava de existir a qualidade na satisfação conjugal (Bartkowski, 2001).

Com a mudança nas estruturas societárias e com novas vertentes culturais, os jovens passaram a fazer uma releitura do que seria o compromisso de satisfazer o cônjuge, baseado na Bíblia que afirma:

“mas o que se casou cuida das coisas do mundo, de como agradar à esposa, e assim está dividido. Também a mulher, tanto a viúva como a virgem, cuida das coisas do Senhor, para ser santa, assim no corpo como no espírito; a que se casou, porém, se preocupa com as coisas do mundo, de como agradar o marido (I Coríntios capítulo 7, versículos 33-34”.

Se a ordem divina seria a de se preocupar com as coisas do mundo, compreendida como os valores e posturas de uma sociedade, não necessariamente cristã, os jovens passam a incorporar tais mudanças, mas com a responsabilidade de ainda continuar agradando ao seu cônjuge. Para acomodar as mudanças processadas pela sociedade mundial dentro dos princípios bíblicos, os jovens passam a frequentar as novas igrejas geradas pela corrente do pentecostalismo nas quais havia lugar para tais mudanças culturais (Gallagher, 2003).

Com o surgimento do neo-pentecostalismo passou-se a apregoar a Teoria da Prosperidade que consiste em afirmar que todos os homens têm direito a viver uma vida com abundância de recursos financeiros. Tal condição afetou a dinâmica interna entre os casais, isto é, o conceito de que o homem sempre visto como mantenedor financeiro e a mulher como colaboradora, sofreu alterações com o aumento do número de mulheres em busca de maior reconhecimento profissional e financeiro, gerando possivelmente posições conflitantes no que se refere a diferenças de gênero. A semelhança de posição quanto a educação e trabalho extra-domiciliar não retirou a subordinação da mulher em sua esfera privada além de ter criado uma desigualdade no mercado de trabalho baseado nas representações e imagens de gênero em que se pré-definem os perfis de ocupação, baseando-se na qualificação e competência relacionando as capacidades reprodutivas das mulheres e operativas dos homens (Brito & Oliveira, 1997).

Além disso, os casais evangélicos, assim como aqueles contrários a tal doutrina, começaram a terceirizar a educação dos filhos quando já

casados e, os jovens solteiros, diante disso, passaram a focar a realização profissional e financeira antes do casamento, para assim poderem constituir uma família tradicional, revelando a dificuldade que muitos jovens possuem de associarem as normas sociais e os preceitos religiosos, pois, o casamento não é visto como obrigação para os evangélicos, mas parece ser um item a ser almejado como nas antigas famílias evangélicas.

Esses novos elementos modificaram a percepção da qualidade e da satisfação conjugal e começaram a ser filtrados pela liderança religiosa ao perceberem que as atitudes e comportamentos dos casais evangélicos, principalmente neo-pentecostais, pouco se diferenciavam daqueles que não professavam a religião cristã. O que percebemos atuando e orientando jovens provenientes das igrejas evangélicas neo-pentecostais é que estas começaram um movimento de reorganização a fim de explicar, nos parâmetros bíblicos, o que seria certo ou errado, adequado ou inadequado nos relacionamentos entre os casados.

Surgiram então, grupos que se especializaram em tratar este assunto, entre eles, o mais conhecido no meio evangélico, o projeto “Casado para Sempre”, que realiza seminários e cursos em diferentes igrejas. Assim, cada igreja neo-pentecostal passou também a ter o seu próprio jeito de abordar o assunto, como por exemplo, a formação do Ministério de Casais da Igreja Internacional da Graça de Deus, a Terapia do Amor e o projeto *Sisterhood* da Igreja Universal do Reino de Deus e a Terapia de Casal da Igreja Renascer.

O fato de as igrejas neo-pentecostais apregoarem o que é certo ou errado nos relacionamentos amorosos pode afetar o nível da qualidade conjugal, pois o que pode ser errado para a Igreja não necessariamente é visto assim pelos cônjuges, ocasionando um conflito entre o que é um desejo saudável e o pecado. Tal conflito pode ser percebido de forma mais visível nas prateleiras de livros cristãos, nas quais a teologia e estudos bíblicos eram antes, o assunto principal e que agora, passam a ser ocupadas também com livros cuja temática sobre o amor entre o casal, a importância da família e sobre a educação dos filhos se tornaram campeões de procura. Hoje, o mercado editorial cristão, que hoje conta com inúmeras editoras, pertencentes às próprias igrejas evangélicas, está superaquecido nos temas de casamento e família, na tentativa de abordar um assunto que parece ser inesgotável diante das mudanças culturais.

IV. JUSTIFICATIVA

Como psicóloga e como membro atual de uma igreja da corrente evangélica neo-pentecostal, venho trabalhando com jovens evangélicos, solteiros e casados, em psicoterapia e programas de interação familiar, auxiliando-os na tomada de decisões relativas a namoro e casamento. Tenho observado que a maior dificuldade refere-se a lidar com a vontade própria atrelada aos preceitos religiosos aos quais são expostos.

Refletindo sobre tais atendimentos, comecei a considerar a importância da visão religiosa e de seus preceitos na vida conjugal das pessoas, o que me motivou a investigar a religião em casamentos cristãos evangélicos com o objetivo de compreender a relação entre preceitos religiosos e a vida conjugal destes, por meio de pesquisa empírica que trouxesse informações a ser utilizadas na orientação.

O campo de estudo da psicologia é muito vasto e diverso, visto que é uma ciência que se propõe a compreender a subjetividade envolvida em cada ação realizada por um indivíduo ou por um grupo, bem como o impacto de tais atividades nas sociedades local e global. Por trás destas diversas incursões há a pretensão de compreender melhor as dinâmicas pessoais, sociais e culturais de um grupo visando um exame a priori de um indivíduo.

A análise deste indivíduo é nominada por muitos profissionais da área da saúde como a investigação da qualidade de vida, um termo tomado emprestado dos cientistas sociais, filósofos e políticos do século XX e que, atualmente, tem se tornado uma das grandes preocupações dos psicólogos clínicos, à medida que oferecer melhor qualidade de vida aos pacientes significa resolução de conflitos emocionais e psicológicos. O estado emocional e afetivo dos sujeitos revela *a priori* as transformações vividas, mostrando alterações substanciais na qualidade de vida.

Tomando como base a conceituação de qualidade de vida, definida pela divisão da Saúde Mental da Organização Mundial da Saúde (OMS), como *“a percepção do indivíduo de sua posição na vida, no contexto da cultura e sistemas de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas padrões e preocupações”*, esperamos que nosso trabalho possa significar uma contribuição social e psicológica importante nesta direção.

V. OBJETIVO

Objetivo Geral

Contribuir para a compreensão dos preceitos religiosos na vida conjugal de casais evangélicos pentecostais e neo-pentecostais, entendendo o caráter subjetivo do fenômeno religioso e sua interface com os relacionamentos interpessoais.

Objetivos Específicos

Realizar uma pesquisa quali-quantitativa identificando áreas da conjugalidade em que a religião pode estar associada à satisfação e ao ajustamento conjugal, assim como identificar os principais conflitos e estratégias de enfrentamento que possam estar sendo utilizados em uma amostra de indivíduos casados evangélicos pentecostais e neo-pentecostais.

VI. MÉTODO E MATERIAL

Método

Os resultados foram obtidos por meio de uma investigação de levantamento. Utilizamos questionários com o objetivo de obter informações sobre os participantes, tais como, dados demográficos (idade, gênero, estado civil, financeiro dentre outros), comportamentos passados e previsão de comportamentos futuros, de acordo com as crenças pessoais de cada participante.

Tratou-se de uma pesquisa quali-quantitativa, à medida que utilizou análises estatísticas para a apuração de variáveis externas cujos resultados podem ser generalizados para uma população específica, ao mesmo tempo em que analisamos qualitativamente perguntas de caráter exploratório que estimulavam os participantes a escreverem de forma espontânea, aspectos subjetivos de sua experiência ou expectativa pessoal (Cozby,2003).

Participantes

Para a seleção dos participantes da pesquisa foram usados os seguintes critérios de seleção: era necessário que os participantes estivessem casados legalmente, tivesse completado, ao menos, o ensino fundamental visto que teriam de responder aos questionários, dos quais se requeriam capacidade de interpretação e compreensão e que se declarassem seguidoras da religião evangélica. Foram excluídos da pesquisa os participantes que estavam morando

juntos e que não devolveram à pesquisadora os conjuntos de questionários corretamente respondidos com todos os itens ou no prazo de um mês estipulado para devolução. Sob estes critérios foram selecionados 35 participantes.

Procedimento

Os participantes foram convidados a fazer parte da pesquisa por meio de contato social, via telefone ou virtual, sendo-lhe explicados os objetivos do trabalho. Àqueles que aceitaram, foi enviado, via correio ou entregue pessoalmente, dois envelopes lacrados, sendo que um possuía um conjunto de questionários da pesquisa e outro, um envelope pelo qual devolveriam à pesquisa, com remetente e destinatário endereçados à pesquisadora para garantir o sigilo.

Cada participante recebeu duas cópias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), sendo que uma delas ficava em sua posse e a outra deveria ser assinada e devolvida, em um envelope com remetente e destinatário endereçados à pesquisadora, para garantir o sigilo e a dissociação ao questionário respondido. Cabe mencionar que a presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tendo recebido aprovação por meio do Protocolo 128/2010, expedido no dia 07 de junho de 2010.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário composto por quatro seções, três das quais formuladas pela pesquisadora (Q.I. Parte A. Informação Geral; Parte B. Religião e Família de Origem; Parte C. Religião e Relacionamento Conjugal) e a Escala de Ajustamento Conjugal (Q.2. Das & PRL). O questionário conforme utilizado encontra-se no Anexo B.

O questionário “Q.I. Parte A. Informação Geral” é composto por 12 questões que envolvem os dados demográficos da população. O questionário “Q.I. Parte B. Religião e Família de Origem” contém 13 perguntas sobre o aspecto religioso adotado pela família de origem e a influência da religião parental sobre o participante e, o “Q.I. Parte C. Religião e Relacionamento Conjugal” possui 21 questões envolvendo a religião na prática cotidiana do casal, em sua maioria por meio de questões criadas com o objetivo de realizar uma análise descritiva e categorizada dos conflitos e dos padrões de resolução adotados pelo participante e como forma de identificar a presença dos preceitos religiosos nestes.

A Escala de Ajustamento Conjugal (Q.II. DAS & PRL), adota pela pesquisadora para o instrumento deste trabalho, faz parte da Escala de Ajustamento Conjugal de Spanier, (*DSS - Dyadic Satisfaction Scale*, 1976) que avalia o relacionamento conjugal, não necessariamente o vínculo existente entre os cônjuges, composta por 32 questões conforme tradução adaptada para uso no Mestrado em Psicologia Clínica por Maria de Bethânia Paes Norgren (2002).

A escala de 32 itens é sub-dividida em quatro conjuntos de itens, a saber: consenso, satisfação, coesão e expressão de afeto. O consenso é representado pelos itens de 01, 02, 03, 05, 07 ao 15, nos quais é possível avaliar a percepção individual do nível de concordância do casal em diversos aspectos, tais como, vida financeira, lazer, filosofia de vida, metas e decisões profissionais.

A satisfação é representada pelos itens 16 a 23, 31 e 32, onde é possível avaliar, por exemplo, as percepções individuais das questões relativas ao divórcio, brigas, arrependimento, grau de felicidade e compromisso com o futuro.

A coesão é representada pelos itens 24 a 28 nos quais é possível analisar o senso de compartilhamento emocional do casal, investigando as percepções individuais relativas a projetos em conjunto.

A expressão de afeto é representada pelos itens 4,6, 29 e 30 sendo possível medir a percepção da concordância dos cônjuges em relação a demonstrações de afeto, relações sexuais, falta de amor e recusa sexual.

A escala utiliza o sistema *likert* de pontuação, possuindo algumas respostas de escala de 5, 6 ou 7 pontos e, dois itens apresentam como possibilidades de respostas 'sim' e 'não'. O escore total possível é de 0 a 151 pontos o que é obtido pela soma dos escores nas 4 sub-escalas.

Análise dos Resultados

Os dados encontrados por meio da aplicação do conjunto de questionários e escalas foram avaliados por meio do programa estatístico SPSS versão 16.0 contando com ajuda de um profissional da área de estatística para a verificação e correção de dados obtidos.

Na presente investigação, a satisfação conjugal foi considerada fator central para a análise dos dados. Por isso, os participantes foram classificados de acordo com a sub-escala de satisfação conjugal (*DSS - Dyadic Satisfaction Scale*), que faz parte da escala de ajustamento conjugal (Spanier, 1976). Para ser considerado satisfeito, o indivíduo deveria obter pontuação igual ou superior a meio desvio padrão acima da média da amostra.

As diferenças entre homens e mulheres com relação às características da relação conjugal foram analisadas, assinalando-se as diferenças e pontos comuns segundo os grupos de satisfação conjugal. As questões abertas foram categorizadas e submetidas à avaliação estatística quando viável considerando o número de participantes em cada categoria.

Foram utilizadas a Análise de Variância (ANOVA) e Tabelas de Contingência com teste Qui-Quadrado e para verificar as relações entre algumas variáveis foi utilizado o Coeficiente de Correlação de Pearson.

VI. RESULTADOS E DISCUSSÃO

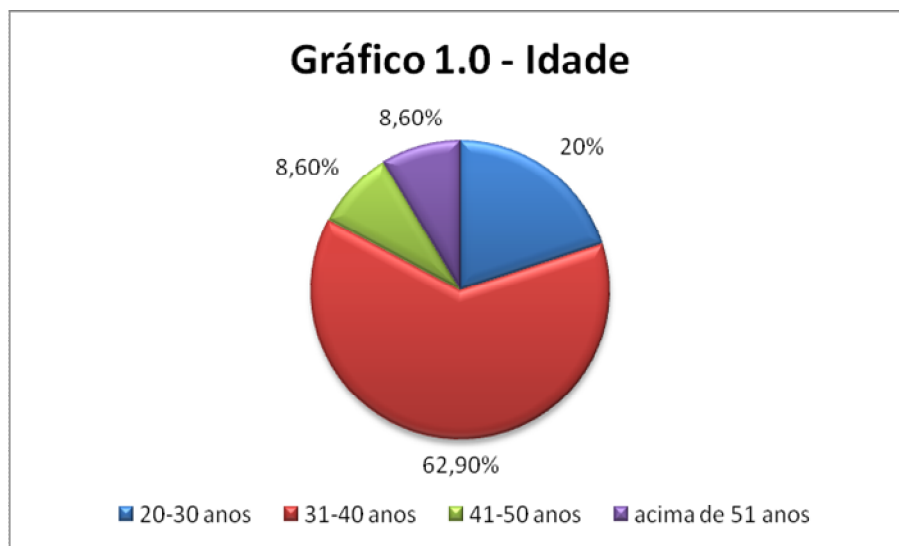
O objetivo do presente trabalho foi levantar subsídios que permitam problematizar temas relativos à satisfação conjugal e conflitos de pessoas casadas e que se declaram evangélicas, possibilitando recursos para programas de orientação e desenvolvimento de qualidade de vida conjugal nas instituições religiosas evangélicas.

Considerando a extensão do questionário que utilizamos para a presente pesquisa, foi possível tratar das questões diretamente associadas ao objetivo, bem como indicar outros temas associados à prática religiosa que apareceram como hipóteses a serem tratadas em outras pesquisas. Os resultados serão apresentados em tópicos associados a cada tema estudado.

Perfil Demográfico

Inicialmente apresentaremos as informações relativas aos participantes que só foram obtidas mediante a análise das respostas ao questionário, considerando que os critérios de inclusão/exclusão eram bastante simples: ser casado e identificar-se como pertencente a uma igreja evangélica. Para uma descrição mais objetiva utilizamos o número bruto e a porcentagem no texto, porém, para uma melhor visualização será utilizada a porcentagem para os gráficos.

Tratou-se de uma amostra equilibrada quanto ao sexo na qual, 16 eram homens (45,7%) e 19 mulheres (54,3%). A idade média obtida foi de 36,80 anos, tendo o participante mais novo 24 anos, e o mais idoso 69 anos; do total, 7 (20%) tinham entre 20 e 30 anos, 22 (62,9%) entre 31 e 40 anos, 3 (8,6%) entre 41 e 50 anos e 3 (8,6%) acima dos 51 anos. Todos eram moradores do Estado de São Paulo. O Gráfico 1.0, a seguir, apresenta a distribuição etária dos participantes, permitindo perceber tratar-se de uma população adulta, distribuída entre diferentes sub-estágios deste período.



Em relação ao estado civil, 32 participantes (91,4%) estavam no primeiro casamento e 3 deles (8,6%) eram casados pela segunda vez. No total geral, 9 (25,7%) não tinham filhos e 26 (74,3%) os tinham. Vide Gráfico 2.0 e 2.1.

Gráfico 2.0 – Estado Civil

■ Primeiro Casamento ■ Segundo Casamento

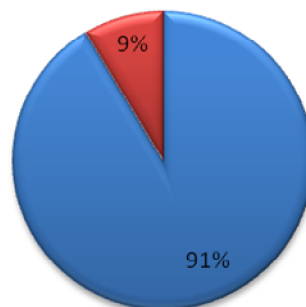
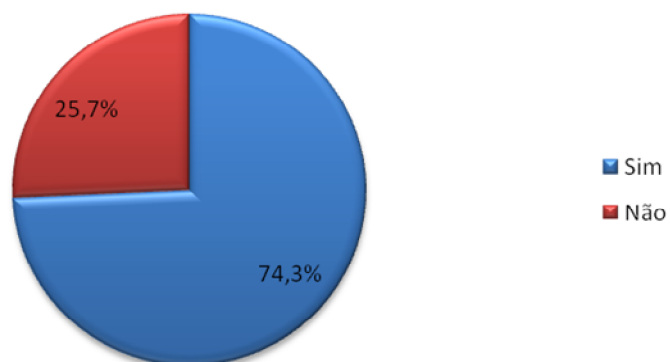


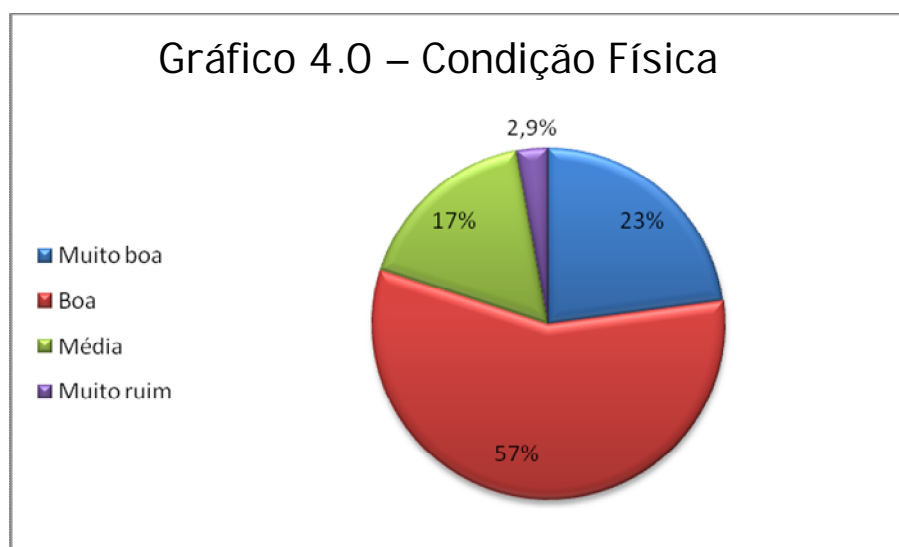
Gráfico 2.1 – Número de Filhos



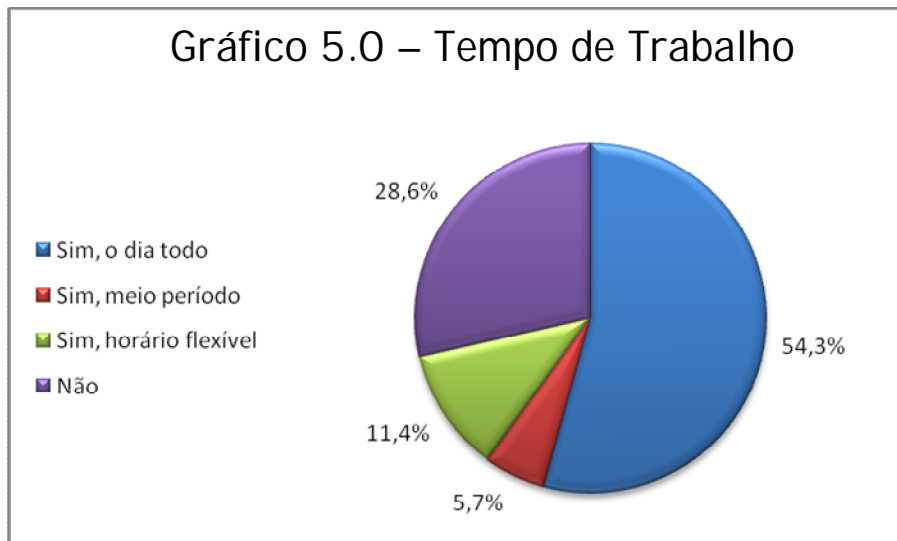
Em relação à escolaridade tratou-se de uma amostra dispersa, cobrindo todos os níveis de escolarização. Dos participantes, 4 (11,4%) tinham ensino fundamental completo, 5 (14,3%) ensino fundamental incompleto, 9 (25,7%) ensino médio completo, 2 (5,7%) ensino médio incompleto, 6 (17,1%) graduação completa, 7 (20%) graduação incompleta e 2 (5,7%) possuíam curso de pós-graduação completo, conforme aparece no Gráfico 3.0 a seguir.



Em relação à condição física, obtivemos que 20 (57,1%) participantes afirmaram ser boa, 8 (22,9%) muito boa, 6 (17,1%) média e apenas um (2,9%) disse ser ruim, como pode ser visualizado no Gráfico 4.0 a seguir.



Em relação ao tempo gasto com o trabalho, 19 (54,3%) desenvolvem atividade financeira o dia todo, 4 (11,4%) desenvolve em horário flexível e 2 (5,7%) em meio período, sendo que 10 (28,6%) participantes não trabalham. Ver o Gráfico 5.0 a seguir.



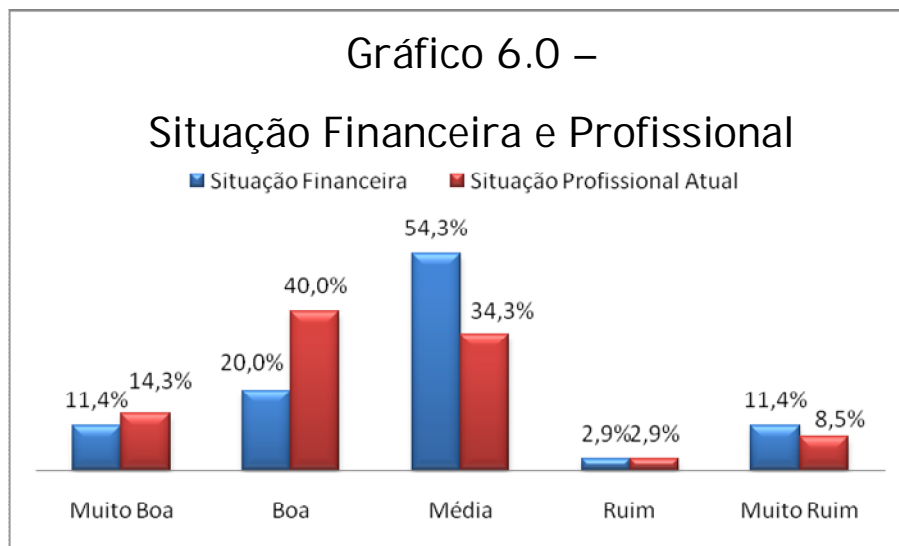
É interessante notar nestes dados que mais de ¼ dos participantes não trabalham. Ao cruzarmos atividade de trabalho extradomiciliar e sexo obtivemos resultado significativo ($\chi^2=7,155; gl=2; p=0,028$). Conforme fica visível na Tabela 1.0 abaixo, é possível observamos que existem mais homens trabalhando durante o dia todo, enquanto há mais mulheres que trabalham em horário flexível, em meio-período e, principalmente, que não trabalham.

TABELA 1.0. Tempo de Trabalho versus Sexo (nível de confiança $p<0,05$)

		Você desenvolve atividade remunerada?				Total
		Sim, o dia todo	Sim, horário flexível	Meio-período	Não	
Sexo	Masculino	13	1	0	2	16
	Feminino	6	3	2	8	19
Total		19	4	2	10	35

Em relação à situação financeira, 19 (54,4%) participantes avaliaram a vida econômica como média, 7 (20%) como boa, 4 (11,4%) como muito boa, 4 (11,4%) como muito ruim e um (2,9%) disse que ruim. Em relação à vida profissional, a maioria dos participantes, 14 (40%), afirmou que a sua situação

profissional atual estava boa; 12 (34,3%) na média, 5 (14,3%) muito boa, 4 (8,5%) muito ruim, e apenas um (2,9%) afirmou que ruim, vide Gráfico 6.0 a seguir.



Ao analisarmos a variável sexo em relação à situação financeira dos participantes não foi encontrado diferença significativa ($\chi^2=2,420$; $gl=4$; $p>0,05$), assim como também não foi obtida em relação à situação profissional ($\chi^2=1,819$; $gl=3$; $p>0,05$).

Por meio da Tabela 2.0, é possível observar que, na amostra estudada, os participantes que avaliam a situação econômica como média a muito boa, estão na faixa etária dos 31 e 40 anos, ou seja, são pessoas que já devem ter adquirido melhor organização financeira e estabilidade profissional.

TABELA 2.0. Situação econômica versus Idade (nível de confiança $p<0,05$)

		Como você avalia a situação financeira?					Total
		Muito boa	Boa	Média	Ruim	Muito ruim	
Idade	20-30	0	1	5	0	1	7
	31-40	2	6	12	1	1	22
	41-50	1	0	2	0	0	3
	acima de 61	1	0	0	0	2	3
Total		4	7	19	1	4	35

Podemos concluir que temos uma amostra adulta, com uma parcela significativa dos participantes entre 31 e 40 anos de idade; sendo que a maioria está em seu primeiro casamento; $\frac{3}{4}$ possuem filhos; consideram-se com boa condição física. Trata-se de uma amostra dispersa em relação à escolaridade; se diferencia em relação ao tempo de trabalho quanto ao gênero, havendo mais mulheres trabalhando em horários flexíveis e em meio-período e, em relação à situação econômica, a maioria a classifica como em boas condições, se diferenciando em relação à idade, pois há mais participantes na vida produtiva na faixa etária entre 31 e 40 anos.

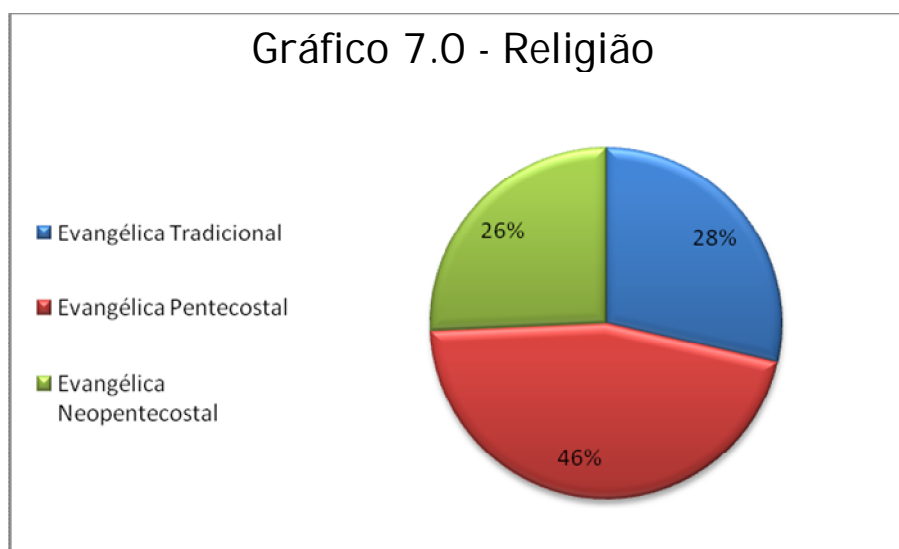
Religião

No Brasil o crescimento da igreja evangélica nos últimos anos têm sido percebido por meio das análises realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), porém, há poucos estudos à nível acadêmico que se propõe a investigar a interface dos preceitos religiosos evangélicos em temáticas sobre satisfação conjugal, conflitos e recursos de enfrentamento. Talvez este seja o primeiro trabalho nacional que se dispôs a investigar tal relação.

Para isso é interessante mostrarmos a análise desta amostra no que se refere à religião, de modo que nos tópicos seguintes seja discutido o nível de satisfação conjugal dos participantes, em um primeiro momento, junto à análise de ajustamento conjugal geral para que, no segundo momento, seja descrito a

interface da religião em relação ao grau de satisfação, nos conflitos e recursos de enfrentamento adotados pelo participante .

Em relação à religião professada, a maior parte dos participantes, 16 destes, afirmaram ser seguidores da corrente pentecostal (45,7%), 9 deles eram seguidores da corrente neo-pentecostal (25,7%) e 10 participantes (28,6%) afirmaram ser seguidores da igreja tradicional, vide Gráfico 7.0.



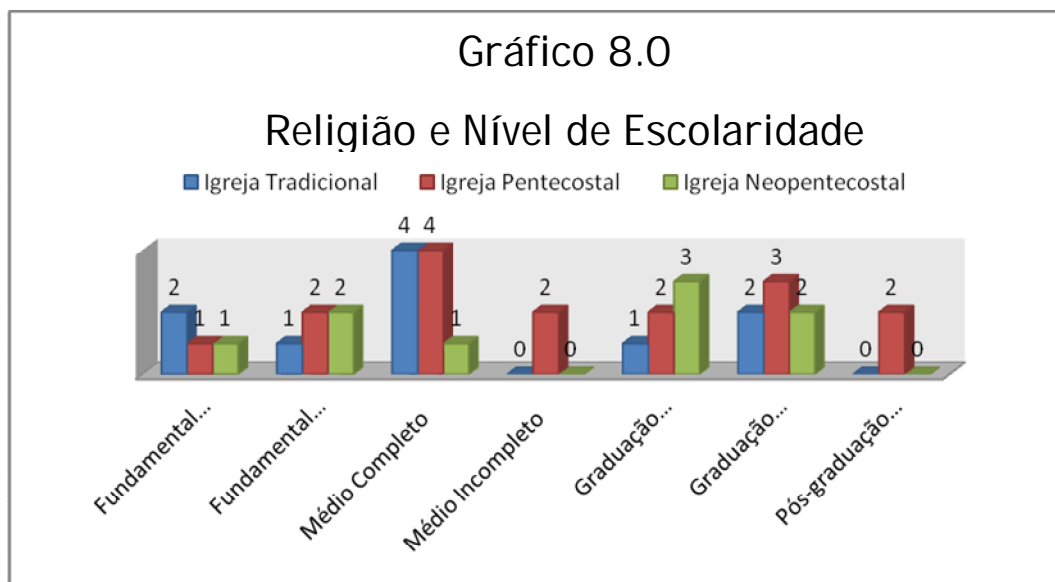
É interessante pontuar que quando os participantes foram convidados a fazer parte da pesquisa, todos conheceram o objetivo e souberam que o foco era o estudo sobre as correntes pentecostais e neo-pentecostais. Entretanto, foi expressivo o número de respondentes que se identificaram como provenientes de corrente tradicional. Optamos por não excluir estes protocolos devido à análise da mobilidade religiosa no Brasil, bem como os argumentos abaixo.

Siepierski & Gil (2007) estudaram a dinâmica da religiosidade evangélica brasileira indicando que esta é ampla e complexa. Mostraram a grande facilidade pela qual os evangélicos transitam de uma denominação à outra, porém, quando estes possuem uma forte influência de educação religiosa tradicional, parece haver uma dificuldade para se desprender de tais ensinamentos. Lendo todo o questionário de cada um destes 10 participantes foi possível perceber serem estas pessoas, na realidade, seguidores de uma das linhas estudadas na pesquisa, mas, provavelmente cresceram em igrejas tradicionais e hoje participam de igrejas neo-pentecostais, e, por algum motivo pessoal, identificaram-se como tradicionais. Assim, não foram excluídos e, quando necessário, tal especificidade será pontuada.

Os evangélicos pentecostais e neo-pentecostais são comumente considerados como pessoas com menor nível de escolaridade, resultando em menos conhecimento teórico e profissional, o que justificaria a crença em fenômenos sobrenaturais tais como exortação e cura divina (Cortella, 2010). Uma pesquisa realizada por Bohn (2004) apontou que os evangélicos pentecostais possuem um menor nível educacional, grande parte somente ensino médio completo, enquanto os evangélicos neo-pentecostais se destacam sendo o grupo que alcança o nível superior.

Ao contrário do estudo supra-citado, em nossa pesquisa existe uma tendência geral para o nível superior de escolaridade entre os participantes, provavelmente devida ao método de 'bola de neve' para captação de sujeitos, os quais direto ou indiretamente faziam parte da rede pessoal da autora da presente

Dissertação. Foi observado que a maioria dos evangélicos pentecostais tinha nível educacional superior, porém não foram encontradas diferenças significativas entre o nível de escolaridade e a religião professada ($\chi^2=16,403$; $gl=18$; $p>0,05$), conforme pode ser observada, em dados brutos, no Gráfico 8.0 a seguir.

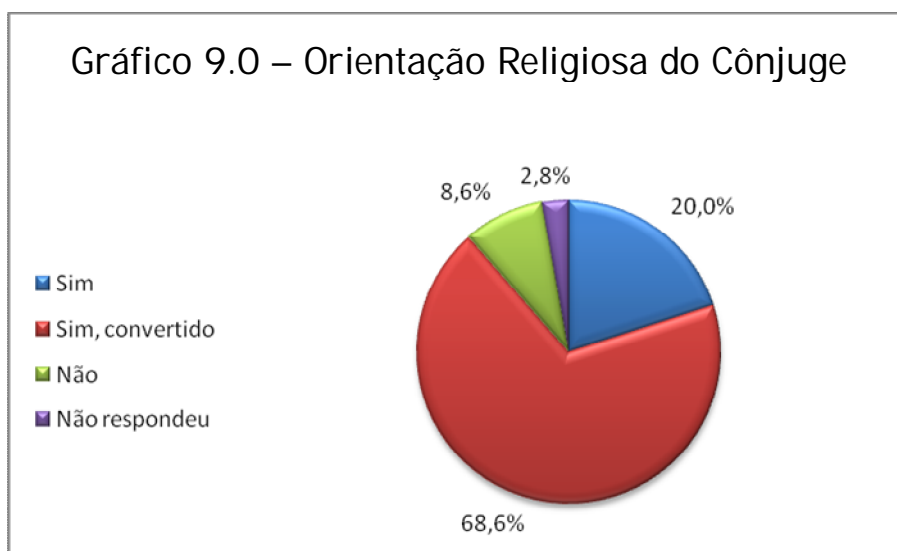


Em relação à religião dos pais temos diferenças em relação à religião do pai e da mãe. Em nossa amostra, dentre os pais, a maioria, ou seja, 20 (57,1%) eram evangélicos, 12 (34,3%) católicos, um (2,9%) seguidor da doutrina espírita e um (2,9%) considerava-se ateu. Dentre as mães, 24 (68,7%) eram evangélicas, 7 (20%) católicas, uma (2,9%) espírita e 3 (8,4%) atéias.

Sob o fato de os pais terem sido casados na igreja, não houve diferença expressiva de dados, tendo-se que 20 (57,1%) casaram-se na igreja - possivelmente ambos os pais ou eram evangélicos ou católicos - enquanto 15 (42,9%) não se casaram na igreja, sendo possível observar que o fenômeno de

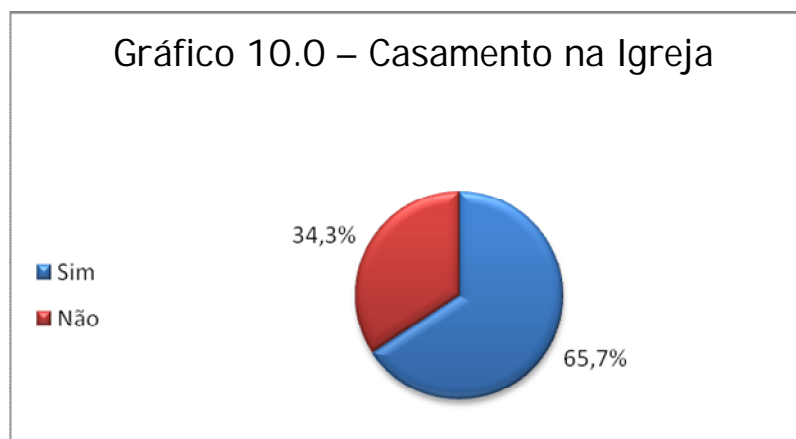
casamentos inter-religiosos é recente, conforme indica literatura (O’Leary,2001; Hampe, 1971).

Assim como foi observado na literatura (O’Leary,2001; Kalmijn,1998) na presente amostra identificamos que os jovens tendem a não ter relacionamentos amorosos/conjugais com pessoas da mesma comunidade evangélica, o que pode ser observado pelo Gráfico 9.0 a seguir (no qual a palavra ‘sim’ refere-se a ser da mesma comunidade). No entanto, em concordância com Marks (2005), também observamos a tendência à conversão por parte do parceiro (sim, convertido). Talvez tivesse sido interessante investigar o motivo da conversão religiosa dos cônjuges, pois, também como afirma Marks (2005) em certas religiões é costume que um dos cônjuges se converta a crença do outro.



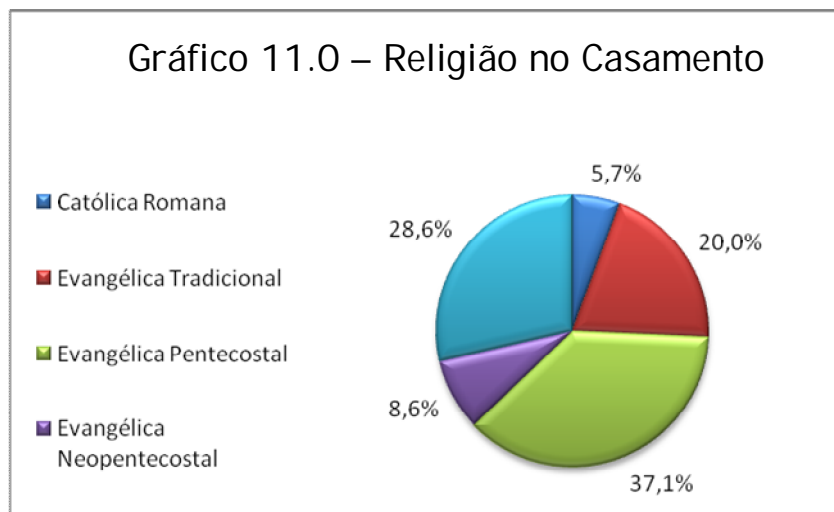
Um dado interessante foi percebido ao analisamos a questão sobre em qual religião ocorreu o casamento dos participantes. Os líderes religiosos orientam no sentido de que o casamento em uma religião significa ter realizado a

cerimônia religiosa por completa (Bartkolwski, 2001, Chapman, 2008.). No entanto, embora todos tenham respondido que se casaram de acordo com uma religião, conforme pode ser visto no Gráfico 10.0 a seguir, apenas um pouco mais da metade da amostra (65,7%), afirmou ter assim se casado, o que talvez indique a idéia que a religião é algo mais interno do que a intermediação da igreja instituída.



Trabalhando com a pergunta em qual religião casou temos que 13 (37,1%) se casou na igreja pentecostal, 7 (20%) na igreja evangélica tradicional, 3 (8,6%) na neo-pentecostal e 2 (5,7%) na católica romana (Gráfico 11.0). Os demais 10 (28,6%) afirmaram não ter se casado em nenhuma igreja, ou seja, menos do que os 12 (34,5%) que disseram não ter casado na igreja, conforme Gráfico 10.0.

Devemos considerar que esta diferença pode ser devida ao fato de que alguns jovens seguidores de igrejas evangélicas neo-pentecostais, não realizam a cerimônia de casamento, propriamente dita, mas possuem unicamente o hábito de levar a certidão de casamento para ser consagrada pelo seu líder espiritual (Gallagher, 2003).



Questionados sobre qual o sentido e a importância de se casar na igreja, as respostas mais comuns foram de que a cerimônia era “*um selo diante de Deus*” e “*um compromisso perante os homens*”; além de ser uma “*benção na vida conjugal*” e “*um mandamento de Deus*”, não havendo diferença de respostas entre homens e mulheres, embora a literatura a aponte no que se refere a população norte-americana (Bartkolwski, 2001).

O mesmo padrão de resposta foi obtido em relação à questão sobre os princípios da religião atual que influenciaram a vida (atual) dos participantes, quando obtivemos que “*amar a Deus*” e “*amar ao próximo*” apareceram de forma indistinta entre homens e mulheres, havendo diferenças expressivas nas outras respostas analisadas, conforme mostra a Tabela 3.0.

TABELA 3.0: Princípios religiosos na vida atual separados por gênero

Mulheres		Homens	
Servir ao Senhor Jesus	Esperança	<u>Amar a Deus</u>	Não julgar
<u>Amar a Deus</u>	Paciência	<u>Amar ao próximo</u>	Fidelidade
<u>Amar ao próximo</u>	Coragem	Fé	Autoridade
Honrar Pai e Mãe	Tolerância	Sabedoria	Não ter dívidas
Obediência	Honestidade	Responsabilidade	Liberdade
Humildade	Mandamentos	Domínio Próprio	

Da mesma forma que na resposta anterior, na qual o casamento é entendido como “*um mandamento de Deus*”, tanto nos homens quanto nas mulheres obtivemos elementos que não são mandamentos para o cristão, mas atributos a serem adquiridos. Dentre os homens percebemos pelas respostas que estes possuem uma compreensão mais correta do que seriam os preceitos religiosos a serem seguidos, como: ter fé, não julgar, fidelidade, autoridade e não ter dívida.

Ao contrário dos homens, as mulheres apontaram como princípios somente: o dever de honrar pai e mãe, ter humildade e seguir os mandamentos. Por conta destas respostas podemos levantar a hipótese de que elas possivelmente tendem a não fazer uso exclusivo de recursos religiosos no enfrentamento e na resolução de conflitos, bem como a buscar recursos inerentes as estratégias e habilidades comportamentais, tópico ainda a ser discutido nesta Dissertação.

Tendo em vista a diferença entre homens e mulheres identificadas acima, também separamos por gênero as respostas sobre a influência que a religião teria sobre as diversas áreas da vida. Obtivemos como respostas, ver Tabela 4.0, que o impacto perpassa: a visão de mundo, a formação de personalidade, a área afetiva, a área amorosa, a vida social e, com pouco expressividade, a escolha profissional. Nossos resultados são condizentes com o já apontado na literatura religiosa (Gallagher, 2003 Chapman, 2008),

TABELA 4.0: Influência da religião na vida pessoal

Influência Religiosa	Amostra total (n=35)	Gênero Masculino (n=16)	Gênero Feminino (n=19)
Visão de Mundo	77,1%	75,0%	78,9%
Personalidade	71,4%	75,0%	68,4%
Escolha Profissional	20,0%	12,5%	26,3%
Vida Social	57,1%	50,0%	63,2%
Vida Afetiva	62,9%	43,8%	78,9%
Vida Amorosa	60,0%	56,3%	63,2%

Nota: os valores não totalizam 100%, por ser uma questão de múltiplas respostas.

Notamos que a religião influenciou fortemente a visão de mundo dos participantes, não havendo diferença em relação ao gênero ($\chi^2=0,077$;gl=1;p>0,05). Quanto à formação da personalidade há uma tendência de os homens assumirem mais tal influência, porém, não há relação estatisticamente significativa para tanto ($\chi^2=0,184$;gl=1;p>0,05). Quanto à vida social ($\chi^2=0,6143$;gl=1;p>0,05) e a amorosa ($\chi^2=0,173$;gl=1;p>0,05), parece haver uma

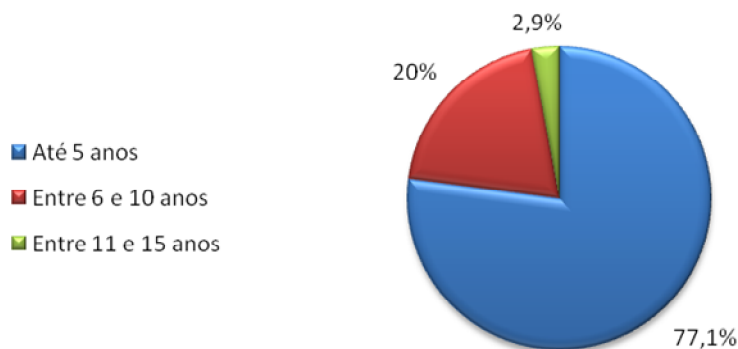
tendência de as mulheres serem mais influenciadas pela religião, assim como quanto à escolha profissional ($\chi^2=1,036;gl=1;p>0,05$), porém, só houve relação significativa para mulheres no que se refere à influência da religião na área afetiva ($\chi^2=4,609;gl=1;p=0,032$).

O conjunto destes resultados nos dirigem a necessidade de observar as relações de gênero nos temas principais sob investigação nesta Dissertação.

Conjugalidade

Um dado encontrado na pesquisa, e que vai de acordo com as observações da prática cotidiana de consultório e da vivência pessoal da pesquisadora, é que geralmente o evangélico conhece seu futuro cônjuge em atividades religiosas, como show gospel, encontros e acampamentos, desenvolvendo vínculo de amizade com este durante um tempo e iniciando o namoro que perdura por alguns anos, como pode ser visualizado no Gráfico 12.0 a seguir.

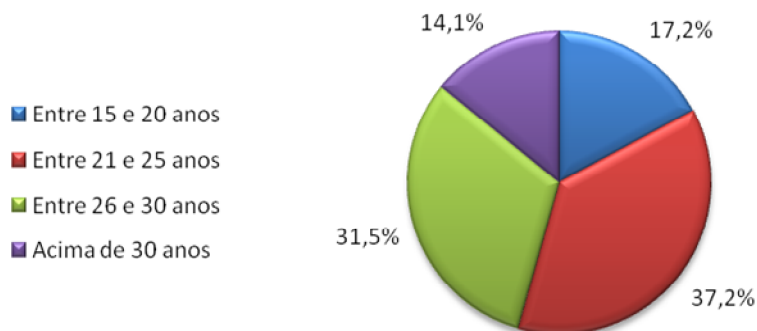
Gráfico 12.0 – Tempo que se conheciam



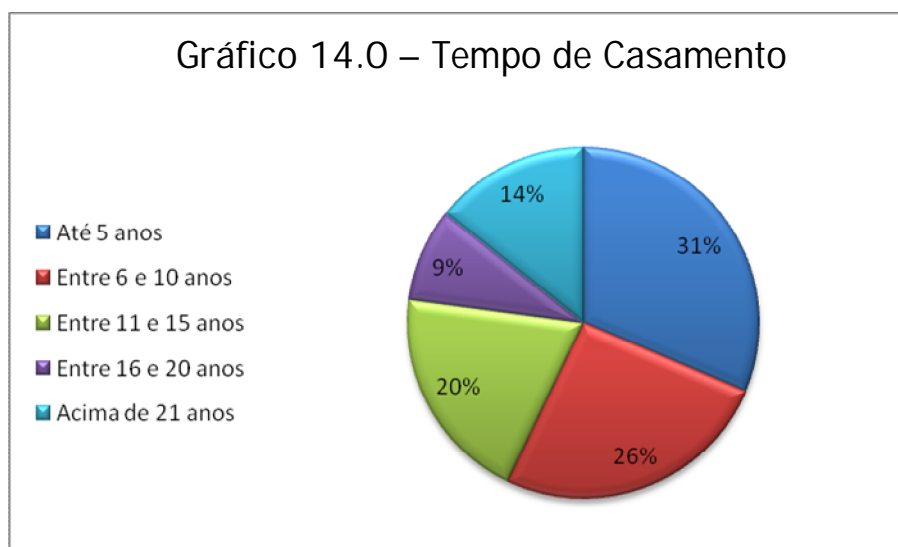
Essa fase de namoro mais prolongada é percebida entre aqueles seguidores da corrente pentecostal e neo-pentecostal em nossa amostra, assim como também já foi apontada pela literatura evangélica como um fenômeno mais recente (Chapman, 2008). Conforme tendência encontrada em outras pesquisas (Heaton & Pratt, 1990), os jovens evangélicos estão se casando cada vez mais tarde o que é corroborado pelos dados obtidos de nossa amostra, vide Gráfico 13.0.

Gráfico 13.0

Idade que o participante se casou



Em relação ao tempo de casamento, temos que 31,4% dos participantes têm até 5 anos de relacionamento matrimonial, 25,7% estão juntos entre 6 a 10 anos, 20% entre 11 e 15 anos, 8,6% entre 16 e 20 anos e 14,3% acima de 21 anos, conforme Gráfico 14.0 a seguir. Portanto trata-se de uma amostra na qual os indivíduos já enfrentaram as primeiras adaptações do casamento e, em sua maioria, devem estar vivenciando as vicissitudes das demandas de equilíbrio entre conjugalidade, parentalidade e carreira.



Em relação aos princípios fundamentais da religião que influenciam a vida conjugal dos participantes, notamos diferenças nas respostas de homens e mulheres, vide Tabela 5.0. É importante ressaltar que o princípio de que *“a mulher deve ser submissa ao homem”* apareceu em 100% da amostra de ambos os sexos, indicando a introjeção e manutenção do princípio fundamental da desigualdade de gênero presente no Novo Testamento (I Coríntios 11).

TABELA 5.0: Princípios religiosos que influenciam na vida conjugal

Mulheres	Homens
<u>A mulher deve ser submissa ao marido</u>	<u>A mulher deve ser submissa ao marido</u>
Caráter aperfeiçoado pela Palavra	Fidelidade
Fidelidade	Amor
Companheirismo	Respeito
Amor	Não trair
Mansidão	
Domínio próprio	
Homem como cabeça	

Notamos que os preceitos *'fidelidade'* e *'amor'* apareceram tanto nas respostas de homens quanto nas das mulheres, porém, dentre as respostas obtidas entre os primeiros, todas se referiam a algum princípio religioso, ao contrário delas, que indicaram elementos que não são obrigações para o cristão, mas, algo a ser adquirido e aprimorado em suas relações humanas, como *'mansidão'*, *'domínio próprio'* e *'caráter aperfeiçoado pela Palavra'*, repetindo o que já foi visto na questão sobre os princípios religiosos na vida pessoal.

Satisfação Conjugal

Quando propusemos este trabalho partimos da indicação da literatura de que a religião poderia contribuir para a satisfação conjugal (Norgren et al.,2004). Assim, utilizamos a sub-escala de nível de satisfação conjugal, da Escala

de Ajustamento Conjugal (*DAS--Dyadic Adjustment Scale*) desenvolvido por Spanier (1976) para sub-dividir os participantes.

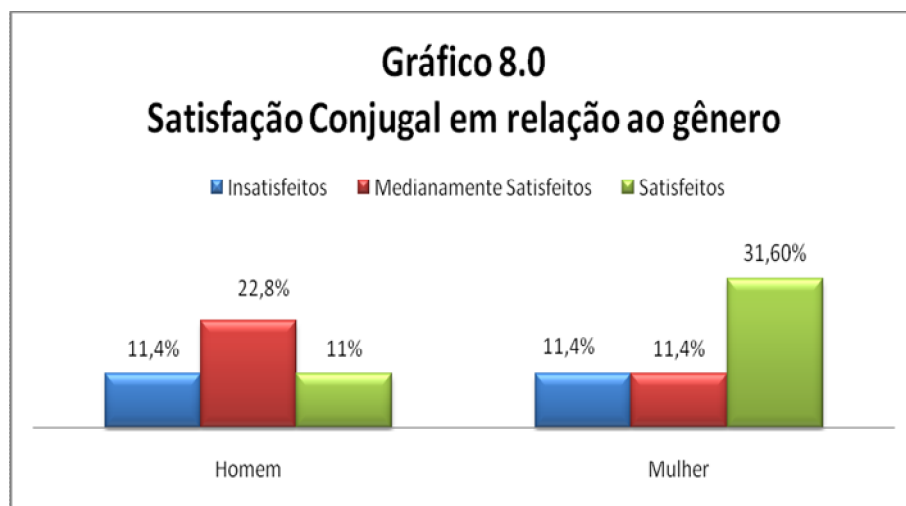
No estudo realizado por Spanier (1976), a média de satisfação obtida foi de 40,5, sendo considerados como satisfeitos aqueles que estivessem a $\frac{1}{2}$ desvio padrão acima da média; o grupo considerado como medianamente satisfeitos apresentava pontuação entre 37 e 40 e, consideravam-se como insatisfeitos os que se apresentavam a $\frac{1}{2}$ desvio padrão abaixo da média. No entanto, Sharlin, Kaslow e Hammerschmidt (2000) sugerem que, para evitar erros na padronização da nota de corte, e para termos valores mais confiáveis, deve-se trabalhar com a média e desvio padrão específicos do grupo, sendo assim que procedemos.

A média encontrada para o nível de satisfação conjugal de nossa amostra foi de 39,94 pontos sendo considerados como satisfeitos os participantes a $\frac{1}{2}$ desvio padrão acima da média (pontuação maior ou igual a 41,74) e considerados como insatisfeitos aqueles a $\frac{1}{2}$ desvio padrão abaixo da média (pontuação menor ou igual a 36,93), bem como foram identificados como medianamente satisfeitos os que estavam entre 36,94 e 41,73 pontos. Com isso, de nossos 35 participantes, 15 (42,9%) apresentam-se satisfeitos em sua conjugalidade, 8 (22,8%) estão insatisfeitos e 12 (34,35) medianamente satisfeitos.

Considerando, a literatura geral que aponta o gênero como uma variável determinante da satisfação, e os resultados significativos obtidos para esta variável em nossos dados sobre a religião, realizamos a análise de seu efeito.

Satisfação Conjugal em Relação ao Gênero

De acordo com algumas pesquisas (Fincham e Badbury ,1987;) Gottman & Silver, 2000; Sharlin, Kaslow & Hammerschmidt ,2000, Norgren, 2002) compreende-se que a satisfação conjugal pode variar em relação ao gênero. Em nossa amostra composta por 35 participantes temos mais mulheres (19 ou 54,3%) do que homens (16 ou 45,7%) e, calculando o resultados de satisfação obtivemos uma preponderância de mulheres satisfeitas, 11 (31,6%) em relação a homens satisfeitos, 4 (11,4%), enquanto o número de homens medianamente satisfeitos é o dobro 8 (22,8%) se comparado aos das mulheres 4 (11,4%) e havendo o mesmo número de homens 4 (11,4%) e mulheres insatisfeitas 4 (11,4%), vide Gráfico 8.0..



Analisando estatisticamente os três grupos, foram verificadas diferenças significativas somente entre o grupo de satisfeitos ($F= 4,064$, $p= ,052$) no qual há mais mulheres satisfeitas do que homens satisfeitos.

O estudo de Sharlin, Kaslow & Hammerschmidt (2000) evidenciou que, quando há diferenças de gênero quanto à satisfação, esta diz respeito a um maior número de homens satisfeitos do que mulheres. E, embora no estudo de Norgren (2002), realizado no Brasil, as diferenças de gênero quanto à satisfação não tenham sido significativas, também havia mais homens satisfeitos do que mulheres satisfeitas com sua conjugalidade. Portanto, nossos participantes exibem um comportamento em relação à satisfação contrário as previsões, ou mesmo aos fatos mais gerais de que o peso das diferenças de gênero na conjugalidade é pago pelas mulheres (Giddens, 1993), tornando-as mais insatisfeitas.

Procuramos, então, identificar quais as variáveis que estariam associadas à maior satisfação das mulheres. Para isso, comparamos as satisfeitas e insatisfeitas em relação às variáveis demográficas (idade, escolaridade, situação econômica etc) e conjugais (idade ao casar, número e idade de filhos, tempo de casamento etc), pois, as religiosas aparecerão no próximo item. Obtivemos diferenças significativas no que se refere à idade ao casar, idade dos filhos, escolaridade, atividade remunerada e influência da religião na vida conjugal dos pais (no Anexo C, encontram-se os resultados numéricos).

A Tabela 6.0 abaixo resume os contrastes obtidos entre as mulheres satisfeitas insatisfeitas.

TABELA 6.0: Contrastes entre mulheres satisfeitas e insatisfeitas.

Mulheres	Satisfeitas (n=11)	Insatisfeitas (n=4)
Idade com que se casaram	maioria acima dos 25 anos	maioria abaixo dos 25 anos
Ter filhos	filhos adolescentes ou em idade escolar	filhos bebês ou pré-escolar
Escolaridade	distribuição em diferentes níveis	maioria com nível superior
Atividade remunerada	maioria trabalha em horário flexível ou em meio-período	maioria trabalha em período integral
Influência religiosa na vida conjugal dos pais (modelo de identificação)	maioria influência alta	maioria influência nula

Destacamos destas comparações alguns aspectos, principalmente no que se refere à interação trabalho e ciclo vital da família para as mulheres (Carter e McGoldrick, 2001). Embora em ambos os grupos, a maioria exerce trabalho remunerado, mas as satisfeitas atuam sob um sistema de trabalho flexível, ou em meio período, e tem filhos mais independentes (adolescentes ou adultos), o que parece favorecer o maior nível de satisfação. As mulheres satisfeitas também casaram com mais idade, do que as insatisfeitas, namoraram por mais tempo com seus atuais cônjuges, conhecendo-os mais profundamente antes de se casarem e assumem ter a influência do modelo positivo do relacionamento conjugal influenciado pela religião, na vida dos pais. As insatisfeitas vivem um regime de trabalho em período integral, têm filhos pequenos, ou seja, podemos identificar nelas o maior estresse associado a ter que equilibrar o trabalho e o cuidado de filhos pequenos, sob uma educação religiosa que reforçaria as diferenças de gênero e

sem considerar uma identificação positiva de suas crenças como contribuição da qualidade do relacionamento conjugal parental.

Comparando-se os homens satisfeitos e os insatisfeitos, na busca de identificar variáveis diferenciadoras, como foi feito no caso das mulheres, obtivemos diferenças significativas no que se refere ao número de filhos e influência da religião na vida dos pais. A Tabela 7.0 abaixo resume os contrastes obtidos entre os homens satisfeitos insatisfeitos, e no Anexo D, encontram-se os resultados numéricos obtidos.

TABELA 7.0: Contrastes entre homens satisfeitos e insatisfeitos.

Homens	Satisfeitos (n=4)	Insatisfeitos (n=4)
Ter filhos e idade destes	maioria tinha mais de 3 filhos filhos adolescentes ou adultos	não ter filho, ter 1 ou 2 filhos filhos pequenos, até 4 anos
Influência religiosa na vida conjugal dos pais (modelo de identificação)	influência alta	influência baixa ou nula

No caso dos homens, chamou-nos a atenção o contraste número de filhos e idade destes, menos, por se tratar de uma situação associada a ciclo vital da família, como para as mulheres, e mais associada a índices tradicionais de masculinidade (Maciel Jr., 1999). Como em nossa amostra havia muito poucos homens satisfeitos (4) e insatisfeitos (4), buscamos verificar o número de filhos, também entre os homens medianamente satisfeitos. Novamente, encontramos de

nenhum a esporadicamente dois filhos, além de crianças em idade muito pequena. Ao contrário, os homens satisfeitos têm mais de três filhos e estes são adolescentes ou adultos. Além disso, estes homens satisfeitos percebem uma influência positiva da religião na vida dos pais, ou seja, introjetaram um modelo positivo e provavelmente tradicional de família e religião, a qual é atuada de maneira satisfatória.

Para futuros estudos, sugerimos realizar a análise da satisfação entre casais, como foi feito por Norgren (2002), bem como a realização de pesquisas qualitativas com evangélicos, de modo a podermos compreender de forma mais aprofundada como o regime de trabalho e do estágio de ciclo vital podem contribuir para a satisfação conjugal feminina. Além disso, seria interessante a realização de estudos qualitativos sobre o que hoje se denominam as diferentes masculinidades (Maciel Jr, 2006), para compreender mais aprofundadamente a insatisfação masculina entre evangélicos.

Considerando a satisfação como um todo, destacou-se a presença do modelo religioso positivo de conjugalidade dos pais, e sua influência na satisfação tanto masculina quanto feminina, o que não foi verificado na amostra de católicos de Norgren (2002). Trata-se talvez de uma das particularidades de uma amostra de evangélicos, mas como trabalhamos como uma variedade de posições (tradicionais, pentecostais e neo) e este aspecto também poderia influenciar a insatisfação, apontamos também esta demanda de trabalhos futuros. Outros aspectos da relação religião e conjugalidade serão considerados logo a seguir.

Satisfação Conjugal e Ajustamento Conjugal

Comparando-se os grupos de participantes satisfeitos, medianamente satisfeitos e insatisfeitos em relação ao *DAS* como um todo observamos diferenças significativas entre eles em relação à média dos itens de ajustamento global, expressão de afeto e coesão usando-se a técnica estatística Análise de Variância com teste F e nível de confiança com $p < 0,05$, conforme Tabela 8.0 mostra a seguir.

TABELA 8.0. Itens de Ajustamento Global

Tamanho da amostra n = 35	n = 8	n = 12	n = 15
	Insatisfeitos	Medianamente Satisfeitos	Satisfeitos
DAS - Total	84,00	91,42	90,60
DAS - Consenso	28,50	27,42	22,60
DAS - Satisfação	32,50	38,92	43,33
DAS - Coesão	17,13	20,17	21,33
DAS - Expressão de afeto	6,50	7,25	6,73

Comparando-se os grupos é interessante notar que a média do *DAS* total é ligeiramente maior no grupo dos medianamente satisfeitos (91,42), indicando que a satisfação conjugal não é suficiente para sustentar o ajustamento conjugal, ou mesmo que este talvez possa ser maior para quem têm menos expectativas a este respeito. Ao se realizar o teste *One- Way Anova* encontrou-se relação significativa entre o nível de coesão e satisfação conjugal no grupo de insatisfeitos e entre nível de consenso e satisfação no grupo de satisfeitos (Tabela 9.0), podendo-se inferir que estes elementos podem ser fatores primordiais a serem trabalhados em cada um dos grupos para o bom ajustamento conjugal.

TABELA 9.0. Satisfação conjugal e elementos de Ajustamento Conjugal

Tamanho da amostra	n=35		n=8		n=15	
			Insatisfeitos		Satisfeitos	
			F	p**	F	p**
DAS – Consenso			1,664	p>0,050	4,934	p=0,033
DAS – Satisfação			53,720	p=0,000	37,701	p=0,000
DAS – Coesão			4,273	p=0,047	2,348	p>0,050
DAS - Expressão de afeto			0,514	p>0,050	0,155	p>0,050

Nota: nível significância adotado em todas as análises da presente pesquisa é de 0,05.

Para ampliar a compreensão do ajustamento estudamos sua relação com as variáveis, gênero e a idade, porém, não foram verificadas quaisquer diferenças significativas em quaisquer das sub-escalas da amostra, a Tabela 10.0 mostra os valores desta comparação.

TABELA 10.0. Satisfação conjugal e elementos de Ajustamento Conjugal em relação ao gênero e idade.

Tamanho da amostra	n=35		n=35		n=35	
			Gênero		Idade	
			F	p**	F	p**
DAS – Consenso			1,084	p>0,050	0,242	p>0,050
DAS – Satisfação			0,906	p>0,050	0,418	p>0,050
DAS – Coesão			0,482	p>0,050	1,623	p>0,050
DAS - Expressão de afeto			0,026	p>0,050	0,807	p>0,050

NOTA: nível de significância adotado em todas as análises da presente pesquisa é de 0,05

Religião e Satisfação Conjugal

Nos tópicos anteriores descrevemos o perfil religioso da amostra e o nível de satisfação conjugal, classificando os participantes nos três grupos estudados (insatisfeitos, medianamente satisfeitos e satisfeitos), bem como analisamos o grau de ajustamento conjugal destes. Porém, é necessário retomar que, embora saibamos que a satisfação conjugal consiste em um processo duplo de

compreensão das necessidades e desejos próprios e correspondência aos do outro e de acordo com o que este lhe retribui (Norgren, 2002), na esfera religiosa acredita-se que é a religiosidade que condiciona o nível de satisfação conjugal (Booth, 1995; Dudley & Kosinski, 1990).

A religiosidade já havia sido uma variável identificada entre homens e mulheres satisfeitos, bem como a influencia positiva da religião no casamento dos pais. Diante disso, resolvemos investigar se em nossa amostra os preceitos religiosos podem atuar como catalisadores de satisfação ou insatisfação conjugal, analisando a interferência da religião nos grupos de satisfeitos e insatisfeitos em geral, independentes do gênero. É necessário considerar que os resultados, apresentados neste tópico, não foram objeto de análise quantitativa, trata-se de uma apresentação descritiva a fim de aprofundar a compreensão da manifestação religiosa dentre os participantes.

Comparando os dados sobre se os participantes foram educados na religião dos pais, obtivemos que no grupo de insatisfeitos, metade deles, 4 (50%) tinha pais de mesma religião e foram ensinados naquela visão; dois (12,5%) foram educados na religião da mãe, quatro (25%) na uma um parente e dois (12,5%) em outra visão os participantes que responderam a opção outra, não especificaram.

Dentre os satisfeitos, mais da metade 8 (53,3%) tinham pais da mesma religião e foram educados na religião destes, 3 (20%) somente na religião da mãe, 1 (6,7%) na orientação do pai, 1 (6,7%) de outro parente e 2 (13,3%) por outra pessoa, porém, os participantes não especificaram estas pessoas, vide Tabela 11.0.

TABELA 11.0: Educação religiosa em relação ao nível de satisfação

Educação na religião dos pais	Insatisfeitos (n=8)	Satisfeitos (n=15)
Ambos os pais	50%	53,3%
Mãe	12,5%	20%
Pai	-	6,7%
Parente	25%	6,7%
Outra	12,5%	13,3%
Total	100%	100%

Ao pensarmos na hipótese de a religião ser um fator de influência na satisfação conjugal, até o presente momento não é possível, percebermos isto, visto que os resultados tem sido similares, porém, ao verificarmos a formação religiosa por meio da qual foram inseridos na educação, já visto anteriormente no perfil de homens e mulheres, satisfeitas e insatisfeitas, e com a orientação religiosa atual é possível discutirmos algumas diferenças.

Observamos que as diferenças principais dentre a amostra ocorre no grupo de insatisfeitos. Nenhum deles recebeu ensinamentos bíblicos da igreja evangélica tradicional, mas tiveram grande influência da igreja pentecostal. Ao contrário da amostra de satisfação em que $\frac{1}{4}$ (4 – 26,7%) tiveram ensinamento

bíblico da igreja evangélica tradicional e poucos tiveram da igreja pentecostal e neo-pentecostal, vide Tabela 12.0.

TABELA 12.0: Formação religiosa de origem em relação ao nível de satisfação conjugal

Formação religiosa	Insatisfeitos	Satisfeitos
	(n=8)	(n=15)
Católica Romana	25%	20%
Evangélica Tradicional	-	26,7%
Pentecostal	50%	26,7%
Neopentecostal	12,5%	6,7%
Outra	12,5%	6,7%
Total	100%	100%

Se partirmos do pressuposto de que nas igrejas evangélicas tradicionais existe a denominada escola bíblica na qual as crianças, desde cedo, e até a fase juvenil, são expostas periodicamente ao estudo dos livros da Bíblia com foco nas atitudes e comportamentos que devem ter nos relacionamentos. Ao contrário, nas igrejas pentecostais e neo-pentecostais, mesmo havendo a escola bíblica, esta só é voltada para as crianças, as quais a partir daí assistem o mesmo culto que os adultos, sem garantias de que conseguem compreender esta pregação o que poderia estar gerando uma falha na formação das atitudes e comportamentos dos jovens, que ouvem um discurso no púlpito que nem sempre é direcionado e voltado para eles ou seus interesses.

Diante disso é interessante notar o trânsito entre as crenças. A maioria dos satisfeitos era e permaneceu na igreja pentecostal, 8 (53,3%), enquanto

que entre os insatisfeitos houve a saída da igreja pentecostal em direção à neo-pentecostal ou a evangélica tradicional (Tabela 13.0).

TABELA 13.0: Formação religiosa atual em relação ao nível de satisfação conjugal

Formação religiosa atual	Insatisfeitos	Satisfeitos
	(n=8)	(n=15)
Evangélica Tradicional	25%	33,3%
Pentecostal	37,5%	53,3%
Neopentecostal	37,5%	13,3%
Total	100%	100%

Talvez estes dados sinalizem a importância que a religião possui para algumas pessoas, podendo servir como uma comunidade terapêutica como estudos já apontaram para isso (Bartkolwski, 2001) ou como recurso de enfrentamento, visto que a igreja evangélica tradicional possui certo manual de atitudes e condutas, o que discutiremos no tópico Enfrentamento.

Os preceitos religiosos poderiam ser vistos como produtores de conflito entre casais, quando eles não tiveram um padrão de resolução de conflitos adequados, como, por exemplo, no que se refere à escolha de comemorar datas religiosas e ter a companhia do cônjuge.

TABELA 14.0: Comemoração de Datas Religiosas em relação ao nível de satisfação conjugal.

Datas religiosas	Insatisfeitos	Satisfeitos
	(n=8)	(n=15)
Sim	37,5%	80%
Não	62,5%	20%
Total	100%	100%

Como pode ser observado na Tabela 14.0 acima, 5 (62,5%) dos insatisfeitos não comemoram datas religiosas, enquanto 12 (80%) dos satisfeitos comemoram. O ritual religioso pode ser importante para a manutenção e resolução de conflitos entre os casais, visto que cada evento possui diversas metáforas com ensinamentos morais e éticos embutidos.

Porém, a participação do cônjuge não é um dos fatores determinantes para a presença ou não de satisfação conjugal para a amostra pesquisada, visto que os dados são semelhantes, 7 (75,5%) dos insatisfeitos contam com a presença do cônjuge e 12 (80%) dentre os satisfeitos também, não havendo diferença expressiva, conforme Tabela 15.0 a seguir.

TABELA 15.0: Participação do cônjuge em datas comemorativas

Participação do cônjuge	Insatisfeitos (n=8)	Satisfeitos (n=15)
Sim	75,5%	80%
Não	12,5%	20%
Total	100%	100%

Descrevemos anteriormente que a religião poderia servir como uma comunidade terapêutica para algumas pessoas e ao investigarmos em que áreas da vida pessoal, a educação religiosa poderia ter influenciado, observamos diferenças significativas entre as duas amostras, no que se refere à formação de personalidade, vida social e vida amorosa.

TABELA 16.0: Influência da religião na vida pessoal em relação ao nível de satisfação

Influência religiosa	Insatisfeitos	Satisfeitos
Visão de Mundo	75%	86,7%
Personalidade	50%	80%
Escolha Profissional	-	20%
Vida Social	37,5%	66,7%
Vida afetiva	62,5%	66,7%
Vida amorosa	37,5%	66,7%

Nota: os valores não totalizam 100%, por ser uma questão de múltiplas respostas.

Notamos também que ter sido educado em uma religião para o grupo de satisfeitos influenciou em todas as áreas da vida pessoal, com menor

expressão somente na escolha profissional, o que nos remete ao fato de que eles se diferenciaram na religião de origem, pois, foram educados na evangélica tradicional, podendo ser este um elemento religioso expressivo; dentre o grupo de insatisfeitos não houve participantes que foram educados nos moldes tradicionais da corrente evangélica, sendo que a visão de mundo, formação de personalidade e vida afetiva foram as únicas áreas nas quais identificaram-se como influenciados pela religião.

Percebemos até aqui alguns elementos que revelam à possibilidade de a religião influenciar de modo efetivo a vida dos participantes, como por exemplo, a influência da religião na vida conjugal dos pais e sua associação com a satisfação conjugal. Neste tópico verificamos que a religião apareceu com diferenças expressivas entre a amostra do grupo de satisfeitos e insatisfeitos, porém, estudos com uma população maior são necessários para que seja possível verificar se a tendência se revela como um fator significativo em uma amostra maior e igualitária das correntes evangélicas.

Conflitos

Citamos no tópico anterior, a possibilidade de a não participação do cônjuge em datas religiosas comemorativas ser um fator gerador de conflitos. Neste item, iremos verificar quais são os tipos de conflitos mais comuns que ocorrem em uma amostra religiosa evangélica, visto que a maioria dos casais, independentemente de possuir ou não orientação religiosa, vivencia conflitos e dificuldades conjugais (Cleavelly, 1994).

Sendo assim, o nosso interesse foi verificar tais conflitos e investigar como os preceitos religiosos podem se manifestar nesta questão. É importante retomar que talvez este trabalho seja pioneiro no que se refere à análise de temáticas relativas à satisfação conjugal, conflitos e recursos de enfrentamento em casamento evangélicos, por isso, nos interessa o perfil da amostra como um todo. Porém, como a literatura religiosa norte-americana (Bartkolwski, 2001) aponta para possíveis diferenças de percepção em relação ao gênero, iremos também investigar, tal possibilidade em nossa amostra a fim de possibilitar recursos para futuras pesquisas nesta área.

Solicitou-se aos participantes que respondessem a um texto, formulado pela pesquisadora e que se baseia em um problema vivenciado pela sociedade atual e, que também tem sido motivo de queixas em nossos atendimentos de consultório. O texto diz respeito a uma esposa receber uma promoção com bom retorno financeiro, mas que implica em mudança de moradia e, por conseguinte em possíveis conflitos entre os interesses do casal, conforme pode ser visto a seguir:

“Um casal juntos há seis anos e com um filho de três anos, passa a viver uma crise no casamento após a esposa receber uma promoção na empresa em que trabalha. Além de aumento do salário e uma série de benefícios, a promoção é vista pela esposa como uma ótima oportunidade de crescimento. Será necessária a mudança de cidade pela família e seu marido não concorda com isso, embora a mudança não acarrete interrupção em sua vida profissional, pois, seu excelente currículo permitiria conseguir trabalho semelhante em outra cidade.”

Inicialmente investigamos qual seria a percepção que nossos participantes tinham sobre a vida conjugal deste casal antes do conflito. Pode-se observar que pouco mais da metade da amostra (18 ou 51,4%) achavam que a vida do casal era feliz e quase $\frac{1}{4}$ (8 – 22,9%) respondeu como um pouco infeliz, (Tabela 17.0 a seguir) não havendo diferença significativa na percepção entre homens e mulheres ($\chi^2=0,767$;gl=3;p>0,05).

TABELA 17.0: Vida conjugal do casal em relação ao gênero

Vida Conjugal	Mulheres (n=19)	Perfil da Amostra (n=35)	Homens (n=16)
Razoavelmente infeliz	5,3%	8,6%	12,5%
Um pouco infeliz	21,2%	22,9%	25,0%
Feliz	52,6%	51,4%	50,0%
Muito feliz	10,5%	8,6%	6,3%
Nula	10,5%	8,6%	6,3%

Em um segundo momento, solicitamos que os participantes escolhessem entre quatro alternativas pré-definidas e uma em aberta, qual seria a solução encontrada pelo casal. As respostas se diferenciaram em relação ao gênero, mas não foram estatisticamente significativas ($\chi^2=1,258$;gl=3;p>0,05), conforme Tabela 18.0.

TABELA 18.0: “Como a situação foi resolvida” em relação ao gênero

Vida Conjugal	Mulheres (n=19)	Perfil da Amostra (n=35)	Homens (n=16)
Esposa aceita e marido acompanha	36,8%	45,7%	56,3%
Esposa aceita e marido se muda depois	26,3%	25,7%	25,0%
Esposa aceita e marido pede separação	21,1%	17,1%	12,5%
Esposa desiste da promoção	10,5%	8,6%	6,3%
Outra alternativa	5,3%	2,9%	-

Não houve consenso nas respostas femininas, mas a tendência refere-se a acreditarem que a esposa deveria aceitar o novo trabalho e o marido acompanhá-la, sendo uma resposta pouco conservador se pensarmos que se trata de uma amostra evangélica e que anteriormente haviam assinalado o preceito religioso de ‘ser submissa ao homem’ como um elemento importante na vida conjugal, podendo revelar uma nova concepção feminina que está sendo construída na membresia das igrejas evangélicas, pois, como já visto, é construído de acordo com o arcabouço simbólico da sociedade na qual está inserida (Lauretis, 1994)

Entre as respostas masculinas, houve em consenso geral, em que a maioria também optou por uma resposta pouco conservador de que a esposa da história deveria aceitar a promoção e o marido ir junto, o que também é

uma resposta interessante ao lembrarmos que estes também assinalaram o mesmo princípio religioso de que 'a mulher deveria ser submissa ao marido' como fator importante na vida conjugal.

Pensando-se que o casal da história poderia ser considerado como seguidor da corrente evangélica pentecostal ou neo-pentecostal, mais favorável ao trabalho feminino devido à crença da teologia da prosperidade, também verificamos qual a opinião dos participantes sobre como seria a orientação dada a este casal pelo pastor da igreja dele ao homem, e pela esposa do pastor, à mulher.

Não houve um consenso geral nas respostas masculinas no que diz respeito a orientação do pastor dada ao homem, embora, as afirmações de que deveria '*aproveitar as oportunidades*' e '*deixar Deus dirigir*' tenham aparecido com frequência. Em relação às respostas femininas, houve um consenso geral em que o pastor afirmaria para '*entregar nas mãos de Deus*' e '*esperar em oração pela resposta de Deus*', pois, o melhor é que o casal permanecesse junto.

Questionou-se a orientação que a esposa do pastor daria para a mulher, entretanto, é importante sinalizar que nem em todas as igrejas o acesso à esposa do pastor é permitido aos membros, sendo esta orientação feita através de obreiras e diaconisas, mulheres que realizam o trabalho religioso com frequência na igreja. Em vista disso, novamente há diferença entre homens e mulheres.

Os homens afirmaram que a esposa do pastor iria dizer para a mulher da história para ter *'respeito'*, *'orar junto'*, *'pedir o dom da sabedoria'* e *'respeitar a decisão do marido'*. Enquanto as respostas femininas referiam-se ao fato de que *'era para analisar se valeria a pena'*, *'analisar prós e contra'*, ter um *'diálogo sincero'* e *'buscar a direção de Deus'*.

Para investigar se as pessoas fizeram algo parecido às respostas dadas à história em questão de seus próprios conflitos conjugais, apresentou-se uma lista com 16 itens e uma opção alternativa, para que escolhesse o principal conflito conjugal vivenciado a fim de verificar a visão pessoal e do cônjuge sobre o conflito, a vida pessoal, para quem pediu ajuda e o que foi sugerido, como a situação foi resolvida e como o participante se sentiu após a resolução.

Embora tenha se solicitado que marcasse apenas um item relativo ao principal conflito conjugal vivenciado, a maioria dos participantes assinalou mais de um item. Obtivemos que os principais conflitos assinalados são a respeito de:

- Administração do dinheiro familiar
- Relacionamento sexual
- Quantidade de tempo passado em conjunto
- Administração do dinheiro pessoal

Cabendo destacar que estes tendem, realmente, a ser os temas de conflitos conjugais, mas frequentes na população em geral, na atualidade, e associados a satisfação conjugal (Hetherington & Kelly, 2003; Norgren, 2002, Hernandez, 2008)

Não houve diferenças em relação aos principais conflitos em relação ao gênero, mas em relação à visão da situação (Tabela 19.0) e, acerca da visão do cônjuge (Tabela 20.0) houve diferenças significativas entre homens e mulheres.

TABELA 19.0: Visão da situação em relação ao gênero.

Mulheres	Homens
Complicada a visão	Estavam certos e a esposa atrapalha
Evitava falar com o cônjuge	Tentavam compartilhar seus problemas com a esposa, mas ela só criticava.
Tentava ajudar o cônjuge	

Pudemos identificar diferenças das atitudes tomadas pelas mulheres diante de um problema vivenciado. Elas declaravam que a situação era muito difícil, evitavam falar com o cônjuge e, às vezes tentava ajudá-lo. Ao contrário, os homens, em sua maioria, afirmaram que a visão deles do problema era o correto e que a esposa atrapalhava, ou então, que até tentavam compartilhar seus problemas, mas que a cônjuge só criticava, desestimulando a iniciativa. Ou seja, independentemente da resposta parece que as opções interpessoais de solução de conflitos são pouco identificadas, o que reforça o resultado obtido de que o

consenso é uma variável significativamente associada á satisfação, ou seja, que boas estratégias de resolução de conflitos favorecem-na.

Em relação à visão que o cônjuge tinha sobre a situação, é interessante notar que os participantes descreveram o comportamento emocional de cada cônjuge e não o possível pensamento que este teria sobre o conflito vivenciado, conforme pode ser observado na tabela a seguir.

TABELA 20.0: Visão da situação pelo prisma do cônjuge em relação ao gênero.

Mulheres	Homens
Sem compreensão	Chateava-se com tudo
Preocupação excessiva	Nervosa

Podemos inferir de acordo com Brenen (2009) os padrões conflituosos presentes na amostra são do tipo de escalanamento, na visão dos homens para com suas esposas, visto que eles responderam que elas agem de forma negativa a suas tentativas de resolução e até com julgamento de valor. As atitudes dos homens da amostra estão de acordo com o tipo de retirada e prevenção, em que parece ser evidente que eles se distanciam de uma situação conflituosa a fim de evitar que as discussões aumentem.

Analisando sobre o prisma desta mesma abordagem, percebe-se que a visão das mulheres em relação ao modo pelo qual seus esposos resolvem os conflitos é de acordo com o tipo de anulação, em que os maridos

parecem ignorar os pensamentos, sentimentos e atitudes delas, provocando o rebaixamento da auto-estima. Enquanto é possível observar que as mulheres da amostra assumem o tipo de escalonamento em que parecem responder de forma negativa a diversas situações de forma seguida e com julgamento de valor.

Novamente reforçam-se as diferenças de gênero variável que, como já foi sugerido por outros autores intermedia os modos de busca de solução (Hetherington e Kelly, 2003; Hetherington e Elmore 2003; Souza, 2003)

Enfrentamento

Talvez por ser um tema pouco discutido e algo de foro íntimo, as últimas questões do instrumento não foram respondidas de acordo com o esperado, tal como a questão sobre '*como estava sua vida conjugal naquele momento*' e '*e sua vida pessoal*', todos os participantes, sem diferença de gênero ou de satisfação conjugal responderam ou normal ou boa. Porém, isto não é um preditor, visto que os conflitos, como já pontuados, serem necessários, é a partir de inúmeras estratégias que vai se adquirindo habilidades de enfrentamento, podendo ser estas adquiridas em um contexto social, familiar, institucional ou religioso (1994).

Quando questionados com quem normalmente os participantes conversavam sobre os problemas conjugais, é notável a pluralidade de

contatos aos quais as mulheres recorrem como ajuda, ao contrário do que é observado entre os homens, conforme visualizado na Tabela 21.0 a seguir.

TABELA 21.0: “Com quem você conversa sobre problemas conjugais” em relação ao gênero

Mulheres		Homens	
Cônjuge	Pastor	Deus	Ninguém
Deus	Pastora	Pai	
Jesus Cristo	Mãe	Pastor	
Irmão/ã	Terapeuta	Cônjuge	

Observa-se que a mulher tem a tendência de conversar sobre seus problemas com todo o seu círculo de conhecidos e recorrendo a ajuda especializada. Ao contrário, os homens parecem reproduzir a demanda de competência de gênero masculina (Maciel Jr, 1999). São mais reservados, recorrendo à ajuda, inicialmente da entidade divina, em menor escala ao representante desta entidade, ou com o próprio pai e esposa, ou na maioria das vezes com ninguém.

É interessante notar em relação aos homens, que estes são reservados em relação aos seus problemas conjugais, mas são os primeiros a procurar ajuda para resolvê-los. Através da Tabela 22.0 a seguir, é possível verificar que a mulher pede socorro para o seu mesmo círculo social com quem conversou sobre seus problemas, ao contrário do homem que passa a procurar ajuda através de estudos bíblicos, da ajuda familiar em geral ou em alguém específico com irmão(ã) e até com cunhados.

TABELA 22.0: “Quem geralmente o ajuda/orienta sobre problemas conjugais” em relação ao gênero.

Mulheres		Homens	
Deus	Pastora	Deus	Família
Jesus Cristo	Mãe	Pai	Irmão(ã)
Irmão/ã	Terapeuta	Pastor	Cunhados
Pastor		Estudos bíblicos	

Notamos que, comparando a tabela descrita anteriormente, a mulher não procura o seu cônjuge para tentar resolver o seu problema e, o homem continua a ser reservado, não conversando com a sua esposa, ou seja, identificamos o mesmo obtido em outras amostras brasileiras: os problemas e conflitos conjugais não são considerados como realidades interpessoais a serem negociadas pelo casal (Souza, 2003). Podemos dizer de acordo com Brenen (2009), que os homens tendem a adotar a atitude de serem perquiridores, ou seja, procuram reatar vínculos criados para se tornar mais íntimos da cônjuge, ao contrário das mulheres que mostram uma atitude mais distante, tendendo a se manter emocionalmente fora das situações estressantes.

Havia sido investigado anteriormente para quem os participantes recorriam para conversar sobre seus problemas conjugais e a quem pediam ajuda, e após ter analisado os principais conflitos dos participantes, discutidos, no tópico anterior, verificamos se houve congruência entre as falas e a prática vivencial destes, analisando para quem pediram ajuda para resolver o conflito conjugal vivido.

Os homens responderam que pedem apoio ao pastor, ao pai, à mãe, aos irmãos, para o psicólogo, ou não pedem ajuda a ninguém, enquanto que as mulheres pediam socorro a Deus, ao pastor, obreira, líder de célula, à mãe, a avó e psicóloga. Nota-se que as mulheres compartilham mais suas dificuldades se comparadas aos homens, que buscam, em primeiro lugar, apoio espiritual, mas que na resolução dos problemas são mais práticos (Souza, 2003)

Independente de o conflito vivenciado e do gênero, as respostas obtidas como recursos de enfrentamento foram de *'buscar a Deus'*, *'conversar com Deus'*, *'orar a Deus'*, *'ter calma'* e *'lembrar do lado bom do cônjuge'*. Ou seja, a religião se destaca, realmente, como o recurso mais freqüente.

Investigando sobre como a situação se resolveu, os homens disseram que somente por meio de aconselhamento pastoral e através de diálogo enquanto que a maioria das mulheres respondeu que a situação não foi resolvida, solucionou-se com o tempo e com o amadurecimento do casal ou após ela ter pedido perdão. Tal resultado é preocupante, pois, acredita-se que os recursos de enfrentamento são necessários para o encontro de relacionamentos saudáveis entre o comportamento e o sistema psicológico, como estudo por Folkman (1999), sendo necessários para a saúde física e mental.

Questionados de como se sentiram após a resolução do conflito em questão, os homens responderam que se sentiram *'bem'* e *'normal'*, enquanto as mulheres disseram que *'frustradas'*, *'decepcionadas'*, *'muito mal'* e que *'teve de se conformar com a situação'*. De acordo com Rocha-Coutinho (1994) os

indivíduos podem adquirir recursos de enfrentamento em um contexto religioso, e por se tratar, de uma amostra evangélica e a forma pela qual os participantes se referem após a resolução de conflitos, podemos afirmar que as ferramentas aprendidas em uma religião podem influenciar na forma como o cônjuge vivencia e resolve os conflitos conjugais, visto que, os homens conversam e procuram ajuda nos preceitos religiosos, seja por meio de oração ou orientação de líderes religiosos, enquanto as mulheres, tendem a somente procurar ajuda espiritual após um nível mais avançado de conflito, parecendo ser a religião a última tentativa de resolução de problemas.

VI. CONSIDERAÇÃO FINAIS

Na presente Dissertação, procuramos contribuir para a compreensão dos preceitos religiosos na vida conjugal de casais evangélicos, dado que o conhecimento produzido academicamente na área da Psicologia se diferencia do entendimento que líderes religiosos e pesquisadores da interface da Ciência da Religião, possuem sobre a qualidade do casamento cristão.

Realizamos uma pesquisa quanti-quali, na qual utilizamos alguns questionários por nós produzidos, além da Escala de Ajustamento Conjugal (*Das*) de Spanier (1976), com o objetivo de identificar relações entre a religião e satisfação conjugal, bem como os principais conflitos e estratégias de enfrentamento que possam estar sendo utilizados em uma amostra de casais evangélicos pentecostais e neo-pentecostais.

Trabalhamos com a temática da satisfação conjugal como elemento central de nossas análises e comparações em relação ao gênero e idade, tendo o presente trabalho, corroborado com a maioria dos aspectos já afirmados em pesquisas anteriores, com destaque para as relações de gênero como variável diferencial da conjugalidade.

Em nossa amostra, no entanto, foi surpreendente o número de participantes avaliados como satisfeitos, se comparada ao estudo de Norgren (2002) que também foi realizado no Brasil no qual se obteve que 1/3 dos casais da

amostra estava satisfeito com seu relacionamento conjugal e que $\frac{1}{2}$ dos participantes como um todo, se encontrava na faixa de medianamente satisfeitos a satisfeitos. Não trabalhamos com casais, apenas com indivíduos, portanto a primeira comparação não é possível. Inclusive, sugerimos na análise dos resultados, a importância de realizar tal pesquisa com casais evangélicos, a fim de compreender a relação religião e dinamismo conjugal. A amostra de Norgren (2002) era predominantemente de católicos, enquanto a nossa é composta de diferentes crenças evangélicas. Em nossa pesquisa, 77% da amostra foi avaliada como de medianamente satisfeitos a satisfeitos e quase a metade dela (42%) era composta de homens e mulheres satisfeitos com sua conjugalidade. Para além de indicar o papel de uma crença ou outra, sobre a satisfação conjugal, o que gostaríamos de ressaltar é a importância da religião no sentido de favorecer uma conjugalidade com qualidade.

Destacamos também a relação do nível de satisfação em relação ao gênero. Mas, ao contrário de estudos realizados nesta área, encontramos mais mulheres do que homens satisfeitos em nosso trabalho. Para a compreensão desta diferença sugerimos que aspectos diferentes das condições de gênero podem estar atuando para cada sexo. Os homens parecem necessitar da reprodução de modelos masculinos mais rígidos como fator regulador do nível de satisfação, dependendo do número de filhos tidos e da influência do modelo paterno de identificação. Em relação às mulheres, indicamos como a diversidade de papéis assumidos sob condições equilibradas de vida familiar e trabalho extra-familiar favorecem sua satisfação conjugal.

A análise estatística realizada de forma quali-quantitativa nos possibilitou confrontar nossos resultados com aqueles produzidos e discutidos por pesquisadores da área da religião e por líderes religiosos. Identificamos que a religião atua como rede de apoio, assim como elemento formador da personalidade, determinante de posturas éticas e morais de um indivíduo, além de servir como um apoio interno para as resoluções de conflitos.

Pudemos perceber que tanto para as mulheres quanto para os homens, a formação religiosa infantil e a orientação religiosa atual influenciam no nível de satisfação. Além disso, os preceitos religiosos ensinados na infância e adolescência podem ser norteadores dos padrões morais e éticos do comportamento de evangélicos, já que todos afirmaram que a visão religiosa orientou a visão de mundo, a formação da personalidade, a vida afetiva, amorosa e social.

Ao contrário de décadas anteriores, a população evangélica brasileira não está presente somente nas classes menos favorecidas, embora possa haver algum viés, em relação à amostra, por se tratar de participantes vinculados direta ou indiretamente à pesquisadora. De qualquer maneira, revelamos o perfil de classe A e B entre os participantes, o qual não era percebido algumas décadas atrás. Os elementos que traçam este novo perfil evangélico estão relacionados aos dados demográficos tais como nível de escolaridade (percebeu-se a tendência de nível médio a superior), relacionando-se ainda ao

tempo despendido no trabalho (tendência a jornada flexível ou de meio-período), situação financeira (por conta do nível de escolaridade, a remuneração financeira de média a alta aparece como consequência) e situação profissional (além da inserção das mulheres no mercado de trabalho, nível de satisfação de boa a média) atrelados possivelmente à teologia da crença professada pela amostra.

Desta forma, se retomamos a concepção de que os rituais outorgam autoridade e legitimam a estruturação e organização de valores pessoais e sociais, podemos afirmar que os rituais religiosos aprendidos na infância, para a nossa amostra, foram determinantes para a postura atual assumida: seja pelo questionamento de algumas destas regras (considerando-se o alto número de participantes convertidos), seja pela aceitação destas (praticantes de uma orientação religiosa desde a infância).

A maioria de nossos participantes são seguidores da corrente pentecostal que acreditam que *“os filhos de Deus devem viver bem”* e neo-pentecostal que seguem a corrente da teologia da prosperidade, em que a *“prosperidade é um dom divino e direito a todos”*, o que pode ser motivador da busca de ascensão social, e assim como apontado por outros pesquisadores, consideramos que a filiação religiosa e não propriamente a orientação religiosa, foi um elemento importante para a relação conjugal específica, visto que a maioria dos participantes transitou da infância para a vida atual em diversas correntes evangélicas; porém, a influência dos preceitos religiosos é marcante no nível da

regulação de satisfação, podendo ser, portanto, influência de uma comunidade que funcionaria como uma rede apoio nos momentos de estresse.

Ao se verificar tal proposição, no levantamento dos aspectos principais dos conflitos e dos recursos de enfrentamento dos participantes da amostra, foi possível verificarmos a forte influência da comunidade religiosa nos homens, no que se refere a conversar sobre os problemas pessoais e conjugais, ao contrário, das mulheres que tendem somente a recorrer à comunidade religiosa nos momentos de enfrentamento, sinalizando que este seria o último dos recursos.

Talvez essa atitude da maioria das mulheres possa ser em decorrência dos próprios preceitos religiosos, visto que para as igrejas evangélicas, o casamento tem a conotação de também servir como referência de condutas aos demais casais, e por estar escrito na Bíblia que a mulher, com sabedoria, edifica o seu próprio lar. Recorrer à ajuda da comunidade religiosa poderia estar sendo entendida como sinônimo de fracasso na administração conjugal, porém, faz-se necessários estudos mais aprofundados nesta temática para uma melhor análise.

Finalmente, consideramos que, tendo realizado um levantamento de temas relacionados a satisfação conjugal e sua relação com os preceitos religiosos das crenças evangélicas, essa Dissertação cumpriu seu papel de fornecer subsídios, empiricamente fundamentados, para a construção de programas de promoção e intervenção à qualidade de vida conjugal, bem como a

ser usado como recurso de atendimento a casais evangélicos. Além disso, sentimo-nos gratificadas em também contribuir com a identificação de áreas e temas que podem favorecer outras pesquisas, aprimorando o conhecimento em Psicologia, acerca da manifestação religiosa e de seu papel na conjugalidade.

.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, J.F.de. (2006) Bíblia Sagrada com Orientações de Saúde Física, Emocional e Espiritual para homens, mulheres e jovens. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel.
- Almeida, G.C.. (1999) Da União de Facto: Convivência more uxorio em Direito Internacional Privado. Lisboa: Pedro Ferreira.
- Alves, R. (1979) A Empresa da Cura Divina: um Fenômeno Religioso. In E. E. Vale & J. J. Queiroz (org.). *A Cultura do Povo*. São Paulo: Cortez e Moraes & EDUC, pp.111-117.
- Arias, I., & House, A. S. (1998). Tratamiento cognitivo-conductual de los problemas de pareja. Em V. E. Caballo (Org.), *Manual para el tratamiento cognitivo-conductual de los transtornos psicológicos*, Vol.2 (pp. 553-577). Madrid: Siglo Veintiuno.
- Arriaga, X. B. (2001). The ups and downs of dating: fluctuations in satisfaction in newly formed romantic relationships. *Journal of Personality & Social Psychology*, 80(5), 754-765.
- Antoniazzi, A.S.; Dell'aglio, D.D., Bandeira, D.R. (1998), O conceito *decoping*: uma revisão teórica. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 1998, vol.3, n.2, pp. 273-294.
- Azevedo, A.V. (2008) Estatuto da família de fato. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 30-65; 121-148.
- Banaco, R.A. (1996) O manejo de aspectos religiosos na prática clínica comportamental. *Psicologia em Revista*, v.3, pp.123-140.
- Bartkowski, J.P. (2001). *Christian America?: What Evangelicals Really Want (review)* Social Forces - Volume 79, Number 3, March 2001, pp. 1204-1206
- Bauman, Z. (1999). *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beresford, B.A. (1994). Resources and strategies: how parents cope with the care of a disabled child. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 35, 171-209.
- Bohn, S.R. (2004). Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. Opin. Publica vol.10 no.2 Campinas Oct. 2004.
- Booth, A. et al. (1995) Belief and behavior: Does religion matter in today's marriage? *Journal of Marriage and the Family*, Minneapolis, 1995, v.57, pp.661-670.

Bozon, M.. Sexualidade e conjugalidade: A redefinição das relações de gênero na França contemporânea. *Cadernos Pagu* (20), 2003, p. 131-156. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/cpa/n20/n20a05.pdf>.> Acesso em 2010 2009.

Brennen, B.H. (2009) Handling Marital Conflict Seminar Handout.. Disponível em:< <http://www.soencouragement.org/handlingconflictseminar.htm>>

Brito, J. ; Oliveira,O. (1997) Divisão sexual do trabalho e desigualdade nos espaços de trabalho. In: Silva Filho, F. e Jardim, S. (orgs.) *A Danação do Trabalho*,. Te Corá. Rio de Janeiro.

Calligaris, C. (2001, 7 de junho). A paixão pelo novo e o casamento. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, Ilustrada, p.E 8-11

Carter, B.; McGoldrick,M.. (2001) As mudanças no ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a Terapia familiar. In: Carter, B.; McGoldrick, M.(col.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes médicas.

César, E.M.L. (2000) História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

Chapman, G.. (2008) *As cinco linguagens do amor*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

_____. (2008) *As cinco linguagens do amor para solteiros*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

_____. (2008) *As quatro estações do casamento*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

_____. (2008) *Como mudar o que mais irrita no casamento*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

_____. (2008) *O casamento que você sempre quis*. São Paulo: Editora Mundo Cristão.

Colman, L.L. & Colman, A.D. (1991). *Pregnancy: The psychological experience* (Rev. and expanded ed.) NY: The Noonday Press.

Cortella, M.S.. (2010) *Ética Profissional*. Palestra proferida no III Simpósio de Profissionais da Unicamp (SIMTEC), Campinas.

Costa, C.C.O.. (1987) *Tratado do casamento e do divórcio*. São Paulo: Saraiv, p. 03-10.

Cunningham, W.R. (1999). Disponível <<http://www.pursuingthetruth.org/studeis/files/marriage1.htm>>

- Davis, K.E. (1996). The relationship Rating Form (RRF): A measure of the characteristics of romantic relationships and friendships. Manuscrito não publicado. Disponível em www.clasc.edu/PSYC/faculty/daviske/LoveFriendsMeasure.pdf
- Dela Coleta, M. F. (1992). Locus de controle e satisfação conjugal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 8, 243-252.
- Dudley, M.G., Kosinski, Jr F. A (1990). Religiosity and marital satisfaction: a research note. *Religious Research Association, Inc.*, v.32, pp. 78-86. Disponível em <<http://www.jstor.org/stable/3511329>>
- Fincham, F. D. & Bradbury, T. N. (1987). The assessment of marital quality: A re-evaluation. *Journal of Marriage and the Family*, 49, 797-810.
- Fletcher, G.J.O., Simpson, J.A., Thomas, G., & Giles, T. (1999). Ideals in intimate relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 72-89.
- Folkman S. (1999) Thoughts about psychological factors, PNI, and cancer. *Adv Mind-Body Med*;15:255-9.
- Folkman, S & Lazarus, R.S. (1980). An analysis of coping in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 21, 219-239.
- Freston, P. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Antoniazzi, A. (Org). *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- Gallagher, S.K. *Evangelical Identity & Gendered Family Life*. New Jersey: Rutgers University Press, 2003.
- Giddens, A. (1993) *A transformação da intimidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.
- _____. (1992) *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1992.
- Guillemette, A. (2005) - *A Vida Quotidiana no Egito no Tempo das Pirâmides*. Lisboa: Edições 70.
- Gottman, J.M, Krokoff, L.J. (1989) Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, EUA, v. 57, n.01, pp. 47-52.
- Gottman, J., & Silver, N. (2000). *Sete princípios para o casamento dar certo*. Rio de Janeiro: Objetiva
- Hampe, G. D. (1971) Interfaith dating: religion, social class and premarital sexual attitudes. *Sociological Analysis*, Galva, v. 32, n. 2, p. 97-106.
- Healton, T.B.; Pratt, E.C. The effects of religious homogamy on marital satisfaction and stability. *Journal of Family Issues*, Minneapolis, 1990, v.11, pp.191-207.

- Henderson, C.. (2008). Disponível <<http://www.godweb.org/pentacostalism.htm> >
- Hendrick, S. S. (1988). A generic measure of relationship satisfaction. *Journal of Marriage and the Family*, 50, 93-98.
- Hernandez, J.A.E.; Oliveira, I.M.B. (2003) Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia: ciência e profissão*, v.23, n.1, Brasília.
- Hernandez, J.A.E. (2005) Papéis Sexuais, Ajustamento Conjugal e Emocional na transição para a parentalidade. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Hernandez, J.A.E. (2008) Avaliação estrutural da Escala de Ajustamento Diádico. *Psicologia em Estudo*, 13,3, 593-601.
- Hetherington, E. M. & Kelly, J. (2003). *For Better or for Worse: Divorce Reconsidered*, New York, W. W. Norton & Company.
- Hetherington, E. M., & Elmore, A. M. (2003). Risk and resilience in children coping with their parents' divorce and remarriage. In S. S. Luthar (Eds.), *Resilience and vulnerability: Adaptation in the context of childhood adversities*. New York: Cambridge University Press.
- Hunsley, J., Best, M., Lefebvre, M., & Vito, D. (2001). The seven-item short form of the Dyadic Adjustment Scale: Further evidence for construct validity. *American Journal of Family Therapy*, 29, 325-335.
- IBGE. (2008). Anuário Estatístico Brasileiro. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro: Agir.
- Kalmijn, M.. (1998) Intermarriage and homogamy: causes, patterns, trends. *Annual Review of Sociology*, Palo Alto, v. 24, p. 295-421.
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1995). Assessing longitudinal change in marriage: An introduction to the analysis of growth curves. *Journal of Marriage and the family*, 57, 1091-1108.
- Kaslow, F. & Hammerschmidt, H. (1992). Long-term "good" marriages: the seemingly essential ingredients. *Journal of Couples Therapy*, 3(2/3), 15-38.
- Kaslow, F & Schwarts. (1995). As dinâmicas do divórcio. Uma perspectiva de ciclo vital. *Editorial Psy*.
- Knudson-Martin, C & Mahoney, A.R.. (1998). Language and process construction of equality in new marriages. *Family Relations: Interdisciplina of Applied Family Studies*, (47), 81-91.

- Laurets, T. A tecnologia do gênero (1994). *In*: Hollanda, B.H. Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco.
- Linke, D..(2005). A importância da religião. Revista Viver, Mente e Cérebro, Editora Duetto.
- Maldonado, Jorge E. (1996) *Fundamentos Bíblicos – Teológicos do casamento e da família*. Viçosa: Ultimato.
- Magalhães, M.D.B.; Souza, E.C.B.. (2002) Os pentecostais: entre fé e a política. Rev. Bras. His. Vol 22, n 43.
- Maciel, Jr., P. de A. (1999). E agora José? Uma contribuição para o entendimento da concepção masculina de intimidade no relacionamento conjugal, Mestrado em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Maciel, Jr., P. de A. (2006). Tornar-se Homem. O projeto masculino na perspectiva de gênero, Doutorado em Psicologia Clínica, PUC-SP.
- Marks, L. (2005) How does religion influence marriage? Christian, Jewish, Mormon, and Muslim perspectives. *Marriage & Family Review*, New York, v. 38, n.1, p. 85-111.
- Mariano, R.. (2005) Neopentecostais – Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola.
- Martin, L.E. (org.) (2000) *The Topeka Outpouring*. 2ª ed. Joplin, Christian Life Books.
- Massimi, M., Mahfoud, (1999) M. *Diante do mistério: Psicologia e senso religioso*. São Paulo: Loyola.
- Mytko, J.J. (1999) Knight SJ. Body, mind and spirit: Towards the integration of religiosity and spirituality in cancer quality of life research. *Psychooncology*;8:439-50
- Mosmann, C. P.; Wagner, A.; Féres-Carneiro, T. (2006) Qualidade Conjugal: Mapeando conceitos. *Paideia (Ribeirão Preto)*, v.16, n.35, p.315-325.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., & Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9, 575-584
- O'Leary, R. Modernization and religious intermarriage in the Republic of Ireland. *British Journal of Sociology*, Oxford, v.52, n.4, p.647-665, 2001.

Olson, H.D.. (2003) An arrangement of marriages: The seven basic types of marriages and what they're built on. Disponível em: <<http://www.psychologytoday.com/articles/199301/arrangement-marriages>>

Peirano, M.. (2003) Rituais Ontem e Hoje. Editora Jorge Zahar.

Perlin, G. & Diniz, G. (2005). Casais que trabalham e são felizes: mito ou realidade? *Psicologia clínica*, 17 (2), 15-29.

Pinezi-Barbosa, A.K.L. (1999). *A família da fé em tempos modernos: uma interpretação sobre constituição familiar, relações de gênero e sexualidade entre presbiterianos*. Dissertação de mestrado não publicada, programa de pós-graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP.

Rocha-Coutinho, M.L. (1998). A análise do discurso em Psicologia: Algumas questões, problemas e limites. Em L. Souza, M.F.Q. Freitas & M.M.P. Freitas (Orgs.), *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes* (PP.317-345).

Rodolpho, A.L.. (2004) *Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão bibliográfica*. Revista Estudos Teológicos. Volume 44, n. 2.

Rouché, M. (2005) Casamento, uma Invenção Cristã, ensaio publicado na revista História Viva em novembro de 2005, Ed. Duetto.

Rubin, Z., Hill, C. T., Peplau, L. A. & Dunkel-Schetter, C. (1980). Self-disclosure in dating couples: Sex roles and the ethic of openness. *Journal of Marriage and the Family*, 42, 305-317.

Rudolph, K.D., Denning, M.D. & Weisz, J.R. (1995). Determinants and consequences of children's coping in the medical setting conceptualization, review, and critique. *Psychological Bulletin* 118, 328-357.

Rusbult, C. E. (1983). A longitudinal test of the investment model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101-117.

Saffioti, H.I.B. (1992) Rearticulando gênero e classe social. In: Costa, A.O.; Ruschini, C. (Orgs.) Uma Questão de gênero. São Paulo ; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.

Sanderson, C. A., Cantor, N. (1997). Creating satisfaction in steady dating relationships: The role of personal goals and situational affordances. *Journal of Personality & Social Psychology*, 73(6), 1424-1433.

Schumm, W. R., Paff-Bergen, L. A., Hatch, R. C., Obiorah, F. C., Copeland, J. E., Meens, L. D. & Bugaighis, M. A. (1986). Concurrent and discriminant validity of the Kansas Marital Satisfaction Scale. *Journal of Marriage and the Family*, 48, 381-388.

Sharlin, S., Kaslow, F.W, Hammerschmidt, H.. (2000) A multinal picture of long-term marriages. The Haworth Clinical Practice Press.

Siepierski, P.D.; M. Gil, B.M.. (2007) Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens. 2007,160 páginas

Simpson, J. A. (1987). The dissolution of romantic relationships: Factors in relationship stability and emotional distress. *Journal of Personality and Psychology*, 53, 683-692.

Simões, J., Souza, R.M. (no prelo)

Spanier, G. B. (1976). Measuring dyadic adjustment: New scales for assessing the quality of marriage and similar dyads. *Journal of Marriage and the Family*, 38, 15-28.

Sotto-Mayoir, I.M.B.; Piccinini, C.A. (2005) Relacionamento conjugal e depressão materna. *Psico. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*. v. 36, n 2, pp. 135-148, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://caioba.pucrs.br/fo/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1383/1083>>.

Souza, R.M.. (2000) Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. *Psic.: Teor. e Pesq.*, vol.16, n.3, pp. 203-211.

Souza, R.M. "Mediação de conflitos: pacificando e prevenindo a violência", organizado por Malvina Ester Muszkat. Capítulo 4, mediação social: uma experiência de trabalho em comunidade de baixa renda", Summus Editorial, 2003.

[The Family in America, New Research \(digital archive\), março/97-julho/96.](#)

Vainfas, R.. (1992) Casamento, Amor e Desejo no Ocidente Cristão. Editora Ática.

Verdi, M.S.. (2003) Nível de conflito em diferentes áreas do relacionamento conjugal e qualidade do ajustamento conjugal. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, s.n.,112p.

Villa, M.B.. (2002) Habilidades sociais conjugais em casais de diferentes filiações religiosas. 115 p. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2002. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09092002-105102/publico/Tese_Mestrado.pdf..

Villa, M. B., Del Prette, Z.A.P., Del Prette, A.. Habilidades sociais conjugais e filiação religiosa: um estudo descritivo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.12, n.1, PP.23-32, 2007.

Wagner, A., Falcke, D. (2001) Satisfação conjugal e transgeracionalidade. Uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia (PUC/RJ)*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 11-26. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/uni/poa/psico/pos/relacoesfamiliares/artigos/13.pdf>>.

Williams, L.M.; (2001) Lawler, M.G. Religious heterogamy and religiosity. A comparison of interchurch and same-church individuals. *Journal of the Scientific Study of Religion*, Malden, v. 40, n.3, p. 465-478.

Wolfinger, N.H., (2008) Wilcox, W. B. Happily Ever After? Religion, Marital Status, Gender and Relationship Quality in Urban Families. *Social Forces*, v. 86, n.3, pp.1311-1337

Wong, W.Y. (2008) Managing Conflicts in a Marriage Signs of Marital Discord and Tips to Handle It, Disponível em: < http://marital-conflict-negotiation.suite101.com/article.cfm/managing_conflicts_in_a_marriage#ixzz0rs8rP72U>

ANEXO A

Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa Clínica

Eu, _____, estou ciente de participar do presente trabalho “Compreendendo a manifestação da religião no casamento evangélico” de autoria da psicóloga Cíntia Gemmo Vilani que está sendo feito como parte da dissertação de Mestrado do Programa de Psicologia Clínica da Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), no núcleo Família e Comunidade, sob orientação da Profª Drª Rosane Mantilla de Souza, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre e, de acordo com as diretrizes e normas regulamentadas de pesquisa envolvendo seres humanos atendendo à Resolução n.º 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde – Brasília – DF.

Compreendo que a minha participação é voluntária e que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Estou ciente que irei apenas responder ao conjunto de questionários, com fácil aplicação e de baixo risco e, autorizo a execução deste trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo no meio científico, sabendo que meu nome ou identificação não serão revelados, visto que para manter a confidencialidade de meus registros o pesquisador usará envelopes selados para a devolução contendo como remetente e destinatário a pesquisadora deste trabalho. Fui informado de que não serei remunerado pela minha participação. Qualquer dúvida em relação à pesquisa ou à minha participação, antes, durante e depois de meu consentimento, serão respondidas pela pesquisadora responsável, cujos dados de contato já foram fornecidos e estão presentes no rodapé deste documento. Declaro que li todas as informações acima e confirmo que recebi cópia deste termo de consentimento.

Nome do Participante: _____

Assinatura: _____

CPF: _____ Data: ____/____/20____

Contato da Pesquisadora

Psicóloga Cíntia Gemmo Vilani - (011) 8284-5121

correio eletrônico: cgvilani@uol.com.br skype: cintiavilani

ANEXO BQ. I. Parte A. Informação Geral

1. Sexo: () masculino () feminino
2. Idade _____
3. Idade do cônjuge: _____
4. Seu estado civil atual:

() Primeiro casamento	() Separado	() Mora junto
() Segundo casamento	() Divorciado	
() 3º ou mais casamentos	() Viúvo	
5. Possui filhos? () Sim () Não
6. Número de filhos do casamento anterior: _____
7. Número de filhos do casamento atual: _____
8. Idade dos filhos: _____
9. Em relação à escolaridade:

() Ensino fundamental completo	() Ensino fundamental incompleto
() Ensino médio completo	() Ensino médio incompleto
() Graduação completa	() Graduação incompleta
() Curso de pós graduação completo	() Curso pós graduação incompleto
10. Você desenvolve atividade remunerada?

() Sim, o dia todo	() Sim, meio período
() Sim, horário flexível	() Não
11. Como você avalia a sua situação financeira?

() Excelente	() Muito boa	() Boa
() Média	() Ruim	() Muito ruim

12. Como você avalia a sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?

- () Excelente () Muito boa () Boa
 () Média () Ruim () Muito ruim

13. Como foi avaliada sua situação profissional atual?

- () Excelente () Muito boa () Boa
 () Média () Ruim () Muito ruim

Q.I. Parte B – Religião e Família de Origem

1. Qual a religião do seu pai? _____

- () não praticante () praticante () convertido (batizado nas águas)

2. Qual a religião da sua mãe? _____

- () não praticante () praticante () convertido (batizado nas águas)

3. Qual o estado conjugal atual dos seus pais?

- () casados
 () divorciados Casaram novamente: () sim () não
 () viúvos Casaram novamente: () sim () não

4. Seus pais são/foram casados na igreja? () sim () não

5. Na sua opinião, a religião tem/teve influência na relação dos seus pais:

- () alto () médio () baixo () nulo

6. Você teve formação religiosa de qual orientação?

- () Católica Romana () Evangélica Tradicional () Doutrina Espírita
 () Católica Brasileira () Evangélica Pentecostal () Outra: _____
 () Católica Ortodoxa () Evangélica Neopentecostal () Nenhuma

7. Você foi educado na religião:

dos seus pais (pai e mãe de mesma religião) parente, quem? _____

da sua mãe do seu pai outra pessoa, qual ? _____

8. Qual a sua orientação religiosa atual?

Católica Romana Evangélica Tradicional Doutrina E

Católica Brasileira Evangélica Pentecostal Outra: ____

Católica Ortodoxa Evangélica Neopentecostal

9. Em relação à sua orientação, considera-se:

praticante não praticante convertido (batizado nas águas)

10. Você comemora junto com a sua família de origem datas religiosas? sim não

11. O seu cônjuge também participa? sim não

12. Você acha que ter sido educado em uma religião influenciou sua (você pode assinalar mais de 1 alternativa):

visão de mundo vida social

formação de personalidade vida afetiva

escolha profissional vida amorosa

13. Escreva os principais princípios de sua religião atual que influenciam sua vida:

Q.2 (DAS & PRL)

A maioria das pessoas tem divergências sobre os seus relacionamentos. Por favor indique abaixo a extensão aproximada de concordância ou divergência entre você e seu cônjuge para cada um dos itens da lista a seguir.

Por favor, assinale o número apropriado em cada caso - somente um - para indicar a resposta que melhor descreve a sua interação.

Concordam sempre	Quase sempre concordam	Ocasionalmente discordam	Freqüentemente discordam	Quase sempre discordam	Sempre discordam
1	2	3	4	5	6

1	Administração das finanças familiares	1	2	3	4	5	6
2	Recreação	1	2	3	4	5	6
3	Assuntos religiosos	1	2	3	4	5	6
4	Demonstração de afeto	1	2	3	4	5	6
5	Amigos	1	2	3	4	5	6
6	Relação sexual	1	2	3	4	5	6
7	Convenções sociais (comportamento apropriado)	1	2	3	4	5	6
8	Filosofia de vida	1	2	3	4	5	6
9	Modos de lidar com os pais e sogros	1	2	3	4	5	6
10	Crenças, objetivos e coisas consideradas importantes	1	2	3	4	5	6
11	Quantidade de tempo passado em conjunto	1	2	3	4	5	6
12	Tomada de decisões importantes	1	2	3	4	5	6
13	Tarefas da casa	1	2	3	4	5	6
14	Interesses e atividades de lazer	1	2	3	4	5	6
15	Decisões sobre a carreira	1	2	3	4	5	6

Todo o tempo	A maior parte do tempo	Muitas vezes	Ocasionalmente	Quase nunca	Nunca
1	2	3	4	5	6

16 Com que frequência você discute ou pensa em terminar seu relacionamento, divorciar-se ou separar-se? 1 2 3 4 5 6

17 Com que frequência você ou seu cônjuge sai de casa após uma briga? 1 2 3 4 5 6

18 Em geral, com que frequência, você pensa que as coisas vão bem entre você e seu cônjuge? 1 2 3 4 5 6

19 Você confia em seu cônjuge? 1 2 3 4 5 6

20 Você se arrepende de ter casado (ou de morar junto)? 1 2 3 4 5 6

21 Com que frequência você e seu cônjuge discutem? 1 2 3 4 5 6

22 Com que frequência você e seu cônjuge “tiram o outro do sério”? 1 2 3 4 5 6

23. Você é carinhoso com seu cônjuge?

Todo dia	Quase todo dia	Ocasionalmente	Raramente	Nunca
1	2	3	4	5

24 . Você e seu cônjuge estão engajados em atividades fora de casa juntos?

Todo o tempo	Quase todo o tempo	Algumas vezes	Muito raramente	Nunca
1	2	3	4	5

Com que frequência você diz que os seguintes eventos acontecem entre você e seu cônjuge?

Nunca	Menos que uma vez por mês	Uma ou duas vezes ao mês	Uma ou duas vezes por semana	Uma vez ao dia	Mais frequentemente
1	2	3	4	5	6

- 25 Ter uma troca estimulante de idéias 1 2 3 4 5 6
- 26 Rir juntos 1 2 3 4 5 6
- 27 Discutir calmamente alguma coisa 1 2 3 4 5 6
- 28 Trabalhar juntos num projeto 1 2 3 4 5 6

Há coisas sobre as quais os casais algumas vezes concordam e algumas vezes discordam. Indique se qualquer item abaixo causou diferenças de opinião ou foi um problema no seu relacionamento nas últimas semanas. (anote sim ou não)

- 29 Estar muito cansado para fazer sexo () Sim () Não
- 30 Não demonstrar amor () Sim () Não

- 31 O número de pontos na escala a seguir representa os diferentes graus de felicidade no seu relacionamento conjugal. O ponto do meio, “feliz”, representa a média de felicidade da maioria dos relacionamentos. Por favor, circule o número que melhor descreve o grau de felicidade, considerando o que aconteceu no seu relacionamento.

1 2 3 4 5 6 7

Extremamente infeliz	Razoavelmente infeliz	Um pouco infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Perfeito
-------------------------	--------------------------	---------------------	-------	-------------	-----------------------	----------

32. Qual das seguintes afirmações descreve melhor como você se sente sobre o futuro do seu relacionamento?

Marque somente uma.

- (a) Quero desesperadamente que meu relacionamento tenha sucesso e farei quase qualquer coisa para ver isso acontecer.
- (b) Quero muito que meu relacionamento tenha sucesso e farei tudo o que posso para que isso aconteça.
- (c) Quero muito que meu relacionamento tenha sucesso e farei a minha parte para que isso aconteça.
- (d) Seria legal que meu relacionamento desse certo, mas não posso fazer muito mais do que estou fazendo agora para ajudá-lo a ter sucesso.
- (e) Seria legal que meu relacionamento desse certo, mas me recuso a fazer mais do que estou fazendo agora para mantê-lo.
- (f) Meu relacionamento não pode nunca ter sucesso e não há mais o que fazer para mantê-lo.

Por favor, indique a extensão de concordância ou divergência entre você e seu cônjuge nos seguintes assuntos:

O assunto não é conversado	Sempre concordam	Quase sempre concordam	Ocasionalmente concordam	Frequentemente discordam	Quase sempre discordam	Sempre discordam
0	1	2	3	4	5	6

33	Filhos				0	1	2	3	4	5	6
34	Casos extraconjugais				0	1	2	3	4	5	6
35	Abuso de álcool, drogas, cigarro e comida				0	1	2	3	4	5	6
36	Temperamento do cônjuge				0	1	2	3	4	5	6
37	Atratividade, aparência pessoal				0	1	2	3	4	5	6
38	Ciúmes				0	1	2	3	4	5	6
39	Hábitos do cônjuge				0	1	2	3	4	5	6
40	Espaço e liberdade pessoal				0	1	2	3	4	5	6

Q.I. Parte C – Religião e Relacionamento Conjugal

- Há quanto tempo você conhecia seu/sua cônjuge quando vocês se casaram? _____
- Quanto tempo você e seu/sua cônjuge namoraram antes de se casarem? _____
- Há quanto tempo vocês estão casados? _____
- Quanto tempo vocês moraram juntos antes de casar? () não moramos () moramos por _____
- Que idade você tinha quando se casou? _____ E ele/a? _____
- Seu cônjuge tem a mesma orientação religiosa que a sua?
() Sim () Sim, convertido () Não, qual? _____
- Você se casou na igreja? () sim () não

8. Em que religião você se casou?

- () Católica Romana () Evangélica Tradicional () Doutrina Espírita
- () Católica Brasileira () Evangélica Pentecostal () Outra: ____
- () Católica Ortodoxa () Evangélica Neopentecostal

9. Para você qual o sentido e a importância de se casar na igreja?

10. Descreva os principais princípios de sua religião que atualmente influenciam em sua vida conjugual:

11. Com quem você conversa normalmente sobre seus problemas conjugais do dia a dia?

12. Quem geralmente o ajuda/orienta em caso de conflito conjugual?

13. As próximas questões se referem à situação descrita a seguir:

Um casal juntos há 6 anos, e com um filho de 3 anos, passa a viver uma crise no casamento após a esposa receber um promoção na empresa em que trabalha. Além de aumento do salário e uma série de benefícios, a promoção é vista pela esposa como uma ótima oportunidade de crescimento. Será necessária a mudança de cidade pela família e seu marido não concorda com isso, embora a mudança não acarrete interrupção em sua vida profissional, pois seu excelente currículo permitiria conseguir trabalho semelhante na outra cidade.

a) Como você acha que era a vida conjugal deste casal antes deste conflito?

Extremamente infeliz	Razoavelmente infeliz	Um pouco infeliz	Feliz	Muito feliz	Extremamente feliz	Perfeito
-------------------------	--------------------------	---------------------	-------	-------------	-----------------------	----------

b) Como você acha que irá ser resolvida essa situação?

() a esposa aceita a promoção e o marido resolve acompanhá-la

() a esposa aceita a promoção, mas o marido diz que só irá mudar após um tempo

() a esposa aceita a promoção, mas o marido não abre mão do emprego atual e pede a separação

() a esposa desiste da promoção

() Outra, qual? _____

c) Que conselho você daria para este casal?

d) Qual conselho você acha que o pastor da igreja que eles frequentam daria para ele?

e) Qual conselho você acha que a esposa do pastor da igreja que eles frequentam daria para ela?

f) Considerando a solução do conflito que você escolheu (item b) que influência esta situação terá na vida conjugal futura deste casal?

14. Considerando seu casamento, a respeito de que foi o principal conflito conjugal já vivenciado por vocês?

<input type="checkbox"/> Administração do dinheiro pessoal	<input type="checkbox"/> Quantidade de tempo passado em conjunto
<input type="checkbox"/> Administração do dinheiro familiar	<input type="checkbox"/> Tomada de decisões importantes
<input type="checkbox"/> Assuntos Religiosos	<input type="checkbox"/> Tarefas de casa
<input type="checkbox"/> Demonstração de afeto	<input type="checkbox"/> Interesses e atividades de lazer
<input type="checkbox"/> Amigos	<input type="checkbox"/> Decisões sobre a carreira
<input type="checkbox"/> Relacionamento Sexual	<input type="checkbox"/> Educação de filhos
<input type="checkbox"/> Convenções sociais (comportamento correto)	<input type="checkbox"/> Ter filhos
<input type="checkbox"/> Fidelidade	<input type="checkbox"/> Outro, qual?
<input type="checkbox"/> Modo de lidar com os pais e sogros	

15. Qual era sua visão da situação?

16. Qual era a visão de seu cônjuge?

17. Como estava sua vida conjugal naquele momento?

18. E sua vida pessoal?

19. Para quem você pediu ajuda ou orientação ou conselho? Cite até 3 indicando qual o papel dela (mãe/pai, amigo, pastor, chefe, terapeuta, fórum de discussão pela Internet, outra, qual?) e o que foi proposto?

Quem? _____

O que foi sugerido? _____

Quem? _____

O que foi sugerido? _____

Quem? _____

O que foi sugerido? _____

20. Como a situação se resolveu?

21. Como você se sentiu a respeito?

Muito Obrigada!!!

ANEXO C

Contraste entre mulheres satisfeitas e insatisfeitas

		Sum of Square	dif	Mean Square	F	Sig	Mea
Sexo	Between Groups	,000	1	,000	.	.	
	Within Groups	,000	16	,000			
	Total	,000	17				
Idade	Between Groups	1,344	1	1,344	1,379	,257	
	Within Groups	15,600	16	,975			
	Total	16,944	17				
Idade do cônjuge	Between Groups	2,500	1	2,500	2,581	,128	
	Within Groups	15,500	16	,969			
	Total	18,000	17				
Seu estado civil atual	Between Groups	2,178	1	2,178	1,085	,313	
	Within Groups	32,100	16	2,006			
	Total	34,278	17				
Possui filhos?	Between Groups	,011	1	,011	,049	,827	
	Within Groups	3,600	16	,225			
	Total	3,611	17				
Número de filhos do casamento anterior	Between Groups	1690,000	1	1690,000	1,778	,201	
	Within Groups	15210,500	16	950,656			
	Total	16900,500	17				
Número de filhos do casamento atual	Between Groups	484,102	1	484,102	,201	,660	
	Within Groups	36052,957	15	2403,530			
	Total	36537,059	16				
Em relação à escolaridade	Between Groups	,178	1	,178	,047	,831	
	Within Groups	60,100	16	3,756			
	Total	60,278	17				
Você desenvolve atividade remunerada?	Between Groups	,009	1	,009	,004	,949	
	Within Groups	29,429	14	2,102			
	Total	29,438	15				

Como você avalia a situação financeira?	Between Groups	,138	1	,138	,171	,685
	Within Groups	12,097	15	,806		
	Total	12,235	16			
Como você avalia a sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?	Between Groups	2,178	1	2,178	3,004	,102
	Within Groups	11,600	16	,725		
	Total	13,778	17			
Qual o estado conjugal atual dos seus pais?	Between Groups	,938	1	,938	1,141	,303
	Within Groups	11,500	14	,821		
	Total	12,438	15			
Seus pais são/foram casados na igreja?	Between Groups	,069	1	,069	,254	,621
	Within Groups	4,375	16	,273		
	Total	4,444	17			
Na sua opinião, a religião tem/teve influência na relação dos seus pais	Between Groups	,069	1	,069	,031	,863
	Within Groups	36,375	16	2,273		
	Total	36,444	17			
Você teve formação religiosa de qual orientação?	Between Groups	14,803	1	14,803	2,025	,174
	Within Groups	116,975	16	7,311		
	Total	131,778	17			
Você foi educado na religião	Between Groups	,119	1	,119	,090	,769
	Within Groups	17,214	13	1,324		
	Total	17,333	14			
Qual a sua orientação religiosa atual?	Between Groups	,011	1	,011	,008	,932
	Within Groups	23,600	16	1,475		
	Total	23,611	17			
Em relação à sua orientação, considera-se	Between Groups	,025	1	,025	,050	,826
	Within Groups	7,975	16	,498		
	Total	8,000	17			

Você comemora junto com a sua família de origem datas religiosas?	Between Groups	,168	1	,168	,718	,411
	Within Groups	3,270	14	,234		
	Total	3,438	15			
O seu cônjuge também participa?	Between Groups	,142	1	,142	,915	,354
	Within Groups	2,329	15	,155		
	Total	2,471	16			
Que idade você tinha quando se casou?	Between Groups	,100	1	,100	,005	,945
	Within Groups	327,900	16	20,494		
	Total	328,000	17			
Que idade seu/sua cônjuge tinha quando se casou?	Between Groups	19,136	1	19,136	,705	,414
	Within Groups	434,475	16	27,155		
	Total	453,611	17			
Seu cônjuge tem a mesma orientação religiosa que a sua?	Between Groups	,484	1	,484	1,629	,221
	Within Groups	4,457	15	,297		
	Total	4,941	16			
Você se casou na igreja?	Between Groups	,099	1	,099	,432	,521
	Within Groups	3,431	15	,229		
	Total	3,529	16			
Em que religião você se casou?	Between Groups	1116,544	1	1116,544	,568	,462
	Within Groups	31447,900	16	1965,494		
	Total	32564,444	17			

ANEXO D

Contraste entre homens satisfeitos e insatisfeitos

		Sum of Square	dif	Mean Square	F	Sig	Mea
Idade	Between Groups	,521	1	,521	,735	,406	
	Within Groups	9,917	14	,708			
	Total	10,438	15				
Idade do cônjuge	Between Groups	,021	1	,021	,054	,820	
	Within Groups	5,417	14	,387			
	Total	5,438	15				
Seu estado civil atual	Between Groups	,333	1	,333	,139	,715	
	Within Groups	33,667	14	2,405			
	Total	34,000	15				
Possui filhos?	Between Groups	,000	1	,000	,000	1,000	
	Within Groups	3,000	14	,214			
	Total	3,000	15				
Número de filhos do casamento anterior	Between Groups	800,333	1	800,333	,700	,417	
	Within Groups	16006,667	14	1143,333			
	Total	16807,000	15				
Número de filhos do casamento atual	Between Groups	11,021	1	11,021	,006	,942	
	Within Groups	28014,917	14	2001,065			
	Total	28025,938	15				
Em relação à escolaridade	Between Groups	,750	1	,750	,198	,663	
	Within Groups	53,000	14	3,786			
	Total	53,750	15				
Você desenvolve atividade remunerada?	Between Groups	,333	1	,333	,264	,615	
	Within Groups	17,667	14	1,262			
	Total	18,000	15				
Como você avalia a situação financeira?	Between Groups	,750	1	,750	,700	,417	

	Within Groups	15,000	14	1,071		
	Total	15,750	15			
Como você avalia a sua condição física comparada a de outras pessoas de sua idade?	Between Groups	,333	1	,333	,609	,448
	Within Groups	7,667	14	,548		
	Total	8,000	15			
Como você avalia a sua situação profissional atual?	Between Groups	,083	1	,083	,152	,702
	Within Groups	7,667	14	,548		
	Total	7,750	15			
Qual o estado conjugal atual dos seus pais?	Between Groups	1,688	1	1,688	2,305	,151
	Within Groups	10,250	14	,732		
	Total	11,938	15			
Seus pais são/foram casados na igreja?	Between Groups	,021	1	,021	,074	,789
	Within Groups	3,917	14	,280		
	Total	3,938	15			
Na sua opinião, a religião tem/teve influência na relação dos seus pais	Between Groups	,083	1	,083	,045	,834
	Within Groups	25,667	14	1,833		
	Total	25,750	15			
Você teve formação religiosa de qual orientação?	Between Groups	,064	1	,064	,018	,896
	Within Groups	39,167	11	3,561		
	Total	39,231	12			
Você foi educado na religião	Between Groups	,750	1	,750	,420	,527
	Within Groups	25,000	14	1,786		
	Total	25,750	15			
Qual a sua orientação religiosa atual?	Between Groups	,021	1	,021	,033	,859
	Within Groups	8,917	14	,637		
	Total	8,938	15			
Em relação à sua orientação, considera-se	Between Groups	,333	1	,333	,700	,417

	Within Groups	6,667	14	,476		
	Total	7,000	15			
Você comemora junto com a sua família de origem datas religiosas?	Between Groups	,188	1	,188	,700	,417
	Within Groups	3,750	14	,268		
	Total	3,938	15			
O seu cônjuge também participa?	Between Groups	,021	1	,021	,085	,774
	Within Groups	3,417	14	,244		
	Total	3,438	15			
Há quanto tempo você conhecia seu/sua cônjuge quando vocês se casaram?	Between Groups	,083	1	,083	,206	,657
	Within Groups	5,667	14	,405		
	Total	5,750	15			
Quanto tempo você e seu/sua cônjuge namoraram antes de se casarem?	Between Groups	,333	1	,333	1,000	,334
	Within Groups	4,667	14	,333		
	Total	5,000	15			
Há quanto tempo vocês estão casados?	Between Groups	6,021	1	6,021	4,577	,051
	Within Groups	18,417	14	1,315		
	Total	24,438	15			
Quanto tempo vocês moraram juntos antes de casar?	Between Groups	,067	1	,067	,371	,553
	Within Groups	2,333	13	,179		
	Total	2,400	14			
Se sim, quanto tempo moraram juntos antes de casar?	Between Groups	8930,250	1	8930,250	17,640	,052
	Within Groups	1012,500	2	506,250		
	Total	9942,750	3			
Que idade você tinha quando se casou?	Between Groups	60,750	1	60,750	3,650	,077
	Within Groups	233,000	14	16,643		
	Total	293,750	15			

Que idade seu/sua cônjuge tinha quando se casou?	Between Groups	12,000	1	12,000	,884	,363
	Within Groups	190,000	14	13,571		
	Total	202,000	15			
Seu cônjuge tem a mesma orientação religiosa que a sua?	Between Groups	,021	1	,021	,066	,801
	Within Groups	4,417	14	,315		
	Total	4,438	15			
Você se casou na igreja?	Between Groups	,083	1	,083	,318	,582
	Within Groups	3,667	14	,262		
	Total	3,750	15			
Em que religião você se casou?	Between Groups	184,083	1	184,083	,085	,774
	Within Groups	30193,667	14	2156,690		
	Total	30377,750	15			

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)